

NE OBLIVISCARIS

TRYGLAV

...AND OCEANS

HOOFFMARK

VEZUS

Deviser

De regresso do deserto

**Alexander
Jansson**

Tétricos... e fofos

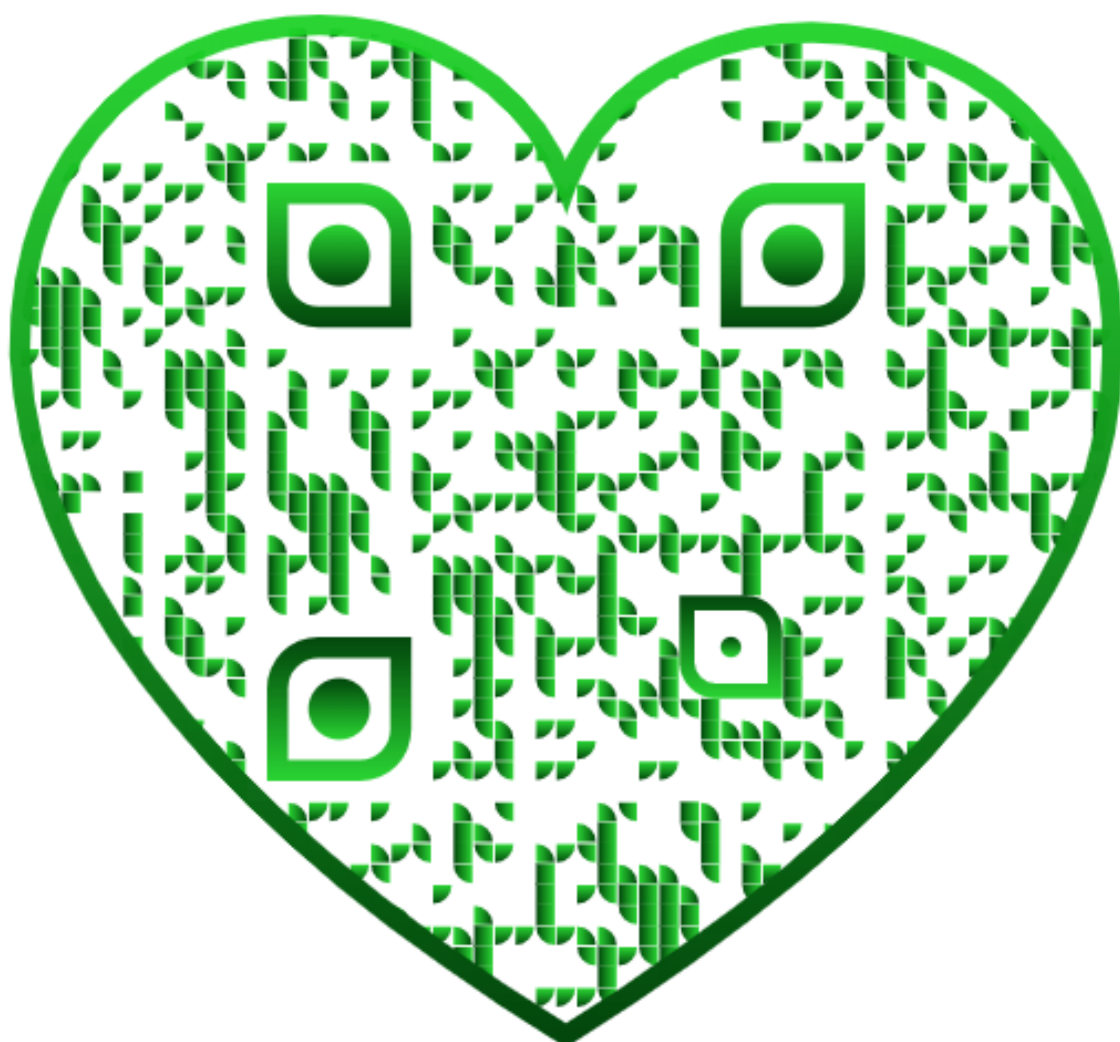
Oak

Uma banda de fôlego

TOBIAS SAMMET'S

AVANTASIA

DA LUA E OUTROS MISTÉRIOS



EDITORIAL



Chegados à edição #62 da revista Versus Magazine, temos na capa uma voz. Uma voz que é inconfundível, quer se simpatize ou não, o timbre de Tobias Sammet é único e reconhece-se-lhe a autenticidade em segundos. O músico germânico deu-se a conhecer através do projecto Edguy, que seguramente não será um nome estranho a quem acompanha a cultura do heavy metal desde meados dos anos 90. Anos mais tarde, com o esforço que nomeou de Avantasia, Tobias criou a montra da sua genialidade. Mesmo para quem não tenha seguido de perto este surgimento, pela quantidade de músicos, mas acima de tudo pela sua qualidade, que participavam em Avantasia como convidados, eram facto comprovado de uma ambição e visão bem sucedidas. Assumo que sou um desses para quem “The Metal Opera pt. 1 & 2” não passou ao lado, mas nos quais também não mergulhei de cabeça. Mesmo assim, o respeito e reconhecimento sempre estiveram na minha noção.

Chegamos agora ao presente e ao nono disco “A Paranormal Evening With the Moonflower Society”, mais de vinte anos depois do início da aventura, ficando mais uma vez comprovada a viabilidade e o sucesso das ideias de Tobias Sammet. Com isto, dou por mim a revolver justificação para o porquê do projecto Avantasia nunca se ter estreado em concerto em Portugal. Não seremos muitos, ou pelos menos bastantes, que justifiquem a reserva de uma, duas salas, ou a presença num dos “nossos” festivais? Levantem a mão para que vos possa contar, não sejamos tímidos. Eu sei, isto só não chega. É preciso também a iniciativa.

Continuemos então atentos ao que por cá se vai fazendo. Caminhamos em direcção ao Verão, há algumas tours para assistir e a lista de festivais já está bem preenchida. Depois do regresso do SWR Barroselas Metalfest (23ª edição), teremos o Laurus Nobilis Music Fest, Vagos Metal Fest, Sonic Blast, Woodrock, Milagre Metaleiro, Evil Live entre muitas outras iniciativas. E também com gáudio que vejo os “nossos” Gaerea e Moonspell a embarcarem recentemente em digressões além-fronteiras e além-europa, diga-se. Por cá, o meio continua agitado e vivo. Estejamos atentos, façamos parte.

Emanuel Roriz

VERSUS MAGAZINE

Rua José Rodrigues Migueis 11 R/C
3800 Ovar, Portugal
Email: versusmagazinept@gmail.com

INSTAGRAM

[versusmagazinept](https://www.instagram.com/versusmagazinept)

FACEBOOK

[versusmagazinepage](https://www.facebook.com/versusmagazinepage)

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

Download Gratuito

DIRECÇÃO

Adriano Godinho, Eduardo Ramalhadeiro
& Ernesto Martins

GRAFISMO

Eduardo Ramalhadeiro & JP Madaleno

COLABORADORES

Adriano Godinho, Carlos Filipe, Cristina Sá, Dico, Eduardo Ramalhadeiro, Eduardo Rocha, Elsa Mota, Emanuel Roriz, Ernesto Martins, Frederico Figueiredo, Gabriel Sousa, Gabriela Teixeira, Helder Mendes, Hugo Melo, Ivo Broncas, João Paulo Madaleno, Nuno Lopes, Victor Hugo e Victor Alves

FOTOGRAFIA

Créditos nas Páginas

CAPA

Foto: Kevin Nixon

Todos os direitos reservados. A VERSUS MAGAZINE está sob uma licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a Obras Derivadas 2.5 Portugal.

O UTILIZADOR PODE:

copiar, distribuir, exhibir a obra

SOB AS SEGUINTES CONDIÇÕES:

ATRIBUIÇÃO - O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

USO NÃO-COMERCIAL. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.

NÃO A OBRAS DERIVADAS.

O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

48



CONTEÚDO

Nº62

05 TRIAL BY FIRE

06 NOTÍCIAS

08 AZORES & METAL

10 NE OBLIVISCARIS

13 EMANUEL RORIZ A CULPA É DO CEMITÉRIO

14 HURONIAN

18 GABRIELA TEIXEIRA THE GIRL WITH THE

KALEIDOSCOPE EYES

20 A FOREST OF DREAMS

22 CRÍTICAS VERSUS

33 GABRIEL SOUSA (SU)POSIÇÕES

34 CRÍTICAS VERSUS

36 ...AND OCEANS

38 TULUS

40 TRYGLAV

42 IVO BRONCAS POSTAS DE PESCADEIRA

44 OAK

46 ALBUM VERSUS HAKEN

56 DEVISER

59 PLAYLIST

60 ALEXANDER JANSSON

66 ANTRO DE FOLIA INSTRUMENTAL COVERS

70 PALETES DE METAL

100 HOOFMARK

102 IRAE

104 DODICI CILINDRI

SOËN

MEMORIAL TOUR 2023

PLUS SPECIAL GUEST

04.10

PORTO

HARD CLUB

05.10

LISBOA

LISBOA AO VIVO



»TICKETLINE

Trial by Fire

Obra - Prima 5

Excelente 4

Esforçado 3

Esperado 2

Básico 1

	Adriano Godinho	Carlos Filipe	Eduardo Ramalhadeiro	Emanuel Roriz	Ernesto Martins	Gabriel Sousa	Gabriela Teixeira	Helder Mendes	Hugo Melo	JP Madaleno	MÉDIA
 AUTUMN TEARS Guardian Of The Pale (The Circle Music)	4,0	4,5	2,5	—	—	2,5	4,0	—	—	3,5	3,5
 FALL OF STASIS The Chronophagist (Independent)EWW!!	3,5	3,5	2,5	3,0	—	2,0	4,0	—	—	4,0	3,1
 FUNERAL WINDS Stigmata Mali (Osmose Productions)	2,0	1,5	—	5,0	—	1,0	3,0	—	—	3,5	2,3
 HAKEN Fauna (InsideOut Music)	4,5	2,5	4,5	3,5	—	4,0	4,5	—	—	4,0	4,1
 IN FLAMES Foregone (Nuclear Blast)	3,0	1,0	2,0	3,5	—	2,0	3,0	—	—	3,5	2,6

Soltas

- Os **Rammstein** regressam a Lisboa, no próximo dia **26 de Junho**, para um concerto, que se espera escaldante, como já é habitual. Esta tour dos colossos germânicos é também notícia pelo seu carácter de empatia e acessibilidade com os fãs cegos ou portadores de baixa visão. A banda liderada por Till Lindemann oferece visitas guiadas ao palco, antes de cada concerto, a todos os fãs que tenham bilhete e comprovarem com um atestado médico a sua limitação visual. Os fãs agradecem e toda a gente aplaude este gesto de verdadeira inclusão.
- Os **Metallica**, como forma de celebrarem o dia da língua gestual americana, 15 de Abril, fizeram uma parceria com a Deaf Professional Arts Network (DPAN) e com a empresa da conhecida interprete de língua gestual Amber Galloway para lançar vídeos de todos os temas do mais recente **«72 Seasons»** acompanhados por língua gestual, que entretanto já se encontram disponíveis no Youtube. O projecto foi abraçado por vários interpretes e aplaudido pelos fãs que esperam que iniciativas com esta se espalhem a outras bandas. Em nome da inclusão, todos agradecemos.
- O heavy metal está órfão daquela que é considerada a sua melhor voz de sempre, há exactamente 13 anos! **Ronnie James Dio** faleceu no dia 16 de Maio de 2010, com 68 anos. A sua carreira é sobejamente conhecida entre todos os fãs das sonoridades mais pesadas e o seu talento será sempre celebrado de cada vez que alguém ouvir um disco de ELF, Rainbow, Black Sabbath, Dio e Heaven & Hell. \m/
- **Fernando Ribeiro**, vocalista dos Moonspell, acaba de lançar o seu segundo livro com o título **Café Kanimambo**. Depois de se ter estreado na escrita de ficção com Bairro Sem Saída, o músico português entrega-nos mais uma narrativa com todos os ingredientes que o tornaram famoso.
- Os portugueses **Elitium** estão de volta às edições discográficas. A ser lançado em Maio deste ano, o disco “Wrong” é mais uma proposta de death metal complexo e brutal, disponibilizado pela editora **Gruesome Records**. Depois da apresentação através do single “Tasteless” o disco encontra-se já disponível.
- **“Cansado”** é o novo disco dos **Vai-te Foder** que se encontra já disponível através da **Larvae Records**. Estando já disponível em CD, há ainda a promessa de em breve vir a ficar disponível em vinil. A acompanhar o lançamento foi também disponibilizado o vídeo-clip para o tema “Negros Dias”.
- **Max** e **Igor Cavalera** estão de novo a trabalhar juntos. Com um novo projecto simplesmente intitulado de **“Cavalera”**, re-gravaram já os discos com que se deram a conhecer ao mundo. “Bestial Devastation” e “Morbid Visions” foram regravados na totalidade e estão a ser disponibilizados pela editora Nuclear Blast. Para já, entre Agosto e Outubro, o projecto irá andar pela estrada numa digressão em solo norte americano.

ARISTOCRATS

GUTHRIE GOVAN

MARCO MINNEMANN

BRYAN BELLER



THE DEFROST TOUR

LISBOA - 23 JUNHO - LAV
PORTO - 24 JUNHO - HARD CLUB

Bilhetes à venda em bol.pt e locais habituais

TICKETS & MORE INFO: THE-ARISTOCRATS-BAND.COM

T / VERSUS MAGAZINE

AZORES & METAL VOL#2

“Podem não acreditar no Heavy Metal Açoriano, mas ele existe!”

Já diz o velho ditado castelhano “No creo en brujas, pero que las hay, las hay” e o mesmo se aplica ao heavy metal feito nos Açores.

Podem não acreditar nem dar qualquer crédito, mas ele existe e ninguém pode negar que está bem vivo. E o Museu Heavy Metal Açoriano (MHMA), vem pelo segundo ano consecutivo, provar que existe muito e bom metal no arquipélago.

Após o sucesso da edição do primeiro volume da compilação “Azores & Metal” no ano passado, este ano é editado o segundo volume, com uma seleção de músicas originais totalmente criadas por músicos Açorianos durante 2021/2022.

Foi um ano muito produtivo, resultado de várias iniciativas promocionais, alguma atividade nas redes sociais, onde muitas das bandas foram promovidas e a suas músicas escutadas e apreciadas, não só no continente, como além-fronteiras.

A existência desta compilação é motivação para que muitas das bandas existentes sentissem a necessidade de expor o seu trabalho, e outras encontraram aqui uma primeira oportunidade para se mostrarem.

E assim surge a “Azores & Metal Vol # 2”, uma compilação de 17 temas e 17 bandas, com algumas particularidades como só uma edição de colecionador tem:

- Da ilha Terceira, temos, novamente, a presença dos Depths of Mankind e dos Palha D’Aço, a estreia dos Damage Device e ainda M1KE, um projeto a solo de um músico terceirense que está atualmente a viver em Espanha, mas que já deixou marcas dos seus trabalhos no continente nacional.
- As restantes bandas são de S. Miguel, como os repetentes Drvzka, Venên, Dark Age of Ruin, Veia, Drakh e Riots at Lobe, e como estreias os After the Rain, Even Mind, Happy Kemper, Finding Sanity e The Absolute End. Isto para além dos veteranos In Peccatum e CrossFaith, que há muito não nos presenteavam com música nova.

Bandas e temas que compõem a compilação:

After the Rain “Destiny” / **Drvzka ft. Stepan Kobayakin** “Shell of the Beast”

Palha d’Aço “Hollow” / **Venên** “You can’t stop me” / **Even Mind** “Awake”

Happy Kemper “Hand Over a Candle” / **Depths of Mankind** “Pariah”

In Peccatum “Despondency” / **Drakh** “Crossing Spirits”

Finding Sanity “Fooled” / **Dark Age of Ruin** “From Northern Skies”

Veia “Bleed my Heart” / **The Absolute End** “Spiral”

Riots at Lobe (prod. Madatracker) “The Hipocrisy” / **M1KE** “Like a Thunder”

Crossfaith “Holding Hands With The Angels” / **Damage Device** “Nobody”

Este registo tem total apoio e promoção de perto de duas dezenas de entidades nacionais e algumas regionais.

É para o MHMA um orgulho ver desde rádios, labels, estúdios de gravação, webzines, e lojas da especialidade identificarem-se com este modesto projeto insular e tem por único objetivo promover e divulgar o que se faz nos Açores.

MUSEU DO HEAVY METAL AÇORIANO
Apresenta

Azores & Metal

VOL #II

"... a realidade do metal nos Açores"



BANDAS

After the Rain | Drvzka ft. Stepan Kobaykin | Palha d'Aço | Venên
Even Mind | Happy Kemper | Depths of Mankind | In Peccatum
Drakh | Finding Sanity | Dark Age of Ruin | Veia | The Absolute End
Riots at Lobe (prod. Madatraker) | M1ke | Crossfaith | Damage Device

Disponível a 11 Setembro 2022
Pre-orders 5 € (Portes Grátis)

Pedidos para mhma.2020@hotmail.com

<https://museuhmazores.bandcamp.com/album/v-a-azores-metal-vol-2>



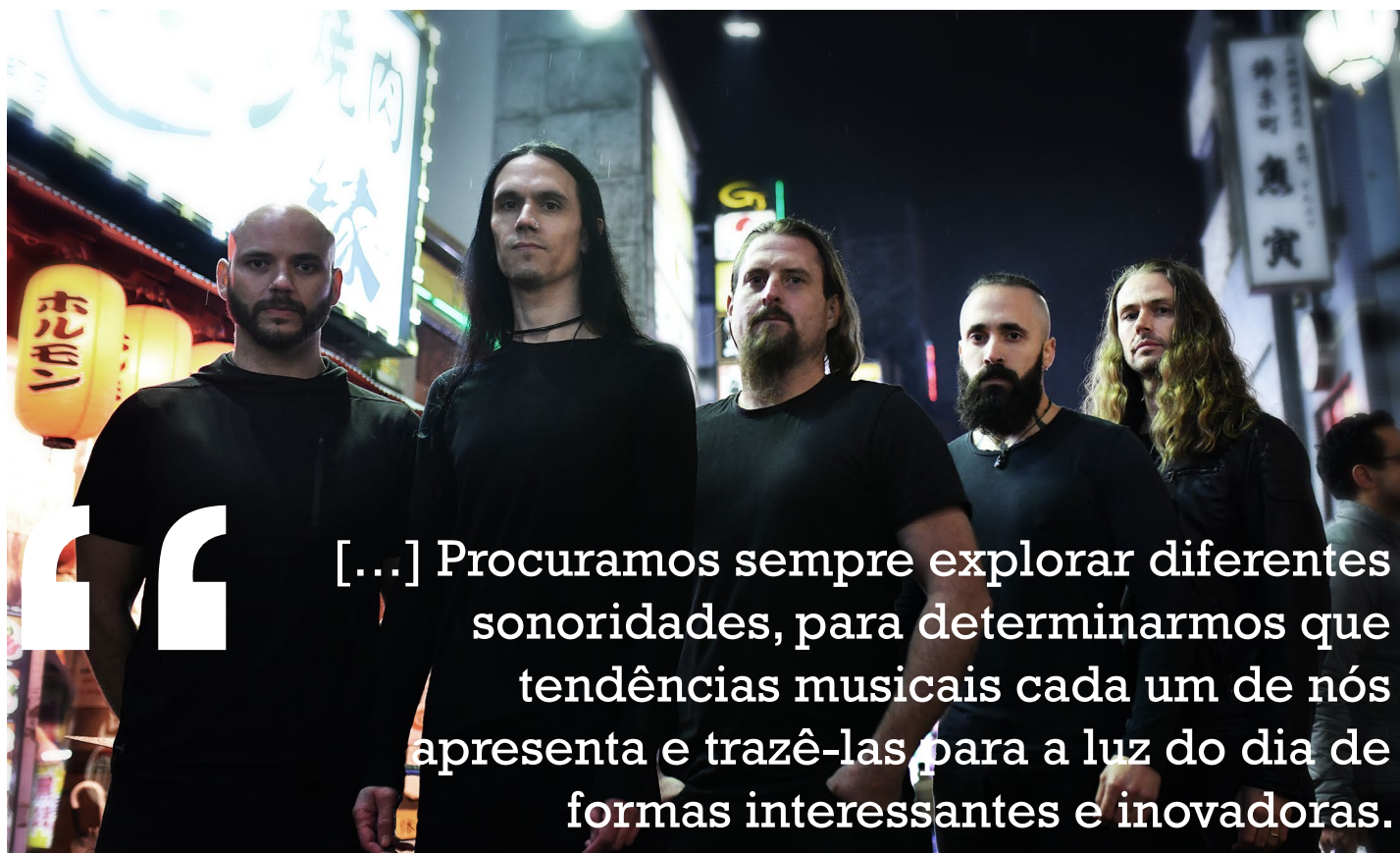


NE OBLIVISCARIS

MELODIA ENFEITIÇANTE

Depois de um interregno de seis anos, Ne Obliviscaris apresenta o seu quarto álbum: «Exul», a ser lançado pela Season of Mist. Tim Charles – uma das vozes da banda e também responsável pelo violino – fala-nos da odisseia que foi criar e gravar este álbum, que está aí para enfeitiçar os fãs e a crítica.

Entrevista: CSA



[...] Procuramos sempre explorar diferentes sonoridades, para determinarmos que tendências musicais cada um de nós apresenta e trazê-las para a luz do dia de formas interessantes e inovadoras.

Saudações, Tim! Espero que esteja bem contigo e com os outros membros da banda! E desejo a todos um maravilhoso 2023. Este álbum é espetacular. A faixa de abertura – “Equus” – já diz tudo: voz limpa e áspera, Metal progressivo, aquele violino enfeitiçador! E ainda se pode ouvir um piano noutras faixas. Que mais poderíamos querer! - Como vos veio à ideia esta forma poderosa de criar música?

Tim – Não é uma questão de “pensar”. A música que criamos sempre emergiu naturalmente de uma criatividade aberta ligada à nossa identidade musical. Procuramos sempre explorar diferentes sonoridades, para determinarmos que tendências musicais cada um de nós apresenta e trazê-las para a luz do dia de formas interessantes e inovadoras.

- Parece-te que a vossa música é angustiante (especialmente por causa do violino)?

Às vezes isso acontece! O adjetivo que me vem à cabeça é: “intensa”.

O tipo de emoções que se associa à música depende do indivíduo e da sua interpretação pessoal. Mas se as pessoas conseguem sentir essa intensidade emocional que se manifesta na nossa música, isso é maravilhoso.

- Como se organizaram para criar este álbum?

A escrita do álbum começou em maio de 2019, quando nos encontramos uma semana antes de darmos início à nossa digressão pela Austrália. Durante essas sessões de composição, delineámos várias canções que foram incluídas no álbum e depois continuámos o trabalho online. Todos temos estúdios em casa para gravar as nossas ideias e ir construindo as canções, visto que vivemos em 3 países diferentes atualmente.

- E para o gravar?

Este álbum é bastante diferente dos anteriores. O Dan foi para Nashville (EUA) para gravar as partes de bateria com o Mark Lewis em março de 2020. Quando

regressou, lá por meados de março, supostamente seria seguido pelo nosso produtor – o Mark Lewis (EUA) –, o guitarrista Benjamin Baret (França) e o baixista Martino Garattoni (Itália), mas a pandemia instalou-se e as fronteiras foram fechadas. Isso pôs termo a todos os nossos planos para a gravação. Acabámos por ter de gravar o álbum em 4 países, em 9 estúdios diferentes durante mais de 2 anos devido a todas as complicações decorrentes da pandemia. Para ser franco, em muitas ocasiões o processo converteu-se numa verdadeira tortura e houve mesmo momentos em que receámos nunca vir a acabar este álbum. O que me ajudou a aguentar até ao fim foi a ideia de que estas canções eram realmente especiais e que, por isso, tínhamos mesmo de encontrar uma forma de concluir a gravação para podermos partilhá-las com o mundo. Estou animadíssimo, porque esse momento finalmente chegou.

O exílio parece ser o tema principal deste álbum (tendo em conta o título).

- Algum de vocês se sente exilado?

Decidimos chamar «Exul» ao álbum, porque essa palavra encerra em si o sentimento geral do álbum e das letras. Quanto à forma como nos sentimos, penso que realmente, durante 2020/21, no meio da pandemia, muitos de nós se sentiram exilados, afastados da nossa forma normal de levar a vida. O sentimento de estarmos separados dos outros, de estarmos proibidos de contactar com as outras pessoas da forma habitual foi algo que muitos viveram com muita dificuldade, incluindo eu. O álbum não trata exatamente esse tema, mas acaba por estar muito relacionado com o que se tem passado no mundo nestes últimos tempos.

- Como relacionam esse tema central com os tópicos abordados nas canções? [Estou a pensar especialmente em “Equus”, porque a relação com as outras canções é mais fácil de perceber. Li os comentários sobre essa canção que acompanhavam a versão divulgada no YouTube e fiquei muito impressionada, porque gosto muito de animais. E também porque houve pessoas que perderam a vida nesses incêndios.] Costumam fazer canções sobre acontecimentos específicos?

Quando compomos, o que surge sempre primeiro é a música. Geralmente começamos por escrever toda a música sem qualquer tema em mente para aquela canção. Queremos criar algo dotado de intensidade emocional, que depois possa ser relacionado com temas variados que vão ser abordados nas letras. Assim que a canção está alinhavada, o Xen começa a pensar nos temas que lhe parece que podem ser associados à emoção que a música exprime. No caso de “Equus”, sinto que o tema escolhido se adapta perfeitamente à música e eu sou um apaixonado pelo tema da destruição do nosso

planeta e do papel que o ser humano tem desempenhado nesse processo.

Nesse vídeo, deixei um comentário sobre as partes de violino que são realmente extraordinárias.

- Onde aprendeste a tocar esse instrumento?

Toco violino desde os 6 anos. Dos 6 aos 17 anos, estudei com muitos professores de violino seguindo o método Suzuki e depois também estudei violino clássico e composição na Universidade de Melbourne, na Austrália. Somando tudo foi um processo que durou bem 20 anos.

- Por que tiveste a ideia de tocar esse instrumento numa banda de Metal que não se dedica ao Folk Metal?

Na realidade, inspirei-me em bandas como Apocalyptica, que tocam violino de uma forma muito Metal. A primeira vez que os ouvi a tocar violino com distorção foi realmente um momento espetacular para mim. Mas de facto não tinha muitos violinistas para me servirem de modelo, porque somos um grupo pouco numeroso na cena Metal, especialmente na categoria de membros das bandas. E, geralmente, os violinistas são membros de bandas de Folk Metal. Quando me tornei membro de Ne Obliviscaris, sentia-me especialmente influenciado por músicos como Jeff Loomis ou John Petrucci ou até John Coltrane e queria fazer um trabalho semelhante ao deles, mas a tocar violino num contexto de Metal. Penso que foi o facto de me inspirar em músicos que não são violinistas que me levou a desenvolver um estilo diferente de muitos outros violinistas da cena Metal.

A capa do álbum é magnífica. Foi o Marc (Campbell aka Xenoyr) que fez a arte para este álbum. [Parece-me ser o estilo dele e já o entrevistei como artista gráfico há alguns anos atrás.]

Sim, o Xen criou a arte e o trabalho

dele é realmente extraordinário! Estou felicíssimo por ter um artista tão maravilhoso na nossa banda.

Este é o quarto álbum da banda e vai ser lançado seis anos depois do seu antecessor.

- Precisaram de fazer uma pausa? Ou foi por causa da pandemia? [Desde esta crise mundial em 2020, tudo o que aconteceu antes desse ano parece que se passou há séculos atrás.]

Não tínhamos planeado fazer uma pausa e o atraso, tal como já referi, foi causado pela pandemia. Mas penso que esse tempo extra teve algumas consequências positivas. Sinto que ficámos revigorados e mais ansiosos do que nunca para retomar o contacto com o mundo e os nossos fãs.

- Já têm o quinto álbum na forja?

Bem, sim e não. Já temos ideias para esse álbum, mas primeiro temos de nos concentrar no lançamento deste antes de avançarmos para o próximo.

- E como tencionam promover este álbum?

Com uma grande digressão mundial! Incluindo os nossos primeiros concertos como cabeça de cartaz em Portugal! Vamos andar em digressão na Europa e no Reino Unido entre 5 de maio e 3 de junho. Estaremos no Mystic Festival, na Polónia, a 7 de junho. Vamos ser cabeça de cartaz em concertos nos EUA e no Canadá entre 5 de outubro e 13 de novembro. E queremos fazer o mesmo na Austrália, na Ásia e na América Latina. Queremos partilhar a nossa música com a maior audiência possível!

Facebook
Youtube



A culpa é do cemitério...

Por: Emanuel Roriz

Braga, Rua de S. Marcos, manhã de 24 de Dezembro. Juro que entrei na loja com o desejo claro de comprar o disco de canções de Natal do Jamie Cullum - «The Pianoman At Christmas». Seria a prenda de Natal para mim próprio, aquele tiro certo. Como devem estar a achar óbvio, a procura foi boa e não existiam exemplares disponíveis. É também óbvio que não ia sair dali de mãos a abanar. No canto superior esquerdo da estante, lá bem no alto, como se tratasse da estrela cintilante no topo da árvore de Natal, o disco do furioso coelho da Páscoa. Se o disco do Jamie Cullum nos leva de passeio pelas ruas de Nova Iorque, neve a cair e a árvore de Natal na frente do Rockefeller Center, «The Raging Wrath Of The Easter Bunny Demo», dos Mr. Bungle, é um instantâneo regresso ao passado. Aterramos em 1986, ano de ouro do thrash metal. Mike Patton, de quem estou certo, conhecem a voz, pois já ouviram «Easy» - ...like sunday morning - dos Faith No More dezenas e dezenas de vezes, convida o lendário Dave Lombardo a pegar nas baquetas e Scott Ian (Anthrax) a tocar o La Cucaracha ao estilo Speedy Gonzalez, enquanto nos avisa com toda a ira do coelhinho, que ou falamos espanhol, ou então perecemos.

Lamentei-me com o senhor da loja. Este não ia ser certamente o disco de eleição na noite de consoada. Ele que estava visivelmente empolgado enquanto ouvíamos «Habla Espanol O Muere», deu a dica...nada que um bom vinho, já depois do bacalhau, não resolva.





Huronian

Uma pedrada no charco

Começa com uma melodia etérea e segue com uma ferocidade inaudita! É assim que se apresenta o primeiro álbum da banda italiana Huronian, que promete dar que falar na cena Metal internacional. A não perder de maneira nenhuma!!!

Entrevista: CSA | JP Madaleno

CSA e JPM – Saudações! Esperamos que esteja tudo bem convosco!

CSA – Como nasceu Huronian?

Daniele – Isso aconteceu durante o primeiro confinamento devido à COVID. Eu e o Umberto (guitarra) andávamos a pensar em criar música juntos para além da que fazemos para Hateful (a nossa outra banda) e surgiu-nos a ideia de fazermos algo que se parecesse com uma banda de Melodic Death

Metal ou Black Metal do início ou dos meados dos anos 90. Não é preciso referir que somos ambos fãs de bandas escandinavas como At the Gates, Dissection, Dark Tranquillity dos primeiros tempos, Sacramentum, Eucharist, etc...

JPM – Onde foram buscar o nome da banda?

Huronian era um nome que eu tinha em mente já há uns tempos. Tem a ver com a expressão glaciação huroniana,

um acontecimento geológico que cobriu a Terra inteira de gelo há dois biliões de anos.

CSA – Na informação promocional enviada pela editora, fazes a ligação entre esta banda e as duas outras mencionadas (Hateful e Valgrind), porque és membro das três. Como as diferencias?

Na minha opinião, têm estilos muito diferentes! Além disso, as canções são escritas por pessoas diferentes... Eu escrevo a maior



parte do material em Hateful, enquanto o Umberto se encarrega da música e das letras em Huronian e Valgrind tem o Max como principal compositor. Huronian tem uma visão mais fantástica, tipo ficção científica comparada com as outras bandas. A música evoca atmosferas distantes e estranhas, e eu procuro dar-lhes vida com as minhas letras inspirando-me em mestres da literatura como Lovecraft, Gene Wolfe, Poe e Dan Simmons.

CSA – O título deste vosso lançamento – «As Cold as a Stranger Sunset» – é realmente bizarro, logo fascinante (pelo menos do meu ponto de vista). - O que significa este título para ti?

Escolhemos este título, porque queríamos dar ao ouvinte uma descrição do que poderia encontrar no álbum, do ponto de vista da música e das letras. É uma espécie de convite, uma previsão dos mundos que irão explorar,

quando carregarem no botão para começarem a ouvir o álbum.

- A que se referem as canções?

A inspiração veio sobretudo da literatura. Por exemplo, “Ever Burning” narra a guerra entre Deus e os Anjos Rebeldes descrita em “Paraíso Perdido” de Milton. O “Book of the New Sun” [“Livro do novo sol”] de Gene Wolfe inspirou as letras de canções como “Emissary of the Void” e “Shadow Cast by Eternal Sails”. Nem todos os temas abordados provêm de fontes literárias... “Birds Among Insects” é um exemplo que trata de nefilins [uma espécie de gigantes]. Portanto, mitos e lendas constituem também boas fontes de inspiração para as nossas canções.

JPM – Este álbum é concetual?

Não, cada canção conta a sua história.

CSA – Quais são as principais características do vosso som?

O nosso propósito é fundir melodia e emoção com uma abordagem

old school verdadeiramente brutal. Penso que conseguimos alcançar o nosso intento: as canções são rápidas e agressivas, mas, ao mesmo tempo, apresentam aquela melancolia escandinava que queríamos recriar. Há alguns elementos que podem parecer inesperados como as linhas de bateria inspiradas no Death/Grind e uma abordagem vocal do tipo Van Drunen. Mas são coisas que tornam a mistura mais pessoal. Não estamos aqui para copiar ninguém em particular.

CSA – A primeira vez que ouvi este álbum fiquei estupefacta pelo fantástico contraste entre a intro etérea e o caráter feroz/violento/esmagador da primeira canção. O álbum é todo uma fascinante mistura de beleza e horror. Concordas comigo?

Obrigado por essas gentis palavras. Sim, penso que esse efeito resulta do equilíbrio de que falávamos na resposta anterior... Gostamos de música “bonita”, mas também

de agressividade! Alguém descreveu o nosso som como “som de Gotemburgo alimentado a esteroides” e eu penso que é mesmo uma boa descrição.

JPM – Quando estava a ouvir o vosso álbum pela primeira vez, os meus ouvidos sentiram-se estimulados e ficaram mais atentos. Por curiosidade, como é costume, fui ver a informação sobre o lançamento e descobri que eram uma banda italiana. Não sei como explicar isto (talvez seja apenas ignorância), mas vocês soam mais como uma banda escandinava (da Suécia ou da Noruega).

- Concordam com esta ideia?
Sem dúvida. Isso acontece, porque muitas das nossas influências vêm dessa área. Não escondemos o facto. Mas, como já expliquei, estamos a desenvolver o nosso próprio estilo e outras experiências vividas pelos membros da banda dão um novo sabor ao nosso som.

JPM – Por outro lado, sem querer fazer comparações, há uma banda austríaca – Harakiri for the Sky – de que eu gosto mesmo muito e que vocês me lembram pela forma agressiva como tu cantas, Daniele, e pelo modo como a tua voz assente na perfeição nos registos mais rudes e vertiginosos guiada pela bateria do Marcello e também pelos riffs mais melódicos da guitarra do Umberto.

- Essa banda tem alguma influência na vossa conceção musical?

Tenho de admitir que só os conheço de nome, portanto não posso de modo nenhum ser influenciado pela sua música. Terei de perguntar ao Umberto. No

“Escolhemos este título, porque queríamos dar ao ouvinte uma descrição do que poderia encontrar no álbum, do ponto de vista da música e das letras. [...]”

geral, não nos deixamos inspirar por bandas contemporâneas (mesmo que sejam muito boas). Mas prometo ir ouvir a música deles!

JPM – Quais são as vossas principais influências musicais?

Os primeiros tempos da cena de Gotemburgo (At the Gates, Liers in Wait, Dark Tranquillity, os primeiros tempos de In Flames, Eucharist, Sacrilege), mestres do Death Black Metal sueco como Unanimated, Sacramentum, Dissection, algumas bandas gregas como Rotting Christ e Septic Flesh dos primeiros tempos e, acima de tudo... Iron Maiden, que – provavelmente – os influenciou a todos!

CSA – Adorei a capa da cassete. Podes explicar-nos o que fizeste, Daniele?

Obrigado. É um pormenor de uma paisagem estranha, que eu pinte para simbolizar a atmosfera do álbum. Representa um mundo estranho e desconhecido ainda por explorar. A capa completa só aparece na versão em CD.

CSA – E por que decidiram lançar também o vosso álbum em cassete? Não vos pareceu que isso poderia impedir os vossos fãs de ouvir a sua versão física?

Também fizemos um lançamento em CD pela Dolorem Records (França). E ainda há uma versão digital. Basta consultarem a nossa página no Facebook onde encontrarão toda a informação de que precisam.

CSA – Vocês são uma banda cheia de predicados, porque também fizeram a maior parte do trabalho de gravação do

álbum. Podes contar-nos como aconteceu isso?

O Umberto é um bom produtor e trabalhou durante anos para muitas outras bandas. Portanto, pareceu-nos lógico deixá-lo ocupar-se da mistura e da engenharia da maior parte do álbum. As únicas coisas que ele não gravou foram a bateria do Marcello e a minha voz. Esse trabalho foi feito pelo estúdio Art Distillery da nossa cidade natal: Modena. O álbum acabou por ser masterizado pelo Damian Herring da Horrendous Fame.

CSA – Última pergunta. A vossa editora informou-nos de que tencionam vir a Portugal em julho para apresentar o vosso álbum ao vivo. Querem deixar uma mensagem para os fãs portugueses?

Mal posso esperar pela oportunidade de partilhar a nossa música convosco!!! Vamos tocar ao Porto a 22 de julho com Deathfucker e uma banda local chamada Voidwomb! Esperamos que apareça muita gente. Mantenham-se informados sobre o evento consultando as páginas da Gruesome Records e de Huronian no Facebook e no Instagram! Que o Metal flua!!!

Facebook
Youtube

LAURUS

FAMALICÃO 2023

NOBILIS MUSIC

K A T A T O N I A

BATHOURA

Suicidal
Angels

CHAOSEVM

NATE

ADT
BOYSBAND GOREGRIND

Synlakross

XEQUEMATE

PITZY BLACK

Attiek
Demons

GRUNT - INHUMAN ARCHITECTS - GODARK

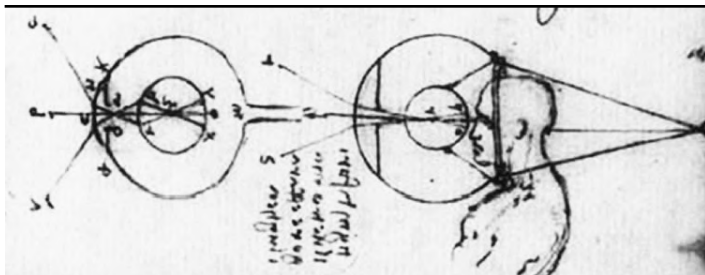
ANZV - APOTHEUS - DISHONOUR - JUNKBREED - HORUS

CAPE TORMENT - MARCO ARAUJO - GODSIN

CAMPISMO GRATUITO

20 / 22 JULHO 2023

— • www.laurusnobilis.pt — •



The girl with the kaleidoscope eyes

Por: Gabriela Teixeira - mixcloud.com/Submundo

Esse olhar que é só meu

Numa altura em que cada vez mais (e bem!) se fala em inclusão das pessoas com deficiência na nossa sociedade, decidi usar esta página para relatar brevemente a minha experiência enquanto fã de heavy metal que tem a particularidade de estar a viver um processo de perda de visão e que aprecia muito ir a concertos e até faz umas reportagens e tal...

Julgo que, pelo menos de vista, uma vasta maioria da comunidade me reconhecerá, principalmente os fregueses do Hard Club e do Vagos, por que eu não posso e nem sequer tenho qualquer intenção de esconder a minha condição oftalmológica, faz tão parte de mim, tais como os meus cabelos. É apenas uma característica e não me define de modo algum! Posso partilhar convosco que a minha doença degenerativa se chama glaucoma, que pode afectar qualquer pessoa, em qualquer idade e que é o maior responsável pelos casos de cegueira no mundo. O glaucoma está a provocar-me inúmeras alterações visuais que não servem só para me dificultar a vida e fazer-me tropeçar mais vezes do que eu gostaria, mas também me instiga a criatividade, ou vocês acham que o gamanço do verso dos Beatles como nome desta rubrica foi inocente? Não, não foi! O nome deste cantinho onde debito umas ideias foi inspirado nos aros luminosos que tenho constantemente no campo visual de ambos os olhos e que me alteram a tonalidade das cores. Soa estranho, não? Mas pensem bem no dinheiro que eu pouco em LSDs e demais aditivos! Não preciso de me “drógár” para ver cenas!! “Always look on the Bright side of life”, já diziam os Monty Python...

Galhofice à parte, comecei a frequentar concertos de metal há cerca de 20 anos e, como sempre vi muito mail, a minha experiência é mais acentuada ao nível dos restantes sentidos. Por exemplo, bateristas é coisa que tende a não “existir” para mim, a menos que eu esteja mesmo junto às grades e não haja demasiado fumo em palco. Acredito que, para a maioria das pessoas, observar minuciosamente a performance dos músicos, seja a grande motivação para ir ver um espectáculo. Para mim é uma vivência essencialmente imersiva onde o poder do som e estar rodeada de pessoas conhecidas e desconhecidas, que partilham do mesmo gosto que eu, se misturam e me proporcionam um momento único de verdadeira felicidade. É obvio que, como ainda tenho alguma equidade visual, tento estar o mais próxima possível do palco, no entanto tenho plena consciência que, mesmo assim, muitos pormenores me escapam. Nunca mais me vou esquecer do concerto de My Dying Bride, no Vagos 2010, e do meu irmão, a meio do concerto, me perguntar “estás a ver o Aaron deitado no chão?”, ao que eu respondi que não e apercebi-me assim que tinha acabado de perder um momento de grande intensidade visual...

O meu irmão, que felizmente partilha o mesmo gosto musical que eu, acompanha-me a muitos concertos e festivais e “empresta-me” os seus olhos em duas circunstâncias: ao responder às minhas dúvidas sobre o que se passa em palco e ao avisar-me de potenciais perigos como o crowd surf ou a mosh. O som tem uma preponderância ditatorial na minha orientação no mundo, mas, num concerto de metal, o som alto das colunas, aliado ao facto de eu não ter visão periférica, diminui-me bastante o sentido de orientação e, assim sendo, preciso de me proteger ao máximo porque um pé ou uma mão contra a minha cara podem trazer-me graves consequências. Confesso que já houve um ou outro concerto em que não me senti tão segura e, quando isso acontece, vou mais para trás e foco-me em ouvir a banda, em detrimento da performance. Outro exemplo: eu devo ser a única pessoa que pisa o Riverstone e foge da palha a sete pés porque me aterroriza a ideia de me entrar alguma para os olhos, mas não é por isso que lá deixo de ir, até porque o recinto é pequeno e eu consigo ver razoavelmente bem para o palco. O ideal para mim, digo-vos, é encontrar um cantinho onde possa estar relativamente sossegada a sentir a energia do momento, a sentir-me esmagada, no bom sentido, pelo som da banda que está a tocar enquanto fecho os olhos e sinto o chão a vibrar. Claro que nem sempre quando estou de olhinhos fechados é sinal de estar num transe religioso, muitas vezes são só as luzes que me estão a

encandear. Por esta altura estão vocês a perguntar como é que esta Mrs Magoo faz reportagens de concertos, e eu respondo a vossas excelências: como eu nunca vou a concertos sozinha, no final converso sempre com as pessoas para averiguar a exactidão das minhas percepções e para colmatar, tal como expliquei acima, o que me possa ter escapado, no entanto, e para que fique bem esclarecido, eu nunca escrevo nada que não tenha sido pensado ou sentido por mim.

Em termos gerais, nunca tive problemas em nenhum concerto ou festival devido à minha “diferença”, à excepção de um bêbado no concerto de Sargeist no Caos Emergente de 2009 que me tentou tirar os óculos, mas mais uma vez, a presença do meu irmão foi essencial para a situação ter sido resolvida sem alaridos. Não vou omitir, no entanto, que fui alvo, quando estava ali pelos 20s, de bastantes olhares intrusivos e um ou outro risinho acéfalo por parte de gente malformada que, obviamente, me incomodavam... mas felizmente, com o passar dos anos, as pessoas amadurecem, tornam-se pais e mães, e actualmente não sinto qualquer laivo de hostilidade quando estou a curtir um concerto.

A minha condição pesa muito na escolha dos festivais a que vou. Dou preferência aos mais pequenos e aos que já conheço, por isso colossos como Hellfest ou Wacken estão descartados porque a percepção de muito movimento à minha volta causa-me imensas dores de cabeça e provoca-me um forte sentimento de insegurança. Assim sendo, Vagos, Comendatio, Sonicblast, Laurus ou Milagre Metaleiro preenchem os meus requisitos na perfeição e, neste momento, só me interessa saber qual deles vai confirmar Riverside para eu confirmar também a minha presença. :-)

Apesar das minhas inegáveis dificuldades visuais, eu sou uma pessoa bastante observadora e atenta a pormenores, e tenho vindo a notar que, pelo menos aqui pelo norte, não se encontra muitas pessoas com algum tipo de deficiência nas plateias do metal... Já vi uma ou outra pessoa de cadeira de rodas mas creio que nunca vi ninguém cego. Deixo então a questão no ar: porque será que tal não acontece? Será que os fãs de metal que têm alguma limitação não se sentem à vontade para ir a um concerto? Ou será que não têm como se deslocar? Tenho plena consciência que nem toda a gente tem a minha sorte e não há dia que não me sinta grata pelo irmão que a vida me deu. Em todo o caso, fico sempre muito contente quando vejo pessoas com alguma deficiência nos espaços públicos e, em especial em concertos, porque nós não nos devemos esconder, porque as pessoas sem deficiência têm de estar consciencializadas para a nossa existência e o convívio e o

cruzamento dos dois “universos” é benéfico para ambos. Quebram-se preconceitos, estreitam-se laços de empatia e a humanidade fica um bocadinho mais unida. Quem tem uma deficiência não é diferente, não é inferior, é um ser humano como todos os outros e merece respeito, principalmente se estiver num concerto de metal a erguer os metal horns bem alto, caso tenha mãos para isso porque se não tiver, também não faz mal! O que importa é ouvir o som e sentir o peito a explodir porque aquela banda que nós tanto queríamos ver está ali à nossa frente!

Em jeito de conclusão, só me resta dizer que, enquanto a vida me permitir, vocês vão continuar a cruzar-se comigo em concertos, quer tenha eu ou não resíduo visual. E como diria o nosso caríssimo editor da Versus, Eduardo Ramalhadeiro, “Deus nosso senhor te conserve estes ouvidinhos”! Ao que eu retribuo: se não for Deus nosso senhor, há-de ser o Belzebu!

E já agora, caso interesse a alguém, eu tenho um podcast onde reflito sobre a minha experiência enquanto pessoa portadora de deficiência visual, basta pesquisar De Olhos Bem Abertos no Spotify ou no Anchor. Grata!

Até a próxima!





A Forest of Dreams

3459 – Ano fatídico

AFOD soma e segue: quatro álbuns em três anos e a qualidade sempre a subir!

O último álbum – «3459» – obteve aplausos dos fãs e da crítica e marca uma nova etapa na história da banda, ao mesmo tempo que reflete sobre o destino do mundo em que todos vivemos.

Entrevista: CSA

Olá, Mário :-) mais um belo álbum de AFOD. Tu e o Hugo Leal – aka Vulturius – andam imparáveis. Como te disse, quando te pedi a entrevista, estava a ouvir o álbum e as perguntas a nascerem na minha cabeça.

É impressão minha ou este álbum é mais variado do que os anteriores? Parece-me ouvir muitos ritmos diferentes, de canção para canção.

DS13 – Em cada álbum tento manter uma estética sonora única para aquele determinado trabalho. Não tenho regras de composição rígidas, nem normalizadas. Funciona um pouco à volta do tema, tentando explorar o tema abordado tanto musicalmente como líricamente. Daí os temas terem tantas variações de acordo

com o sentimento que tentamos obter.

Também me parece que há mais teclados. É ideia minha ou percecionei bem a música de «3459»?

Não foi propositado, mas sim a tentativa de criar ambiências e reforço das minhas guitarras e, se tudo correr conforme, no próximo vai haver mais ambientes. Tento sempre dar um passo mais à frente de trabalho para trabalho.

O facto de ires frequentemente à serra de Sintra tem alguma influência na tua música?

Sim, com certeza! Todo o projeto vive e respira em torno da serra de Sintra. Foi lá que o projeto criou raízes e continua cada vez

mais enraizado naquela mística muito própria. Desde os samples gravados de ambientes de natureza às sessões fotográficas, tudo tem a ver com Sintra.

Escreveste todas as canções sozinho ou o Hugo colaborou?

O método AFOD consiste no seguinte: as músicas são feitas por mim, tanto na programação como nos temas e ambientes. Depois de a música estar totalmente gravada, o Vulturius vai a estúdio e, num passe de magia, vocaliza tudo aquilo que falta para finalizar cada tema.

E és tu também o autor das letras que o Vulturius interpreta com fervor?

Não, essa responsabilidade é toda

do Vulturius e, entre uma cerveja ou um copo de vinho, vamos conversando e discutindo o tema e ele vai escrevendo a letra no momento.

Que mensagem queres passar neste álbum? O que significa este título: «3459»? Imagino que se refira a algo terrível, mas não consigo imaginar o que seja. [Quando o vi, pensei logo em 1349, como a banda norueguesa, mas depressa vi que não tinha nada a ver com isso.]

Este álbum nasce de um sonho meu. Durante o ano, houve um dia em que tive um sonho ou uma visão em que o fim da nossa civilização seria no ano de 3459. Sei que não vou cá estar para o provar, mas o sonho ou visão foi real demais para ser descartado. Daí nasce o nome 3459: foi o ano em que morreu o último ser humano à face da terra. No meu sonho, o ar tinha-se tornado irrespirável e os vírus cada vez mais fortes foram dizimando a população. Nesse ano, falece o último humano.

Reparei que o teu primeiro álbum é só instrumental, mas o segundo – «Sacrum Terram», lançado em 2020, pelo qual te entrevistei também para a Versus Magazine – já conta com letras e a voz e interpretação inconfundíveis do Vulturius. A que se deveu esta mudança? Foi só porque conseguiste a colaboração de um vocalista ou sentiste mesmo a necessidade de completares a tua música com palavras?

A verdade foi que fiz este projeto para trabalhar sozinho, mas uma pessoa amiga, ao ouvir este álbum, disse-me que a voz do Vulturius resultava mesmo bem neste projeto. Daí saiu a ideia de falar com ele, que assumiu de imediato as vocalizações e letras do segundo álbum. Daí para a frente, faz parte integrante do projeto.

Curiosamente, na capa deste álbum, temos uma foto muito ao estilo do Black Metal dos anos

90, em que aparecem os dois membros da banda. Por que razão não usaste fotos de florestas (como nos dois primeiros) ou uma ilustração (como no terceiro)?

As sessões fotográficas são uma prenda de anos para mim e foram todas feitas no dia 30 de outubro, no ano passado. Achei por bem incluir o Vulturius, porque já é parte integrante do projeto, e convidei o Pedro Almeida para fazer as fotos. Ao ver os resultados, concluímos que a foto certa era aquela. E sim, sou fã e vivi os anos 80 e 90 e lembro-me de adorar as fotos tiradas nessa altura por Quorthon, Varg, etc... fazem parte da minha história musical.

Adquiri a versão digital do álbum e reparei que cada canção é acompanhada por uma foto, semelhante à que aparece na capa do álbum. A quem recorreste para as fazer?

Como disse mais atrás, foi o Pedro Almeida – grande músico, amigo e fotógrafo capaz de captar a essência que faz parte do ADN de A Forest of Dreams.

Este álbum saiu no fim de outubro. Como foi recebido? Correspondeu às tuas expectativas? E que podes dizer-nos sobre o acolhimento dado pelos fãs e pelos críticos aos álbuns anteriores?

Foi um pouco surpreendente para mim a boa resposta por parte do pessoal, tanto nas encomendas do formato físico, como das t-shirts. Não esperava, mas fiquei muito satisfeito por ter tido boa aceitação. Por parte da crítica, foi o álbum do mês de outubro para os críticos dos Caminhos Metálicos.

AFOD só surgiu em 2020, mas já vai no quarto longa duração. Já tens um grupo de seguidores ávido de ouvir nova música da tua banda?

Penso que sim! Sinto – pelo apoio que tenho tido – que já há largos seguidores que esperam ávidos pelo próximo álbum. Isso só serve para me dar mais força, obriga-me a ser melhor de álbum para álbum.



Não tenho regras de composição rígidas, nem normalizadas. Funciona um pouco à volta do tema, tentando explorar o tema abordado tanto musicalmente como liricamente.

Também me disseste que o quinto álbum já está na calha. Podes falar-nos um pouco sobre ele ou preferes guardar segredo?

Pois, já está pensado. Acho que vai ser mais um passo em frente. O tema principal vai ser Sintra e alguns acontecimentos reais e sobrenaturais que terão ocorrido na região ao longo dos séculos. Vou contar com o Mário Peniche, que gravou os baixos todos do último álbum e, pela primeira vez, vou usar um baterista real e não baterias programadas.

Vais contar com o Hugo? Ele também anda imparável com Irae. AFOD já não faz sentido sem o Vulturius. É ele a voz de AFOD. Não tenho pressa nem datas a cumprir! Nós fazemos os nossos próprios horários para chegar ao final do ano e ter álbum novo.

Tens possibilidades de fazer concertos ou AFOD tem de ser uma espécie de banda de estúdio?

A Forest of Dreams é um projeto para gravar pelo menos um álbum por ano. Mas não tenho intenções de levar ao vivo. Até que para mim é cada vez mais inviável tocar ao vivo por diversos motivos! Espero que tenham gostado da entrevista e esperem pelo quinto álbum. Vou dar o máximo para ser mais uma vez uma agradável surpresa para todos nós. Obrigado a todos.

Facebook
Youtube

CRITICAS VERSUS



AARA

«Triade II: Hemera»

(Debemur Morti Productions)

O trio suíço que dá pelo nome de AARA continua com a produtividade em alta, mantendo a média de um álbum por ano. «Triade I: Eos» era, no entanto, um lançamento pouco convincente e não deixava grandes esperanças relativamente ao segundo capítulo da trilogia. Porém, escutando as seis músicas que compõem este «Triade II: Hemera», pode avançar-se desde logo que se trata de um trabalho bem mais satisfatório. O black metal atmosférico e melódico volta, aqui, a mostrar-se interessante, sendo de destacar a prestação do multi-instrumentista Berg, em especial nas guitarras. Músicas como “Sonne der nacht”, provavelmente o ponto mais alto deste disco, “Strepitus mundi”, ou a inicial “Phantasmagorie” batem claramente qualquer coisa que estivesse no disco anterior. Um ponto menos positivo óbvio, no entanto, prende-se com a produção, que é novamente da responsabilidade do baterista J., tal como ocorrera com a primeira entrega da trilogia. Um disco como «Triade II: Hemera» teria tudo a ganhar com uma sonoridade mais límpida e menos “embrulhada”. Ainda assim, vale a pena o tempo investido na sua audição e o melhor que se pode dizer deste «Triade II: Hemera» é que se fica com vontade de perceber o que os suíços farão na sequência. Ou seja, tem-se uma sensação diferente, para melhor, daquela que se instalava após as audições ao primeiro vértice do triângulo composto pelos AARA. Boa reviravolta por parte destes helvéticos.

[7/10] HELDER MENDES



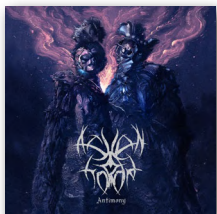
ARDITI

«Emblem of Victory»

(Bloodawn Productions / Regain Records)

Conhecidos no meio do Metal por terem colaborado pontualmente com os Marduk, os Arditi são antes de mais uma entidade de referência no nicho do Industrial Marcial, estilo caracterizado pela cadência de marchas militares, orquestrações bombásticas e samples alusivos a temáticas nacionalistas onde termos como sangue, pureza, glória e honra são chavões habituais. A música dos Arditi inclui ainda uma pujante componente neoclássica com tonalidades sombrias e contornos cinemáticos, bem como trechos declamados que, no seu conjunto, pintam quadros mentais de paradas megalómanas de ostentação de poder, ou evocam o malfadado elitismo romântico do início do século passado. Neste oitavo registo, no entanto, parece que a dupla Mårten Björkman (Algaion) e Henry Möller (Puissance), optou por atenuar um pouco os arranjos orquestrais e colocar mais ênfase nas percussões militaristas repetitivas, o que resultou num trabalho capaz de conquistar facilmente novos adeptos para a formação sueca. Dos oito temas em oferta, “Gloria victis”, com a sua portentosa fanfarra marcial, ronco orquestral em background e discurso de exaltação dos que tombaram, é um dos mais irresistíveis. O riff arranhado de violoncelo que conduz o título-tema, introduz algo inédito no repertório dos Arditi, ao passo que os tambores estrondosos e sons maquinais de “Words made of stone” fazem desta a mais industrial das faixas. O ritmo tribal sobre a malha neoclássica de cordas do instrumental “Wreath of oak leaves” constituem outro dos pontos altos num trabalho com um poder de atracção difícil de explicar. Como já se percebeu, «Emblem of Victory» é um trabalho cuja música só pode ser devidamente apreciada se abordado de forma apolítica.

[9/10] ERNESTO MARTINS



ASHEN HORDE

«Antimony»

(Transcending Obscurity Records)

Criado em 2013 como um projecto a solo do multi-instrumentista Trevor Portz, os Ashen Horde apresentam-se agora, pela primeira vez, como uma banda completa onde pontua o grande Robin Stone, baterista dos Norse, o baixista Igor Panasewicz que alinha com Portz nos jovens Abhorria e o vocalista Steve Boiser que colaborou já com o mentor do colectivo no registo de 2019, «Fallen Cathedrals». Neste quarto registo nota-se que a fusão black/death que Portz tem vindo a forjar atingiu um estado razoável de maturação, com o caos que marcou o disco anterior a dar lugar a laivos progressivos e tecnicistas e a uma composição mais apurada no seu todo. Esse aperfeiçoamento é evidente desde o início em “The throes of agony”, que vai desafiando mudanças súbitas de andamento e voltas e reviravoltas pouco ortodoxas – muito contidas e pouco extravagantes é certo – mas que vão surgindo também noutras faixas. Emergindo por entre o costumeiro duplo ataque vocal que alterna entre o registo áspero do black metal e o gutural de baixa frequência, há que assinalar o registo limpo de Portz que assina linhas vocais memoráveis no refrão catchy de “The consort”, em “The barrister”

e outras. Sem perder a abordagem crua e agressiva, a música tem sempre muito de atractivo a acontecer como é o caso dos ganchos infecciosos no thrashy “The physician” ou as variações prog do intrincado “The disciple”. No entanto parece que a composição tende a depender – talvez demasiado – da riffalhada genérica muito comum ao black/death metal. «Antimony» acaba por não ser um álbum fácil de abordar. É um trabalho que se recomenda, contudo, a qualquer fã do género em busca de algo mais derivado.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



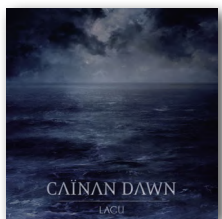
AVATAR

«Devil Can Dance»

(Black Waltz Records)

Meus amigos, o diabo sabe dançar e qualquer um que ouça este nono álbum dos suecos Avatar também sabe, ou aprende rápido, porque é impossível ouvir isto e ficar impávido e sereno. Teoricamente, a misturada sonora de melodic death, nu metal e metalcore desta banda teria tudo para me passar ao lado, mas em apenas uma semana de consumo intensivo da discografia, já pondero ir ao circo que estes diabretes vão levar a cabo, no LAV, em março. A culpa disto tudo é da “The dirt I’m buried in” e da sua batida tão electro 80s que apela ao sing along. De facto, todo o disco está repleto de refrões que são autênticos earworms, riffs de guitarra de puro heavy metal e uma bateria super poderosa, mas o que salta logo aos ouvidos é a capacidade vocal do Clown Johannes que tanto canta maliciosamente com a voz limpa em “Train”, como vocífera carregado de raiva “Do you feel in control?” e “Violence no matter what”, acompanhado por Lzzy Hale. A música mais pesada do disco, e a que mais se aproxima do melodeath de Gotemburgo é, sem dúvida, “Valley of disease”. Esta abordagem moderna ao metal resulta em músicas que apelam essencialmente ao movimento do corpo e, ainda que não seja tão pesado quanto o antecessor «Hunter Gatherer», ou tão circense quanto o meu favorito «Hail the Apocalypse», «Devil Can Dance» ostenta uma pujança sonora combinada com momentos dançáveis como “Gotta wanna riot” ou “On the beach” que me satisfazem em pleno. Este disco vai constar nas listas dos álbuns do ano, tenho a certeza!

[8.5/10] GABRIELA TEIXEIRA



CAÏNAN DAWN

«Lagu»

(Osmose Productions)

A primeira audição do novo Caïnan Dawn revela desde logo que não estamos perante apenas mais um entre muitos discos de black metal. E é uma primeira impressão que se confirma à medida que vamos percorrendo os sombrios labirintos sónicos deste registo, que, diga-se já, se destaca categoricamente de tudo o que o colectivo francês gravou até aqui. Quem se deleitou com o álbum anterior, «F.O.H.A.T.», sabe que esse devastador registo de 2017 já indiciava uma certa expansão para lá dos cânones post black metal de cunho gaulês com que a banda era rotulada. Mas «Lagu» é bem mais ousado, pautando-se por uma composição eclética que surpreende a cada momento. A música depende menos das proverbiais descargas de blast beats e mais de passagens lentas e meditativas. Subtraiu-se em dissonância e intensidade e somou-se em melodia shoegaze e subtilidade. Porém, a sonoridade da banda não perdeu pitada na frieza das guitarras e no carácter fantasmagórico das ambiências, condimentos determinantes no impacto final de «Lagu». É a partir da 4ª faixa, “Okeanos”, que esta nova abordagem se faz sentir de forma mais evidente, galgando mais à frente na escala da criatividade em “Septima” e “Apnea”, que incluem as passagens mais inusitadas do repertório da banda. Digno de nota é também o registo semi-limp, de tom cerimonial, com que o frontman Heruforod se faz ouvir ocasionalmente, em alternância com o seu habitual vozeirão demoníaco, que confere a “Atlantis” e “Profundum” uma dimensão épica. Para quem ficou preso a «F.O.H.A.T.» tudo isto pode parecer novidade a mais, mas o resultado final fala por si: um trabalho conceptualmente denso e imersivo e musicalmente cativante de fio a pavio, que vale a pena experimentar.

[8/10] ERNESTO MARTINS



CELESTIAL SEASON

«Mysterium II»

(Burning World Records)

Desapareceram prematuramente em 2001 mas regressaram inspirados em 2019, tendo publicado desde essa altura já três álbuns. Mais notável é que o colectivo holandês voltou, não para retomar o stoner psicadélico que exploraram nos últimos anos de actividade, mas antes para recuperar o estilo seminal doom/death de que foram precursores na década de 90 ao lado de gigantes do género como Anathema e My Dying Bride e de formações conterrâneas como Orphanage e The Gathering. O primeiro testemunho do retorno a esse velho lugar de encanto feito de guitarras arrastadas e melodias melancólicas foi apresentado em 2020 na forma de «The Secret Teachings», álbum que marcou o reagrupamento de todo o line-

up da era doom da banda, incluindo o front man de rugido cavernoso Stefan Ruiters, a violinista clássica Jisk ter Bals e a nova violoncelista Elianne Anemaat. Em curso está agora uma ambiciosa trilogia, de genérico «Mysterium», de que o disco em apreço é o segundo tomo, sendo também prova renovada de que os Celestial Season voltaram no seu melhor para recapturar aquele romantismo trágico dos clássicos «Forever Scarlet Passion» (1993) e «Solar Lovers» (1995). «Mysterium II» apresenta na verdade um dos trabalhos melódicos mais cativantes da banda, com as cordas e os arranjos orquestrais a desempenharem um papel absolutamente preponderante e central. Melhor do que a parte I, este segundo capítulo do tríptico combina de forma sublime o peso megalítico dos riffs doom com a beleza sumptuosa das melodias e o gótico das atmosferas, sem, no entanto, se afastar das formulas tradicionais do estilo que o grupo domina como artífices experientes. Depois disto só podemos ficar a aguardar ansiosamente pela 3.ª parte.

[8/10] ERNESTO MARTINS



CHILDREN OF THE SÜN

«Roots»

(The Sign Records)

Este disco entusiasma desde início pelo contraste criado pela mensagem da capa e a voz límpida de Josefina Ekholm. Depois são os ganchos das melodias. Também o entrosamento das guitarras e teclados tem ponta afiada. Este é o seu segundo disco e demonstram continuar ambiciosos.

Mais um passo arisco que segura a fasquia lá no alto, no capítulo da composição e escrita. É aí que nos chamam a atenção, sem qualquer dúvida. Neste septeto toda a gente tem o seu lugar de destaque, pois cada uma das peças se demonstra essencial, na criação da sonoridade dos Children of the Sün. São também ímpares na forma como incluem um elemento, Ottilia Ekholm, na função de acompanhar em coro a voz da vocalista principal. As melodias, já de si ricas, ganham assim uma expressão consideravelmente mais profunda e surpreendente. «Roots» tem vários momentos memoráveis, e se o septeto sueco cair nas boas graças das massas, já que tem muito para isso, este é um disco que pode escalar aos tops. Daqui é possível enumerar canções que se podem tornar verdadeiros hinos. Ao imaginário hippie rock dos anos 70 juntam-lhe uma expressividade pop que torna tudo mais delicioso, mas hoje em dia tornou-se importante referir que apesar de soarem refrescantes, é também verdade que bebem de muitas influências facilmente identificáveis, logo nas primeiras audições. Com um rasgo maior de originalidade arriscar-se-iam a criar algo histórico. Se é que estas canções maravilhosas não são já motivo para que se grave este nome por aqui e por ali...

[8.5/10] EMANUEL RORIZ



DESTROYER 666

«Never Surrender»

(Season of Mist)

Depois do lançamento de «Wildfire», em 2016, a expectativa que paira sobre um novo disco dos Destroyer 666 só pode ser fervilhante. O EP de 2018, «Call of the Wild», serviu para mostrar que ideias não lhes faltavam, e o título «Never Surrender» poderia ser o spoiler perfeito para que ficássemos «descansados» com o que estava para chegar no final de 2022. Vamos ao disco em

si. Os dois primeiros temas abrem o disco com garra, acutilância e com a textura fervilhante que tão bem vestem. Mas o lume está ainda a aquecer o pote. É com o início de «Guillotine» que os Destroyer 666 nos atiram com a verdadeira espetacularidade do seu black thrash. Assim continuam com «Pitch black night», «Mirrors edge», «Grave raiders»... Tornam-se sensacionais na forma como vão encadeando riffs furiosos, leads entusiasmantes e refrões de palavras bem carregadas. Depois deste miolo recheado, succulento, até ao final do disco, diria que se «limitam» a ser consistentes, quase como se soubessem que o ouvinte já se encontra de tal forma satisfeito, que já só o precisam de manter entretido. Ao fechar o disco, dão-nos o prazer de nos fazer abrandar o ritmo cardíaco. Tal e qual uma viagem de alta velocidade que se prepara para chegar ao seu destino, «Batavia's graveyard» é um epílogo que vem pôr água na fervura e que talvez deixe o ouvinte com vontade imediata de repetir esta audição.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



ENCHANTMENT

«Cold Soul Embrace»

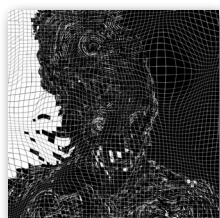
(Transcending Records)

Dizer que o regresso dos Enchantment é inesperado trata-se claramente de um understatement. A banda britânica contava apenas com um álbum de originais no currículo, o saudoso «Dance the Marble Naked», que augurava um futuro promissor entre os emuladores da típica sonoridade death/doom inglesa criada e popularizada pela trindade Paradise Lost, My Dying Bride e Anathema. A estreia, infelizmente, traduziu-se também num aparente canto do cisne, pois os

Enchantment desencantaram-se e, em 1995, decidiram pôr fim ao projecto. A história recomeça em 2019 quando os membros originais, à excepção de Chris Sanders, substituído na bateria por Aiden Baldwin, reconstituem os

Enchantment e gravam o single “As greed as the eye beholds” (que constitui a primeira faixa deste «Cold Soul Embrace»), lançando assim os dados para um efectivo regresso. Resumidos os acontecimentos, que avaliação fazer deste retorno? Por um lado, não há como esconder que o doom melódico dos Enchantment soa um pouco anacrónico; por outro não se pode negar estarmos perante um álbum interessante, ainda que aqui e ali necessitando de melhorias (faixas como “In a cello-felt glare” nada acrescentam...). Os identificáveis grunhidos de Paul Jones estão em forma, como de resto toda a banda, levando a pensar que carreira poderiam ter os Enchantment construído caso tivessem seguido em frente pelos anos 90. O regresso saúda-se, «Cold Soul Embrace» é um álbum decente e apetecível, constituindo um digno sucessor de «Dance the Marble Naked» e agora só se pede uma coisa: que não esperem quase trinta anos para gravar o terceiro disco.

[7.5/10] HELDER MENDES



ENTROPIA

«Total»

(Agonia Records)

“Escrever sobre música é como dançar sobre arquitectura” – é o velho aforismo que assalta a mente assim que se tenta traduzir em palavras este novo álbum dos Entropia. Embora nunca nenhuma descrição textual consiga sequer aproximar o efeito do som, aqui a tarefa parece particularmente árdua por se tratar de música difícil de categorizar. O primeiro aspecto invulgar a salientar é que «Total» não é um álbum instrumental mas soa como tal. Por um lado, a voz, em registo berrado, típico do hardcore, assume sempre um papel muito secundário, não só porque surge a espaços largos, mas também porque a música é de tal forma absorvente que chama a si toda a atenção. Não será difícil pensar em bandas como Pelican, embora a música deste quinteto polaco seja ainda mais multifacetada. Rock tradicional, metal, sludge e krautrock, são alguns dos ingredientes base que se podem identificar na fusão proposta neste quarto registo. Já nada resta das influências black metal presentes no disco de 2016, «Ufonaut», e pouco sobrou do vanguardismo que moldou o fabuloso álbum anterior «Vacuum». «Total» é uma experiência inteiramente nova. Um trabalho mais directo, de composições centradas em guitarras metálicas, riffs crispados e longas divagações instrumentais. Os temas partem de acordes simples, adicionando texturas mais complexas de teclados, malhas electrónicas e guitarras adicionais, que se conjugam em passagens invariavelmente galvanizantes. Uma aura de psicadelismo é criada pela repetição de riffs em círculos. Os arranjos parecem ter sido reduzidos ao mínimo, deixando as guitarras a soar com a crueza natural. E há muito de alheio ao Metal no vocabulário musical usado, sendo isso, talvez, o “je ne sais quoi” que as palavras não transmitem.

[8.5/10] ERNESTO MARTINS



FVNERALS

«Let the Earth be Silent»

(Prophecy Productions)

Será que existe um equivalente sonoro para o breu impenetrável? Para a mais completa escuridão do longo e inexorável sono? Se não existia ainda, então este novo álbum dos Fvnerals é a perfeita metáfora sónica para esse estado de vazio existencial. Funeral doom, ou “dark ambient doom” como sugere a editora, são aqui descritores óbvios, mas que não fazem justiça a um trabalho que mais parece redefinir o doom. O segredo para tal inovação, diria que reside, primeiro que tudo, no background não metálico (leia-se, isento de ideias preconcebidas) – neste caso alicerçado no slowcore, post-rock e drone – da dupla que formou os Fvnerals em 2013: Syd Scarlet (guitarra) e Tiffany Ström (baixo e voz). Os dois músicos estrearam-se em 2014 com o álbum «The Light», um disco que, não sendo Metal, continha já a essência do doom: andamentos lentos, atmosferas desoladas e letras introspectivas. O segundo registo, «Wounds», seguiu-lhe de perto as pisadas, introduzindo já guitarras sujas e uma sonoridade mais intensa. Neste terceiro álbum, a banda desfere o coup de grace final na estética doomy/dark ambient desenvolvida até aqui, somando-lhe o peso descomunal de riffs massivos e uma percussão absolutamente sísmica. Envoltos numa atmosfera lúgubre e hipnótica, a música de «Let the Earth be Silent» brota rastejante, pautada por composições minimalistas inteiramente alheias a convencionalismos, numa amalgama de efeitos sombrios produzidos pela guitarra de Scarlet e pelo baixo de Ström, cuja voz soa como um pranto perdido na distância, funcionando desta vez mais como instrumento adicional do que motivo central na música. Doom funerário ou não, esta é uma das mais singulares elegiasónicas que já ouvi nos últimos anos.

[9/10] ERNESTO MARTINS



HOG MEETS FROG

«humANIMALization»

(Echotunes)

Um dos lançamentos mais refrescantes dos últimos tempos é este animado registo de curta duração de um trio austríaco que se diverte à grande a cantar sobre as desventuras de um macaco extremista, um leitão inseguro ou a relação atribulada entre uma cobra e uma toupeira.

A narrativa é feita sempre em registo cómico pelo baixista Peter 'Petz' Schwabl e, ao que parece, o colectivo eleva o conceito ao plano visual nas actuações ao vivo, envergando mesmo vistosas máscaras de animais. O non-sense das fábulas é, no entanto, apenas aparente, sendo que os temas remetem metaforicamente para assuntos sociais mais sérios e pertinentes. O suporte instrumental reflete em pleno a boa disposição das letras, moldando-se segundo o que os Hog Meets Frog designam por “squeaquack music”, o que se traduz em doses generosas de excentricidade, funk metal e prog, com muitos riffs a puxar ao thrash e sempre com o slap bass em grande plano. A todo o momento ressaltam referências evidentes a Primus, Red Hot Chili Peppers e Carnival in Coal, nomeadamente nos leads esquizofrénicos protagonizados por Ariyan Rezaei Jahromi e nas guitarras absurdamente groovy que ele imprime em “Peeping-bear’s exegesis of not peeping” ou nas insanas progressões rítmicas de “Apes don’t smoke cigars – just pipes”. “Of Snakes ‘n’ moles ‘n’ bulls ‘n’ dough” inclui mesmo guitarradas abstratas e delirantes que nos fazem lembrar o estilo único de Frank Zappa. Apesar de se tratar de um EP de seis temas com pouco mais de vinte minutos de duração, «humaANIMALization» é de tal forma contagioso que leva a uma compulsiva audição em loop, valendo bem por um longa duração.

[8/10] ERNESTO MARTINS



KREATOR

«Hate Über Alles»

(Nuclear Blast)

Há quase 40 anos a malhar forte e feio – exceptuando aquele período nos anos 90 em que a banda procurou experimentar novas coisas – os thrashers Kreator estão de regresso com este acrescento à discografia. Em boa verdade, contudo, não se acrescenta muito. As canções mais thrashy, como “Hate über alles”, “Demonic future” ou “Dying planet”, pouco mais fazem do que

repetir a habitual receita Kreator. Já aquelas mais épicas ou comerciais ou o que lhes quiserem chamar (cujo exemplo mais flagrante é a pastelona e, em última análise, dispensável “Become immortal”) parecem destoar do todo e são mais prejudiciais do que benéficas, pois em lugar de conferirem variedade ao álbum acabam por dar uma ideia de “corpo estranho”, de algo que não deveria estar aqui. A uma instituição como Kreator pede-se, obviamente, mais: não só o core business – o thrash assumidamente thrash – deveria estar mais afinado, como qualquer experimentação teria de ser integrada no global de que faz parte e, infelizmente, quer os momentos mais thrashy quer os menos (sobretudo estes), não correspondem ao nível a que a banda já nos habituou. «Hate Über Alles» é, então, um álbum que anda um pouco à deriva, não obstante contar com os seus highlights. O problema é que tais destaques se diluem quando colocados lado a lado com a restante – e meritória – discografia do conjunto teutónico.

[6.5/10] HELDER MENDES



LAMB OF GOD

«Omens»

(Nuclear Blast)

Começamos por lhes colocar uma coroa de entidade do groove, ou crossover, a chefia de qualquer um destes departamentos terá excelentes directrizes, ficando a cargo dos Lamb of God. «Omens» é o nono disco de originais dos compositores de “Laid To Rest”, no qual provam que a sabedoria tem saído aguçada com o passar dos anos. Depois de tempos menos bons os Lamb

of God estão claramente no trilho correcto e criam um disco com todos os ingredientes que a expectativa coloca na cabeça de qualquer apreciador do legado do grupo. A voz de Randy Blythe, apregoadora, castigadora, está ao seu mais alto nível e continua a ser um porta-voz ideal da intensidade rítmica e da deliciosa complexidade incrustada nestas dez canções. A fúria dos Lamb of God em «Omens» é expressa com diversas perspectivas que vão sendo desvendadas canção após canção, levando a que se mantenha o interesse na sua audição. Depois dos três primeiros temas enfrenta-se uma subida íngreme no capítulo da intensidade com “Ditch” que liga, sem espaço para descanso, a um típico tema-título. O miolo deste disco fica ainda bem denso com “Gomorrah” e até ao final pode-se ainda destacar o ataque hardcore de “Denial mechanism”. Este é um disco que irá ficar muito bem na estante dos seguidores do grupo, assim como também será um desfilar de boas surpresas, para quem decidir ficar a conhecer os Lamb of God em 2022.

[8/10] EMANUEL RORIZ



MARC URSELLI'S STEPPENDOOM

«SteppenDoom»

(Magnetic Eye Records)

Multi-instrumentista e produtor conceituado, Marc Urselli foi sempre um fã de doom metal, tendo descoberto algo que talvez tenha escapado ao mais atento dos musicólogos: a harmonia simbiótica entre o referido gênero de heavy e o canto gutural, uma expressão de folk ancestral com origem nas tribos nômadas da Mongólia, popular também em comunidades budistas do Tibete e nos esquimós inuit do Canadá. A ideia de fundir estes dois universos musicais aparentemente tão distantes germinou durante décadas na mente de Urselli, concretizando-se finalmente neste registo que contou com a participação não só de uma série de vozes guturais de artistas indígenas convidados, mas também com a nata do doom/stoner contemporâneo: Matt Pike (Sleep), Aaron Aedy (Paradise Lost), Dave Chandler (Saint Vitus) e Scott Weinrich (The Obsessed), entre vários outros. O resultado é, ao mesmo tempo, inovador e brilhante. Por um lado as técnicas dos vocalistas - muito mais versáteis que o típico gutural do metal - evocam um imaginário naturalista e mágico em absoluta harmonia com aquela descida ao fundo da alma que as atmosferas negras do funeral doom tendem a induzir. Por outro, Urselli parece possuir um talento especial para criar composições belas mas perturbadoras, como é o caso de “Agloolik igaluk”, que inclui uma performance de cortar a respiração da cantora inuit Tanya Tagaq, do sinistro “Tamag & Ocmañ”, pautado pelos efeitos psicadélicos das seis cordas de Steve von Till (Neurosis) ou ainda do arrepiante “Peri to ela guren”, cuja negritude muito se deve à laringe do incrível Erdenebat Baatar. «SteppenDoom» pega na essência do doom e eleva-o ao expoente máximo daquilo que o torna transcendente e profundo. Um trabalho único para ouvir sem preconceitos.

[9.5/10] ERNESTO MARTINS



MORTUOUS

«Upon Desolation»

(Carbonized Records / Extremely Rotten Productions)

O nome das editoras não engana: o death metal dos Mortuous é mesmo do tipo ‘carbonizado’ e ‘pútrido’, fiel aos cânones da escola fundada no início dos 90s por bandas como Immolation, Autopsy e Incantation, embora dê ares de querer ir um pouco mais além disso. Os oito temas deste segundo registo incluem o suficiente em termos de ganchos rítmicos e mudanças de andamento para proporcionar uma experiência auditiva emocionante. Há um bom equilíbrio entre as típicas explosões death metal e frequentes segmentos doom, os quais soam muito ao estilo de Paradise Lost ou My Dying Bride, incluindo até alguns acordes de violino. Digno de nota, também, são os esfarrapados de guitarra de Colin Tarvin e Michael Beams que juntos intensificam a sensação de caos apocalíptico criado pela bateria implacável de Chad Gailey e o ronco que emana do baixo de Clint Roach. Mas «Upon Desolation» é um disco bem diferente do aclamado álbum de estreia, «Through Wilderness». A composição mantém-se irrepreensível, mas aqui as tiradas hiper-rápidas são bem mais frequentes, por vezes até a roçar o exagero. O som tornou-se mais grave e demolidor (mais parecido com o dos Immolation) o que parece ter prejudicado a definição dos instrumentos. Por último, a introdução de elementos góticos/doom, já um pouco gastos, não parece ter sido a opção mais expectável face ao estilo promissor de death metal que a banda apresentou no brilhante trabalho de 2018. Por ser um disco musicalmente mais conformado, «Upon Desolation» não era bem o que esperaria dos Mortuous. Ainda assim é um álbum que se recomenda vivamente a apreciadores do estilo tortuoso de brutalidade death dos anos 90.

[7.5/10] ERNESTO MARTINS



MUNICIPAL WASTE

«Electrified Brain»

(Nuclear Blast)

Depois da capa do disco «The Art of Partying», esta que aqui tenho na mão, do mais recente «Electrified Brain», é possivelmente a que melhor representa o espírito e a música dos Municipal Waste. Energia, fúria, raiva, velocidade e cerveja na mão. Parece-me até bastante literal esta guitarra que nos trespassa o crânio e nos explode com a cabeça. É a força do thrash metal aliada à fúria do hardcore. Juntas enviam estes estímulos elétricos directamente para o nosso cérebro, como se assumissem a função da espinal-medula de qualquer ouvinte que pegue neste disco e carregue no play. As sensações de prazer são constantes ao longo do disco e arrisco dizer que talvez sejam mais intensas no tema título, em “Demoralizer”, pois os riffs e os leads são um verdadeiro pitêu, no refrão do “Crank the heat”, na paródia de “Ten cent beer”, ou em “Paranormal janitor” e a sua melodia...paranormal. Apesar do que acabo de escrever, os Municipal Waste continuam com aquele sentimento de punho fechado muito linear e não permitem que estas 14 canções percam, em momento algum, o rumo e o ritmo a que estes festeiros do thrash metal nos habituaram, desde que, acho que o podemos dizer, lideraram o revivalismo do thrash metal na primeira metade dos anos 2000. Preparem-se, aqueçam bem o pescoço, liguem-se à corrente e desfrutem desta descarga!

[8/10] EMANUEL RORIZ



OAK

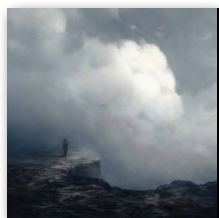
«Disintegrate»

(Season of Mist)

Este segundo registo dos Oak – banda formada pela dupla Guilherme Henriques (guitarrista e vocalista, também dos Gaerea) e Pedro Soares (baterista, ex-Gaerea) – apresenta-se, do ponto de vista conceptual e lírico, como um novo capítulo da rebuscada narrativa introduzida no auspicioso álbum de estreia «Lone», publicado em 2019. No que toca à música, «Disintegrate» é também, claramente, um disco de continuidade, com a diferença de que aqui a banda nortenha optou

por abraçar, com toda a determinação e quase em exclusivo, um doom funerário ao estilo de bandas como Evoken ou Esoteric. O resultado foram dois longos temas (gravados, na verdade, como uma faixa única) que, ao longo dos mais de 20 minutos da sua extensão (cada um), percorrem montes e vales de emoções exacerbadas, traduzidas ora por melodias contemplativas e desolados acordes minimalistas que parecem reverberar nos vastos espaços, ora por portentosos riffs arrastados, intensificados num desespero dilacerante por rugidos cavernosos e descargas rápidas ocasionais de death metal. Ambas as composições incluem vários momentos galvanizantes, sendo de destacar a segunda metade do primeiro tema que conta com alguns dos melhores riffs e os motivos sonoros mais dramáticos. Ainda assim isto é capaz de soar a algo apenas convencional quando comparado com o primeiro álbum em que a banda não se limitou ao doom, dando largas a sonoridades post rock/metal e aventurando-se por territórios mais dinâmicos e experimentais (e.g. «Abomination»). Ainda assim «Disintegrate» é um trabalho altamente recomendável a fãs das bandas supra referidas, para desfrutar longamente e de preferência sem interrupção.

[7/10] ERNESTO MARTINS



OFDRYKKJA

«After the Storm»

(AOP Records)

Começaram em 2012 a cultivar um estilo próximo do DSBM, mas em 2019, no terceiro álbum, «Grynningsvisor», já estavam a enveredar por caminhos mais tranquilos e luminosos. Este quarto trabalho leva a mutação estética que o grupo iniciou no registo anterior às últimas consequências, mostrando que é na actual fusão de neo-folk e post rock de inspiração naturista que o talento

deste trio sueco de nome impronunciável se realiza em toda a plenitude. De composição minimalista e centrado em sonoridades acústicas, incluindo algumas cordas e instrumentos tradicionais, com pouco de percussão, «After the Storm» traz de imediato à memória essa pérola do dark folk pastoral intitulada «Where at Night the Wood Grouse Plays» que os Empyrium publicaram em 1999. A música é igualmente plácida, naif e intensamente contemplativa, e até a voz susurrada de D. Jansson é remanescente do registo de Schwadorf (Markus Stock), por exemplo no arrepiante «The mære». O estilo melódico do título-tema, particularmente por causa das maravilhosas harmonias vocais, descreve-se melhor, no entanto, com referência a «The Hallowing of Heirdom» dos Winterfylleth, ao passo que o encantador «The cleansing», que inclui uma galvanizante aparição do cordofone de teclas de Georg Börner (dos Coldworld) remete inevitavelmente para o legado sónico dos Agalloch. O carácter etéreo e sonhador da música é sublinhado pela fantástica voz angelical de Miranda Samuelsson, já conhecida pela sua colaboração em discos anteriores. Com pouco mais de meia hora de duração, «After the Storm» é um trabalho hipnótico e encantador como poucos, capaz de nos transportar a uma essência interior, primordial, habitualmente esquecida.

[9/10] ERNESTO MARTINS



OU

«One»

(InsideOut Music)

Da China chega esta bela surpresa com o selo da InsideOut. O nome da editora já basta para perceber o que aqui está: rock/metal progressivo. Mas se isto é verdade, não é toda a verdade: os OU são progressivos q.b., não há dúvida, só que não se ficam por aí. O press release da InsideOut refere Devin Townsend, The Gathering ou Radiohead como influências, mas em bom

rigor a música dos OU tem mais afinidades com o genial artista canadiano, muito por culpa da versatilidade – e tendência para o desvario – da vocalista Lynn Wu, capaz de juntar uma técnica irrepreensível e um timbre agradável a episódios em que se “passa da marmita”, e são precisamente estes a despertar sorrisos nos lábios dos ouvintes e a colocar sal e pimenta na receita progressiva dos OU. Para álbum de estreia dificilmente se poderia exigir mais: os músicos são bons, as faixas cativantes e o álbum funciona bem como um todo. A lançar uma crítica (para além da produção, à qual se pedia um pouco mais de “corpo”), talvez se possa indicar a falta de uma adequação mais bem estabelecida entre os elementos electrónicos e o restante da sonoridade dos OU, pois por vezes aqueles surgem como um corpo estranho. Estranha é, no fundo, a música contida em «One», porém ao mesmo tempo gratificante.

Com este disco, os OU cometem a proeza de assinar uma das coisitas mais interessantes de 2022 e impõem-se como um colectivo ao qual devemos prestar muita atenção nos anos vindouros. Decididamente aconselhável a quem gosta de música fora dos eixos.

[8.5/10] HELDER MENDES



PESTIFER

«Defeat of the Nemesis»

(Debemur Morti Productions)

Formados em Liège, há quase vinte anos, pelos irmãos Philippe (bateria) e Adrien Gustin (baixo), os belgas Pestifer já deram provas de ser um colectivo a considerar no quadrante do death metal progressivo, nomeadamente por via dos três excelentes álbuns que publicaram até ao momento. Embora o mais recente destes, «Expanding Oblivion», de 2020, já tenha elevado bem alto a fasquia da qualidade, dir-se-ia que o novo «Defeat of the Nemesis» vai ainda mais além na forma

renovada como a banda aborda um estilo rico em estonteantes acrobacias rítmicas e alucinantes rodopios melódicos, mas que não se perde em divagações ininteligíveis. A abertura a ideias para lá dos canones do death metal é particularmente denunciada nos oito minutos de «Draconian daemon», de longe o tema mais progressivo e aventureiro (mais ainda que o surpreendente «Orbital failure», do álbum de 2014) dos cinco em oferta neste EP, e que só por si vale o preço do disco. Não sendo tão arrojadas, as restantes faixas pautam-se também por um estilo mais solto, baseando-se, curiosamente, num tipo de composição mais em linha com o segundo álbum, «Reaching the Void» (o tal de 2014), do que com o mais recente. É impossível não detectar uma vasta paleta de influências, desde Death e Nocturnus (mesmo no conceito lírico sci-fi) até Opeth e Gorguts, que a banda usa com parcimónia para construir passagens contagiosas com fluidez e musicalidade, onde sobressaem os fraseados do baixo de Adrien Gustin e os leads de guitarra de cair o queixo de Valéry Bottin. Os 24 minutos podem saber a pouco, mas a densidade sónica compensa e o disco acaba por não se esgotar tão cedo.

[8/10] ERNESTO MARTINS



RIVERSIDE

«ID.Entity»

(InsideOut Music)

«ID.Entity» marca o regresso dos polacos Riverside aos álbuns de originais. Ultrapassado o luto pelo falecimento do companheiro Piotr Grudziski que marcou o último registo da banda, «Wasteland», de 2018, a banda sentiu necessidade de captar num novo disco a vivacidade dos concertos ao vivo, por isso a gravação foi feita com todos os elementos no mesmo estúdio.

E, de facto, sentimos bem a preponderância do baixo, a força da bateria, a guitarra melodiosa, os sintetizadores vibrantes e a elegância da voz a conviverem organicamente nas canções. Este é um disco que tende a crescer com as audições e, aviso já, que os refrões da «Friend or foe» e da «I'm done with you» não nos largam durante dias a fio! O disco debruça-se sobre a identidade da nossa sociedade capitalista, tóxica, polarizada nas redes sociais, ao mesmo tempo que reflete sobre o caminho que a banda quer traçar, deixando críticas à indústria musical que já lhes apontou o dedo por não serem «suficientemente prog». O próprio Mariusz disse que «apesar dos assuntos abordados não serem positivos, este é um álbum alegre que pode ser ouvido logo de manhã» e é impossível discordar, senão vejamos: a batida 80s synthwave da «Friend or foe» abre o disco e a popish vibe de «Self aware» fecha-o e ali a meio temos a deambulação jazzy progressiva de 13 minutos de «The place where I belong». A identidade do álbum faz-se da junção da identidade de cada uma das músicas onde peso e melodia se complementam. A melancolia foi abandonada e novas texturas musicais foram exploradas e, na minha opinião, os Riverside deram mais um passo na direcção da realza do rock/metal progressivo. Para terminar, nota excelente para Mariusz Duda enquanto produtor e para a capa que espelha tão bem o conceito por detrás das músicas. Chamem-me tola, mas eu já encontrei o meu disco de 2023!

[9/10] GABRIELA TEIXEIRA



RUNEMAGICK

«Beyond the Cenotaph of Mankind»

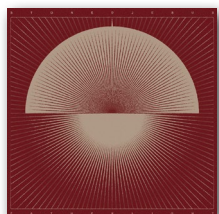
(Hammerheart Records)

Com mais de três décadas de existência, este é o projecto mais antigo do hiper-activo Nicklas «Terror» Rudolfsson, multi-instrumentista sueco, prolífico também em várias outras formações históricas como os Sacramentum, Deathwitch e The Funeral Orchestra. Com os Runemagick, Rudolfsson num gozou mais do que alguma reverência em alguns sectores obscuros do underground, facto que, no entanto, não parece ter afectado a sua persistência e produtividade, a

julgar pelos treze álbuns que já leva no curriculum, dez dos quais moldados pelo death/doom ocultista que se tornou a identidade da banda desde que o baterista Daniel Moilanen (Katatonia) e a baixista Emma Karlsson passaram

a integrar o colectivo. Depois dum período de inactividade motivado por algum desgaste, a banda voltou aos discos em 2018, claramente longe do seu melhor, redimindo-se agora com «Beyond the Cenotaph of Mankind», um trabalho que recupera, pelo menos em parte, a chama de discos marcantes como «Darkness Death Doom»(2003) ou Envenom»(2005). São mais meia dúzia de hinos torturados, conduzidos na escuridão por andamentos arrastados, ocasionalmente mais corridinhos, com aquela típica sonoridade rombuda de raiz Celtic Frostiana e composições que remetem para algo entre Bolt Thrower e Electric Wizard. Destacam-se “Endless night and eternal end” e “Revocation of spectral paths”, pelo exotismo e pelas ideias inéditas que introduzem, bem como o fantasmagórico título-tema que fecha o álbum da melhor maneira. Embora alguns temas primem pelos riffs gastos e construções genéricas, este é um álbum distintamente Runemagick com tudo para não defraudar os fãs mais antigos da banda.

[6.5/10] ERNESTO MARTINS



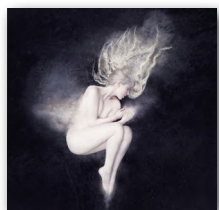
STONED JESUS

«Father Light»

(Season of Mist)

De Kiev para o mundo, os Stoned Jesus são um dos grandes nomes da cena stoner e brindam-nos com o seu quinto registo de originais, onde a banda explora, para além do doom, meandros mais progressivos e psicadélicos na sua sonoridade. Não tão pesado quanto o anterior «Pilgrims», «Father Light» tem no baixo de Sergii Sliusar e na bateria de Dmytro Zinchenko dois poderosos pilares, que fazem contraste com o timbre suave e melódico de Igor Sydorenko e que é um dos meus favoritos dentro do género. O disco abre com o tema-título – só com voz e guitarra, para logo de seguida darmos uma voltinha de quase 12 min numa montanha-russa sonora. “Season of the witch” é uma epopeia stoner/doom/psych/prog que começa com riffs pesados e arrastados, a meio temos o feeling que estamos nos anos 70 a curtir alto prog rock e, quando damos por ela, estamos novamente na vibe black sabbathiana. Precio, pois claro! “Thoughts and prayers” são 6 min super groovy, super cool que vão de encontro à letra pouco optimista, face aos tempos que vivemos (“In gardens of stone we die alone/Waiting for someone to guide us back home”). “Porcelain” é puro transe hipnótico que toma conta do corpo e faz a mente viajar, já “CON”, é a música estranha do disco porque me parece meio apunkalhada e o riff da guitarra faz-me lembrar de imediato Sonic Youth. A cacofonia da letra é, no entanto, muito interessante. Em “Get what you deserve”, a última música do disco, voltamos ao peso do doom intercalado com momentos de melódica psicadélica. A nota é muito positiva para este regresso, onde essência e vontade de experimentar caminham lado a lado. Agora é levar o disco para a estrada e levantar bem alto a bandeira da Ucrânia.

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



SYLVAINÉ

«Nova»

(Season of Mist)

«Nova» é o último disco de Sylvaine, saído a março de 2022, mas ainda merecedor da nossa atenção, até devido à sua recente passagem por Portugal. Neste 4.º disco, a multi-instrumentista Katherine Shepard despe-se perante nós, não só na capa, mas essencialmente nas emoções que transmite nestes sete temas. A capa de «Nova» é reveladora da sonoridade que nos espera, em especial para quem, tal como eu, a desconhecia, oscilando entre a luz e a escuridão, onde a fragilidade de uma voz angelical se alia à agressividade dos momentos guturais, para no final não se conseguir perceber qual dos dois lados vence. Talvez seja essa a essência de Sylvaine, a de equilibrar os dois extremos, como acontece em “Mono no aware” em que a sua voz de sereia nos arreia por entre o “caos” dos instrumentos. Arrepiar é verbo que muito bem se aplica a este disco. Nele podemos dar mergulhos emotivos por entre paisagens interiores mais etéreas (“Nowhere, still somewhere”) ou percorrer deambulações de 12 min que explodem em crescendo (“Fortapt”). Ao ouvir Sylvaine é impossível não pensar em Alcest, na medida em que ambos servem sonhos caóticos, que nos assombram e envolvem nos meandros do blackgaze. «Nova» termina com a suavidade de “Everything must come to an end”, onde a guitarra, agora pacificada, se une à gentileza do violino e violoncelo, na certeza que a serenidade reina. Ouvir este disco é entrar na intimidade de Katherine, transmutada em arte por Sylvaine.

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



TWILIGHT FORCE

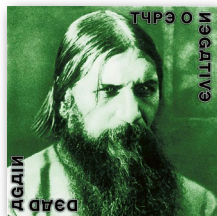
«At The Heart of Wintervale»

(Nuclear Blast)

Hoje em dia pode ser considerado uma raridade, ou pelo menos, é não tão abundante quanto foi nas décadas de 90 e de 2000. Canções sobre dragões, poderes, magias, carregadas de drama, melodias e paisagens que exploram o épico até ao infinito. O excesso de bandas daquele género, ao qual se apelidou de power metal, aqui e ali adornado de sinfónico ou épico, talvez tenha contribuído para um certo preconceito e nem sempre foi fácil aguentar com os repuxos de alegria com que éramos borrifados refrão após refrão, banda após banda. Felizmente, em 2023, os suecos Twilight Force trazem-nos

tudo isso, e como se costuma dizer, em dose bem servida. As parcelas tradicionais estão todas presentes e os Twilight Force com este «At The Heart of Wintervale» erguem bem alto o estandarte do estilo. A composição está dotada de uma dedicação notável, tendo o poder de despertar as emoções. Experimentem sentirem-se inabaláveis ao som de “Dragonborn”, aventureiros em “Skynights of Aldarior” e íntegros na epopeia “The last crystal bearer”. A mestria com que criam esta obra é absolutamente merecedora de atenção e de destaque. Juntemos também todo o trabalho de artwork, que emparelha perfeitamente com a parte musical e que torna ainda mais real esta viagem por um mundo de fantasia criado pelos Twilight Force.

[8.5/10] EMANUEL RORIZ



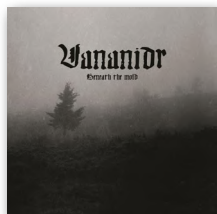
TYPE O NEGATIVE

«Dead Again»

(Nuclear Blast)

«Dead Again» foi editado a 15 de Março de 2007 e, em Novembro de 2022, a Nuclear Blast lançou uma edição especial daquele que foi inesperadamente o último registo de originais do quarteto de Brooklyn. O CD/LP vem acompanhado por um segundo disco com gravações no Wacken 2007, onde podemos sentir a energia da banda ao vivo e o poder de Peter Steele a cantar hinos que todos nós sabemos de cor. Não há nada de novo que se possa dizer sobre uma das bandas mais intensas e especiais dentro do espectro heavy metal e do seu motor fervilhante e criativo, com aspecto de vampiro e voz de barítono. Cada disco tem uma essência muito sua e «Dead Again» é um registo bastante linear, onde nenhuma música se sobrepõe. Olho para este conjunto de temas como um todo e, ao mesmo tempo, como um puzzle abruptamente inacabado. A aura do disco é negra e enraivecida, contrastando com os momentos delicadamente compassados como em “September sun”. A sedução e sensualidade também não estão tão presentes como outrora, à excepção da languidez da voz feminina em “Halloween in heaven”. Peter Steele não estava a passar uma boa fase na sua vida pessoal, fruto da adição, e isso foi transportado para a dureza na sua voz e nas suas palavras. No que à música diz respeito, «Dead Again» é um disco seguro e confortavelmente bom, mas não excelente como «October Rust» ou «World Coming Down». Não há nada aqui que surpreenda, mas também não há nada a reprovar. Estes drab four sabiam fazer um doom/gothic/heavy... pujante e acutilante, como mais nenhuma outra banda. Só nos resta estar gratos pelos discos e brindar ao eterno Green Man. We love you to death, Pete!

[8/10] GABRIELA TEIXEIRA



VANANIDR

«Beneath the Mold»

(Black Lion Records)

Depois de dois álbuns fortemente ancorados na segunda vaga de black metal escandinavo o produtor e multi-instrumentista Anders Eriksson resolveu não só transformar este seu projecto a solo numa banda completa, mas também descolar-se dessa estética inicial, facto que ficou desde logo patente no álbum «Damnation», de 2020. O recente «Beneath the Mold», escrito na íntegra por Eriksson, mas gravado com um line-up que inclui o ex-baterista dos Amon Amarth, Fredrik Andersson e o baixista Per Lindström, segue fórmula idêntica ao disco anterior - com composições variadas que evitam com sucesso construções óbvias e recorrentes - mas apresentando ao mesmo tempo diferenças notáveis. Embora aqui a música dependa muito mais de bujardas impiedosas de blast beats do que de partes atmosféricas mais lentas, as rajadas rápidas surgem sempre apoiadas por uma malha recorrente de guitarras que sobressai com as melodias mais impressionantes de sempre vindas da pena de Eriksson. O espantoso turbilhão de riffs à lá Dawn que se ouvem em “The watcher” demonstra bem esse artifício, embora “Dressed in pain”, com as suas cativantes linhas em tremolo e riffs pontuados, marque o momento onde os elementos agressivos e melódicos melhor se conjugam. De referir também a épica faixa-título, pela dose adicional de melodias encastradas no tornado de riffs, num estilo remanescente dos Winterfylleth. Apesar da qualidade da música e do evidente profissionalismo da banda, é, no entanto, quase impossível evitar a sensação de estarmos a ouvir algo reciclado e batido. Ainda assim, para quem não se cansa desta abordagem, «Beneath the Mold» pode traduzir-se em mais 45 minutos de plena satisfação.

[6.5/10] ERNESTO MARTINS



VEILBURNER

«VLBRNR»

(Transcending Obscurity Records)

Descobrir preciosidades como esta é o que torna gratificante a audição exaustiva de um número interminável de novos lançamentos, e o lugar para as descobrir é cada vez mais a editora indiana TOR que parece ter um olho natural para talentos. O duo norte-americano Veilburner é evidentemente um desses casos a julgar pela abordagem única de extremidade que têm vindo a desenvolver nos últimos oito anos, e, em particular, por este fantástico sexto trabalho que continua a

esboroar fronteiras entre death, black metal e tudo o que é brutal, agora com uma profusão de efeitos experimentais, sonoridades industriais e outras bizarras. O estilo de composição continua alucinante e imprevisível como sempre, mas com um fluência de deixar o queixo no chão. As passagens melódicas memoráveis são mais frequentes, a par duma variedade de segmentos pautados pelas extravagantes métricas do avant-garde, e vocais ultra graves que grunhem diatribes sobre temas herméticos. Os dez temas em oferta são excepcionalmente variados: enquanto que "Envexomous hex" é feito de padrões rítmicos nervosos e sons fantasmagóricos, "Interim oblivion" transporta-nos para um lugar tranquilo com a sua melodia atmosférica e percussão jazzística, cuspindo-nos de seguida para o frio e industrial "Lo! Heirs to the serpent". A variedade não fere, contudo, a coesão de um disco onde podem detectar-se apontamentos esparsos de Ddheimsgard, Deathspell Omega e alusões várias a Behemoth. Comparado com o álbum anterior, «Lurkers in the Capsule of Skull», «VLBRNR» é, sem sombra de dúvida, um esforço mais criativo e completo. Uma obra notável que leva o metal extremo a um nível artístico muito superior.

[9/10] ERNESTO MARTINS



MILAGRE METALEIRO
PINDELO DOS MILAGRES - PORTUGAL
XIV OPEN AIR 2023
25, 26 E 27 DE AGOSTO

BANDAS JÁ CONFIRMADAS:

25.08	26.08	27.08
MOONSPELL	DARK TRANQUILLITY	CRADLE OF FILTH
ORDEN OGAN	STRATOVARIUS	GRAVE DIGGER
GRAVEWORM	ECLIPSE	SERIOUS BLACK
FRANTIC AMBER	SACRED SIN	LUJURIA
OPERA MAGNA	TOXIKULL	GIGATRON
BLAME ZEUS	RAVENBLOOD	BOISSON DIVINE
HADADANZA	AKTARUM	DARK EMBRACE
SHUTTER DOWN	ARENIA	ENCHANTYA
VØIDWOMB	RESURGE	HATE LEGIONS
		ERZSEBET

2 PALCOS | 32 BANDAS | CAMPING GRATUITO
COMIDA TRADICIONAL | CERVEJA NACIONAL | CONSUMO FAIR COST | BUS GRÁTIS ENTRE FESTIVAL E S.P. DO SUL

BILHETES A 33 € ATÉ 31.05
Bilhetes à venda nos locais habituais, milagremetaleiro.bol.pt e masqueticket.com

(Su) Posições - Hard N' Heavy

Por: Gabriel Sousa

Triste na alegria de um concerto



Dia 18 de Novembro fui ao Hard Club ver uma banda lendária, os Anvil, para sempre um dos grandes nomes do underground do Heavy Metal e felizmente vi também 2 bandas de abertura de grande qualidade, os Franceses Harsh com o seu Hard Rock pujante altamente inspirado na Sunset Strip de Los Angeles dos anos 80 e os Italianos Genghis Khan com o seu Power Metal poderoso.

Os Anvil deram um excelente concerto, foi uma verdadeira aula de Heavy Metal, liderados pelo engraçadíssimo Steven "Lips" Kudlow vocalista/guitarrista de créditos firmados.

Apesar destes 3 concertos de qualidade, saí do Hard Club com um sentimento agri-doce (sentimento que já tinha sentido num dos concertos da minha vida, o concerto dos Y&T no RCA) e sei bem o que despoletou este sentimento.

Tal como no concerto dos Y&T houve uma enorme FALTA DE PÚBLICO. Estamos a falar de uma banda lendária, super influente que se estreava em Portugal, com um bom programa de abertura e um horário decente, os Anvil entraram em palco pouco depois das 22h, dava perfeitamente para sair do trabalho, jantar e calmamente ir curtir um enorme concerto, caso houvesse vontade claro.

Num concerto numa 6ªfeira à noite, na Sala 2 do Hard Club (sala que leva 400 pessoas) acho incrível que não se consiga encher esta sala (duvido até que estivessem 150 pessoas na sala).

É triste queixarem-se que não há concertos, que é tudo em Lisboa, que não há nada no Porto e depois numa oportunidade destes não aparecem.

Numa era em que tudo se sabe e tudo se comunica quase instantaneamente só mesmo a falta de vontade (a falta de dinheiro eu compreendo) é que justifica a situação.

Triste, fiquei muito triste com isto, o Hard Club merecia mais, o Metal merecia mais, os Anvil (e as bandas de abertura Harsh e Genghis Khan) MERECIAM MUITO MAIS.

CURTAS



CELESTIAL WIZARD

«Winds Of The Cosmos»

(Scarlet Records)

Os Celestial Wizard chegam a este segundo disco com a força sempre muito característica dos colectivos norte-americanos que bebem da influência dos grandes grupos clássicos originários do velho continente. No tema que abre o disco começam por iludir o ouvinte com um momento do que por aí se tem chamado de synth metal, mas que ao longo do disco é uma referência que praticamente não volta a surgir. Depois disso entramos numa esfera caldeirão de power, thrash, death com vocalizações que caberiam muito bem na forma de um qualquer disco de black metal. É um disco bastante coeso, coerente, repleto de ideias e de energia. O desfile de riffs e leads vai seguramente captar mais alguns fãs para a sua legião.

[7/10] EMANUEL RORIZ



FUGITIVE

“Maniac” (EP)

(20 Buck Spin)

Criada à imagem do mais clássico Thrash Metal com arrombos de Hardcore, os Fugitive erguem-se no Texas com as vozes de Seth Gilmore (Skourge) e a bateria de Lincoln Mullins (Creeping Death), ambos mestres do Thrash. Rodeiam-se de músicos de qualidade para despejarem nos nossos ouvidos 17 minutos de classicismo onde se aproveita tudo e mais alguma coisa, fazendo-nos acreditar que escutamos um álbum old school, ainda que com melhor produção. Experimentem.

[8/10] VICTOR HUGO



GRIEF CIRCLE

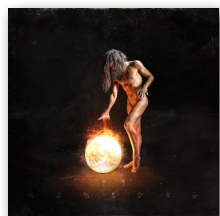
«Weightless»

(Independente)

Uma das propostas (Independentes) mais interessantes que nos chegou da Polónia foram os Moanaa, com uma mescla de sonoridades Post/Stoner/Doom Metal. No entanto, os Moanaa entraram num indefinido hiato e os membros embarcaram em novos projectos.

Os Grief Circle são agora a banda de Kvass, o (ex?) vocalista dos já mencionados “defuntos”, percebendo-se isso mesmo, por algumas similaridades impregnadas na música dos Grief of Circle. Deixando por momentos as comparações com projectos anteriores, «Weightless», que de “Weightless” não tem nada, é uma viagem emocional e desesperante rumo ao vazio e com destino a lado nenhum. Seis temas que não dão descanso, “salpicados” com alguns interlúdios mais calmos e melódicos mas que terminam sempre no desespero vocal e instrumental – a viagem tem de continuar. Uma evolução muito natural dos Moanaa – projecto que bem conhecemos – e que face à qualidade de «Weightless» o mais certo é ficarem num hiato infinito. (Não se deve “julgar o livro pela capa” mas, para uma banda independente a edição e o artwork estão de categoria)

[8.5/10] EDUARDO RAMALHADEIRO



KETHA

«Wendigo»

(Moans Music)

Se Kvass, (ex?) vocalista dos Moanna formou os Grief Circle, Lukasz Kursz (ex?) guitarrista da mesma banda, juntou-se aos Ketha. «Wendigo» é já o quarto registo da banda e, apesar de virem descritos como inseridos no género Death Metal, de Death Metal não têm nada... ou melhor, nada do que é típico neste género foi por mim descortinado em «Wendigo».

Eu diria que seria (quase) uma versão mais negra de White Zombie, se estes virassem experimentalistas e atmosféricos. Às primeiras audições «Wendigo» pode não entrar imediatamente no ouvido mas é só dar mais algumas oportunidades e os Groove industrial causará movimentos involuntários dos respectivos pescocinhos. Apesar de seguir sempre a mesma cadência musical – qual Cruise Control - «Wendigo» é surpreendentemente bastante... versátil. Excelente produção, já agora e tal como os Grief Circle o artwork está de categoria

[8/10] EDUARDO RAMALHADEIRO



MAJESTIES

«Vast Reaches Unclaimed»

(20 Buck Spin)

Viajamos até Gotemburgo? Voltamos à década de 90? Sim! Esta é parte da experiência que os norte-americanos Majesties nos propõem, neste que é o seu disco de estreia. Aqui estão bem patentes as regras do som da referida cidade sueca. As referências são evidentes e durante a audição, caso sejam conhecedores, vão seguramente sentir o impulso de voltarem a pegar em «The Jester Race», «Whoracle» ou até «A Moonclad Reflection». Nem só de saudosismo vive este disco, pois há aqui também aquilo que parece ser a alma e o ambiente dos Majesties. Um possível segundo disco será um acontecimento a seguir de perto. Contudo, a nota máxima vai para o saudosismo que nos leva pela mão, até a este lugar fértil do passado do metal melódico, no norte da Europa.

[8/10] EMANUEL RORIZ



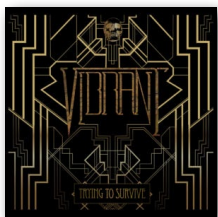
PÉ ROTO

«Tormento»

(Doomed Records/Raging Planet)

Ao segundo disco, os Pé Roto voltam a não deixar dúvidas sobre a sua origem na cidade de Braga. O jogo de palavras continua a estar presente, depois de intitularem o primeiro disco de «Bracara Angvstia», neste «Tormento», é no último tema - «Teatro-Circo» - que experimentam de forma mais explícita esse vínculo. Estes temas são berrados 100% em português, o que torna tudo muito intenso, enquanto deixam cair mensagens de alarme, alerta e revolta. Intensidade esta que é lenta, grave, arrastada e inquieta, encontrando-se uma exceção na veia punk de «Máquina de morte». Bem no meio do disco, merecedor de toda a atenção, encontra-se o tema «Sangue», que estica até aos seus 8 minutos de duração a dureza do tormento que a música dos Pé Roto acarreta em 2023.

[7.5/10] EMANUEL RORIZ



VIBRANT

«Trying To Survive»

(Independente)

Mais uma banda que nos chega diretamente da Polónia – interessante, já agora, referir que nos chegam mais promos físicos vindos directamente da Polónia que cá do nosso burgo – os Vibrant lançam o seu segundo álbum, mais uma vez de forma independente – interessante, já agora, referir a qualidade tanto a nível de produção como do artwork que nos chega da Polónia.

«Trying To Survive» é um álbum de Rock, puro e duro, onde constam sete temas que perfazem menos de trinta minutos. Apesar de não nos apresentar nada de novo, é de audição fácil, energético, ritmo rápido, soltinho, sem ser desenfreado, muito bem tocado e solos rasgadinhos.... mas o fim chega rápido e fica-se com a sensação que poderíamos ter ali mais música... sabe a pouco.

[7/10] EDUARDO RAMALHADEIRO

PRAIA DA DUNA DOS CALDEIRÕES, ÂNCORA, PORTUGAL.

SONIC BLAST

10, 11 AND 12TH AUGUST PRE-PARTY AT THE 9TH

THE BLACK ANGELS - THURSTON MOORE GROUP - OFF!
BOMBINO - ACID KING - EYEHATEGOD - KADAVAR
A PLACE TO BURY STRANGERS - DOZER - CRIPPLED BLACK PHOENIX
EARTHLESS - IMARHAN - CHURCH OF MISERY - HALLAS - ELDER
NAXATRAS - SCOWL - SPY - DEATH VALLEY GIRLS - MONDO GENERATOR - SASQUATCH
FRANKIE AND THE WITCH FINGERS - BLACK RAINBOWS - LOVE GANG
MYTHIC SUNSHIP - WEEDPECKER - MONARCH - SPIRIT MOTHER - ETRAN DE L'AIR - ACID MAMMOTH
EL ALTAR DEL HOLOCAUSTO - KANAAN

WARM UP PARTY (10TH AUGUST)
DANAVA - MIRROR QUEEN - SCATTERBRAINIAC

MORE TO BE CONFIRMED

ANTENA 3 **P** LOUD!



...And Oceans

Sonhos e cataclismos

Do sonho etéreo ao cataclismo avassalador: eis o percurso que os finlandeses ... And Oceans nos propõem neste seu novo álbum, misteriosamente intitulado «As in Gardens, so in Tombs», a sair pela Season of Mist em janeiro de 2023.

Entrevista: CSA | Fotos: M. Laakso

Saudações! Espero que esteja tudo bem contigo e com a banda.

Timo – Saudações! Por aqui está tudo muito bem. Estamos ansiosos por lançar o álbum para que todos o possam ouvir!

Vi a ilustração que o Adrien Bousson fez para a capa do vosso álbum e esta imediatamente chamou a minha atenção. É absolutamente maravilhosa, faz-me sonhar e lembra-me arte bizantina. Tem tudo a ver com a vossa música, não é verdade? Como a relacionam com o tema central do vosso álbum? Que

papel desempenhou a banda na sua criação?

Procuramos relacionar sempre a capa com a música, tanto quanto possível.

Quando lançámos o álbum anterior, o Adrien começou a fazer a capa inspirando-se na arte de um pintor russo. Aliás, fomos nós que lhe mostrámos um quadro desse pintor. Depois, quando o Mathias viu essa capa, sentiu-se inspirado e começou a escrever as letras.

De seguida, o artwork e o livrinho que acompanha o álbum foram feitos tendo em conta essas letras. Portanto, está tudo ligado entre si.

Neste álbum que vai sair agora, toda a arte decorreu das letras. O Adrien começou a fazer a ilustração para a capa e os outros elementos inspirando-se nestas letras. O Mathias explicou-as um pouco como fez no álbum anterior, mas não revelou tudo, nem entrou em demasiados pormenores. Portanto, o Adrien esteve à vontade para interpretar o tema à sua maneira.

Depois fui ouvir o vosso primeiro single e a fascinação tornou-se ainda mais forte. Adoro a forma como a vossa banda combina

violência com melodia na sua música. As partes violentas fazem-me pensar na realidade e as partes melódicas funcionam como formas de nos evadirmos dela. Concordas comigo?

Tenho a impressão de que ouvi essa interpretação em todas as entrevistas sobre este álbum que demos até agora. Concordo contigo em absoluto. É bom ouvir isso, porque esse era um efeito que pretendíamos obter e trabalhámos para ele: criar contrastes entre material agressivo e melancólico/melódico. Pessoalmente, gosto muito de ambos os estilos, mas, quando ouço um álbum, pode ser difícil ouvir durante 50 minutos só material altamente agressivo ou só material melódico. Gosto de misturar os dois estilos. Isto não acontece necessariamente em cada canção, nem foi algo em que estivéssemos a pensar expressamente quando as escrevemos. Só nos apercebemos disso, quando temos material para um álbum. Então podemos ouvir o material focando-nos no álbum na sua totalidade.

É curioso notar que, embora a vossa música seja realmente muito sinfónica, se ouve perfeitamente a bateria, às vezes a adensar a atmosfera do álbum, outras vezes a contrariá-la. Como é que este efeito se manifesta nas diferentes canções incluídas neste álbum?

É sempre difícil ouvir alguma coisa, quando temos muitas camadas de teclados. Tens um fundo constituído por uma massa sonora de teclados e depois tens também uma linha melódica. Depois ainda tens a guitarra principal. Desta vez, penso que conseguimos fazer isso tudo muito bem, graças ao excelente trabalho de mistura e masterização de Tore Stjerna/Necromorbus Studio. Isto é algo que torna a música interessante. Tens variação, tens contraste. Há imensas coisas a acontecer em simultâneo, mas sem excessos. Portanto, é tudo uma questão de equilíbrio.

O que significa o misterioso título do vosso álbum – «As in Gardens, so in Tombs» – do ponto de vista da banda?

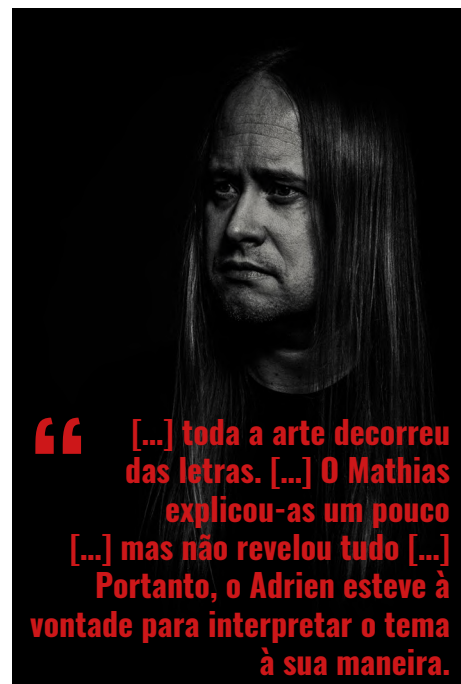
O Mathias é que seria a pessoa indicada para responder a essa pergunta. Vou reproduzir um comentário que ele incluiu na nova bio da banda: “O que quer que seja que aconteça, quando quer que seja que isso aconteça, nada faz diferença. Nós sempre fomos e sempre seremos um elemento de um círculo de energia eterna.”

Que tópicos são tratados nas letras das várias canções que o álbum inclui? [Eu sei que foi o Mathias que as escreveu, mas certamente ele consultou-vos.]

Na realidade, organizámo-nos sempre de forma a que as letras e os temas fossem escolhidos pelo vocalista. É claro que eu gosto de saber de que tratam as letras e, pelo menos, leio-as, quando estão prontas, haha. Portanto, compete sempre ao vocalista escolher o tema e escrever as letras. Eu nunca escrevi letras para nenhuma das bandas de que faço parte. Sempre confiei nos vocalistas, tal como eles confiam em nós. Portanto, desta vez, tal como das outras, ninguém foi consultado. Li as letras quando o Mathias as apresentou à banda, no momento em que lhe pareceu que estavam prontas. No entanto, não me lembro de nada. Terei de as ler novamente, quando tiver nas minhas mãos o produto final. Por conseguinte, não tenho muita coisa a dizer sobre os tópicos das canções. Os títulos devem ajudar. Geralmente, o Mathias pensa muito no que vai escrever. Não se limita a juntar palavras e fazer rimas, sem se preocupar com o que elas significam.

Serão capazes de replicar a atmosfera onírica do álbum no palco?

Sem dúvida. Se precisarmos de usar muitas camadas de teclados ou algo desse género, teremos material de reserva. O Anti não pode tocar muitos teclados ao mesmo tempo, por muito talentoso

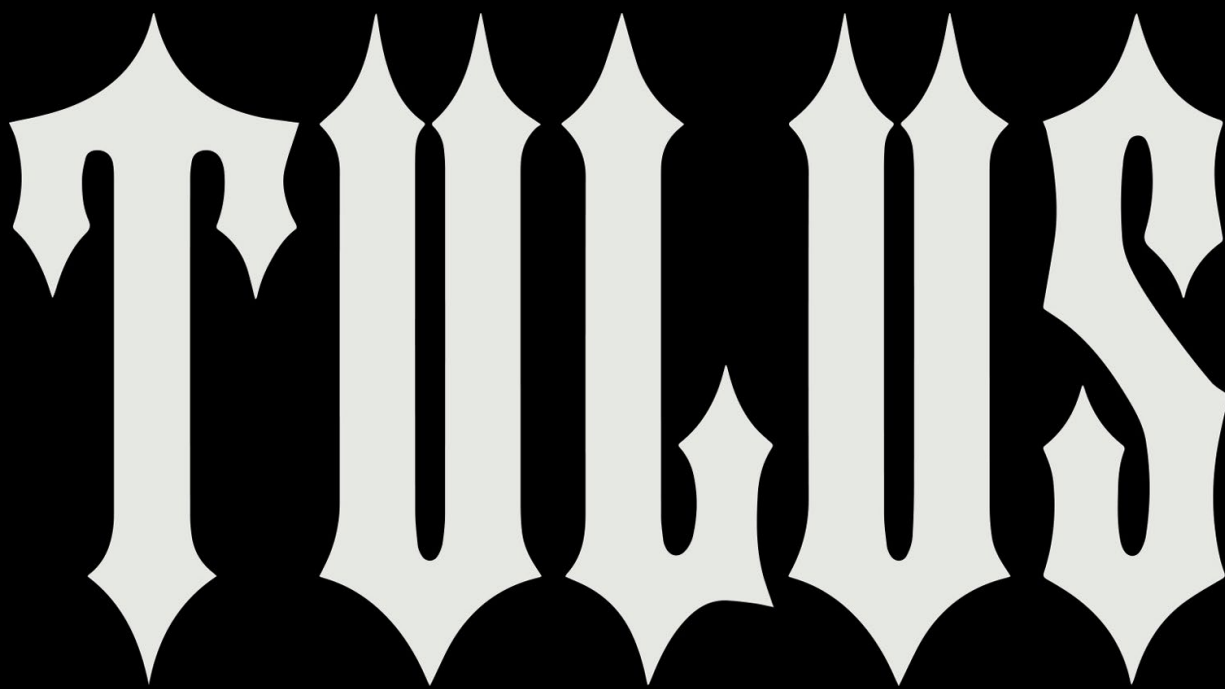


“ [...] toda a arte decorreu das letras. [...] O Mathias explicou-as um pouco [...] mas não revelou tudo [...] Portanto, o Adrien esteve à vontade para interpretar o tema à sua maneira.

que seja, haha. É claro que as luzes, etc. também serão relevantes para criar uma certa atmosfera e isso vai depender do local onde tocarmos e do equipamento e pessoal disponíveis para nos apoiar. Não poderemos transportar connosco esse tipo de material.

E agora uma curiosidade minha: por que escolheram o nome de... And Oceans para a band? [É um nome imponente.]

Nos anos 90, faziam-nos essa pergunta muitas vezes. Costumávamos responder que competia ao leitor/ouvinte completar o nome como quisesse e interpretá-lo à sua maneira. O nome parecia fazer as pessoas pensar. A ideia que presidiu à escolha desse nome foi apenas o facto de não querermos um nome típico de uma banda de Black Metal. Hoje em dia, parece-nos um bocado ridículo, mas na altura pareceu-nos muito original. Às vezes soava bem e outras vezes causou problemas por parecer demasiado provocante, haha.



Sem subterfúgios

Tulus abre 2023 brindando os fãs com mais um álbum de Black Metal direto, despretensioso, tocado ao vivo no estúdio, como é apanágio desta banda norueguesa. Em poucas palavras, Sarke – o baterista – fala-nos do processo que deu origem ao excelente «Fandens Kall», o sétimo longa duração da banda.

Entrevista: CSA | Foto: Morten Syreng

Saudações, Sarke! Espero que esteja tudo bem com a banda.
Sarke – Saudações! Tudo a correr bem por aqui.

Já entrevistei Tulus há uns anos atrás sobre «Old Old Death» (lançado em março de 2020 pela Soulseller Records) e gostei imenso do vosso som, que me pareceu muito original.

- O que aconteceu a esse álbum? Como foi recebido?

Correu tudo bem e teve boas críticas.

- A sua promoção foi afetada pela pandemia?

Claro! Como decidiram fechar tudo, não tivemos grandes oportunidades para dar concertos. Basicamente não aconteceu

grande coisa. Mas fomos fazendo música.

E como correu o confinamento para a banda?

Correu tudo bem. Houve momentos em que estivemos bastante parados, mas no conjunto correu bem.

Agora já se passaram três anos e temos aí um novo álbum de Tulus pronto para ser lançado.

- Como correu a sua conceção?

Fomos trabalhando como sempre fizemos. Criámos canções para um novo álbum. Mantivemos o nosso estilo musical.

- Como é que a banda se organizou para criar e gravar o novo álbum?

Vamos tendo ideias em casa e algumas também surgem durante os ensaios. Trabalhamos tudo juntos até que a canção esteja pronta. Gravamos a música ao vivo no estúdio.

Realmente eu acho muito interessante o facto de tocarem ao vivo para gravarem os vossos álbuns (como pude comprovar no documentário, cujo link vinha no promo kit que a editora nos enviou). Podes explicar-nos por que fizeram essa opção? [É muito clássica!]

É da maneira que as coisas funcionam melhor para Tulus. Queremos dar um toque autêntico à nossa música. Queremos que seja a coisa a sério. Sem artifícios.



“Fomos trabalhando como sempre fizemos. Criámos canções para um novo álbum. Mantivemos o nosso estilo musical.”

Apenas gente a tocar.

Infelizmente não compreendo a língua norueguesa, portanto não sei o que significa o título.

- Podes traduzi-lo?

É qualquer coisa como o “apelo da morte”. Fala da morte, de ser convocado para morrer.

- Por que escolheram esse título para o vosso sétimo álbum? Tem alguma coisa a ver com a crise que estamos a viver atualmente?

Não tem nada a ver com isso. Tulus não se interessa minimamente pela política. Pareceu-nos que assentava bem ao álbum.

- Ficaram totalmente satisfeitos com a forma como a Hilde abordou o conceito de base do álbum nas letras que escreveu para a banda?

Sem dúvida nenhuma. Ela escreve sempre letras fantásticas para nós. São sempre muito inspiradoras!

Também constatei que contactaram um novo artista gráfico para fazer a capa para o álbum. Que ideias lhe deram para estimular o seu processo criativo? [A pintura é muito bonita, mas causa arrepios!]

Sim. O Kjell Åge é excelente a criar

arte plástica tenebrosa. Queríamos uma capa atmosférica de raízes norueguesas. Fez um trabalho fantástico.

Por falar de imagens, a parte do documentário em que aparece a vossa sessão de fotos está muito engraçada (especialmente quando o Bloodstrup diz “Já somos todos homens maduros!” ou algo desse género). Quem escolheram para fazer as vossas fotos promocionais?

Morten Syreng. Já tinha trabalhado para nós antes. É um amigo de longa data, é fácil trabalhar com ele e é bom no que faz.

A vossa editora refere alguns convidados, mas não aparecem neste documentário. Vocês são uma banda de Black Metal sem complicações. Então, por que decidiram ter convidados neste álbum? Como os escolheram? E que contributo deu cada um para este «Fandens Kall»?

Quisemos dar-lhe um sabor especial, como fazemos sempre. São só alguns vocais femininos e uns teclados. Não vemos esses participantes como convidados. São apenas uns amigos, que

quiseram dar um contributo para o nosso álbum. Apenas alguns teclados aqui e acolá e voz feminina numa das faixas.

Já têm alguns concertos programados?

Ainda não, mas estamos em contacto com os organizadores de alguns festivais. Vamos ver o que acontece.

E como vai a vossa editora promover o sétimo álbum de Tulus e celebrar o trigésimo aniversário da banda?

Penso que não vão fazer nada de especial. Mas fizeram o documentário que já foi lançado.

Quem teve a ideia de filmar o documentário sobre a banda?

[A propósito, adorei esse documentário e em especial a parte em que a banda aparece a tocar no estúdio.]

Fui eu que pensei que seria simpático dar aos nossos fãs uma oportunidade de conhecer Tulus por dentro. E também foi agradável para nós fazermos e termos esse documentário.

Facebook
Youtube



Tryglav

Determinação promissora

Com presença assídua no YouTube graças aos seus vídeos sobre conteúdos ligados à música extrema, Boris Behara (aka Boris T) está agora a afirmar-se na cena Black Metal com a sua sonoridade cheia de melodia, mas acompanhada por vocais assaz violentos a deslizar para o Death Metal. Tryglav é – sem sombra de dúvida – uma banda a seguir.

Entrevista: CSA

Saudações, Boris. Espero que esteja tudo bem contigo. Descobri a tua música através do teu canal no YouTube, quando comecei a ver os teus vídeos sobre Mayhem. A certa altura, descobri que tinhas uma banda. Portanto, em 2019, lançaste «Night of Whispering Souls». - Como te organizaste para criar, tocar, gravar, misturar e produzir este álbum?

Boris T – Saudações, Versus Magazine!

Tudo começou em 2018. Estava tão farto de tocar com gente que não levava a música a sério que decidi deixar a minha antiga banda e passar a fazer tudo sozinho. Comecei por compor as primeiras canções no início de 2018. Criei toda a música na minha cave, onde também tinha a minha bateria. Foi tudo gravado no meu PC. Pretendia fazer o mesmo para a bateria, mas infelizmente não era o sítio ideal para o fazer e os meus microfones eram demasiado fracos. Tendo em conta o orçamento de

que dispunha, decidi escrever todas as partes de bateria usando o Ezdrummer, um plugin de bateria. Depois facilmente pude tocar a bateria e gravá-la no YouTube. Quando tinha a música pronta, tentei cantar, mas cheguei à conclusão de que não tinha o nível desejado, portanto escrevi as letras e as linhas de voz, enquanto tentava encontrar um vocalista adequado. No que diz respeito à mistura e à masterização, contactei o meu estúdio favorito, mas o preço que me pediam era demasiado caro para uma one man band. Entretanto, encontrei os Emissary Studios, na Austrália, que fizeram um bom trabalho por um preço que eu podia suportar.

Onde encontraste o vocalista para o primeiro álbum? [Gostei muito do seu estilo.]

Encontrar o vocalista adequado foi a parte mais difícil. Tentei com vários, mas nunca obtinha o resultado pretendido. Até perguntei ao atual vocalista

de Necrophobic se estava interessado no trabalho, mas os seus compromissos com a banda tornaram impossível a colaboração. Passei um mês inteiro a tentar encontrar a pessoa adequada até que um dia essa pessoa apareceu no Facebook. Era o Cain Cressall, o vocalista de The Amenta, uma banda australiana de Death Metal, que propunha treino vocal e produção. Escrevi-lhe e o resto da história já é conhecido.

E agora estás a preparar-te para lançar o segundo álbum: «The Ritual». Desta vez não estás a fazer tantas coisas, não é?

Para criar este álbum, ainda trabalhei mais do que para o anterior. Foi preciso gravá-lo três vezes, porque tive problemas com o computador. Desta vez, o Cain não estava disponível e isso prejudicou muito o meu trabalho. Como sempre, gravei tudo sozinho e escrevi as linhas de voz. A única coisa que mudou foi que tive ajuda para escrever as letras, porque

o álbum assenta num conceito e eu queria ter poemas com um significado mais profundo do que aquilo que é possível fazer quando não se tem o Inglês como língua materna.

E onde encontraste o baterista para este álbum?

Voltei a escrever as partes de bateria no Ezdrummer, mas desta vez não pude tocá-las eu próprio, porque vendi a minha bateria depois do primeiro álbum.

E como encontraste o novo vocalista [Callum Wright]? [O homem é extraordinário. Arrasou em “The Vengeance” e ainda mais em “The Evocation”!]

Estou totalmente de acordo contigo! Penso que o Callum fez um trabalho verdadeiramente extraordinário neste álbum. Como já referi, depois de o Cain me ter dito que não estava disponível para cantar no álbum, comecei logo a procurar um novo vocalista. Passei meses e gastei imenso dinheiro a experimentar vários vocalistas. O álbum devia ter saído em 2022, mas eu não consegui encontrar um vocalista a tempo. Nenhum dos vocalistas que encontrava era AQUELE! Até fiz um vídeo no YouTube a pedir aos meus subscritores que enviassem amostras das suas vozes, se estivessem interessados em participar, mas só alguns estavam mais ou menos no ponto que eu queria. Estava a pensar seriamente em pôr a banda em stand by, quando encontrei o canal do Callum no YouTube. Fiquei impressionado com sua amplitude vocal, contactei-o imediatamente e ele prontificou-se logo para trabalhar comigo. Não podia ter encontrado um melhor substituto.

A voz dele contrasta muito com as maravilhosas melodias em ambos os singles, não te parece?

Sim, a voz dele é poderosa mesmo. Adequa-se maravilhosamente à música. Quando estava a ouvir o álbum sem vocais, tinha a perfeita noção do tipo de voz que queria

e ele é exatamente o que eu procurava.

Aposto que estás a ter reações maravilhosas a ambos os singles.

As reações a ambos os singles têm sido espantosas! O apoio que recebi dos fãs é indescritível.

Há alguma relação entre os dois álbuns no que diz respeito aos respetivos temas?

Para o primeiro álbum, inspirei-me nos filmes de terror dos anos 80. Queria ter uma espécie de mascote para a banda, um vilão do género do Freddy Krueger, do Michael Myers, etc. Acabei por chegar à conclusão que aqueles médicos da Peste Negra eram perfeitos. Quando comecei a pensar em «The Ritual», decidi criar uma história que pusesse em cena os tais médicos e a minha personagem, para os apresentar aos ouvintes. Penso que esses médicos vão sempre fazer parte das letras da banda de hoje em diante. Gostava de fazer um EP completamente dedicado aos cinco médicos. Vamos ver o que acontece.

Convidaste a Mordiggian Art para fazer as capas para os dois álbuns? [Penso que é o mesmo artista, porque o estilo gráfico me parece similar.]

Sim, ambas as capas foram feitas pela Mordiggian Art.

Como descobriste este artista húngaro? Participaste de algum modo na criação destas capas?

A capa foi a parte mais fácil em ambos os álbuns. Um dia estava no Instagram e vi uma das imagens criadas pelo David (da Mordiggian Art). Uma dessas imagens foi logo escolhida para o primeiro álbum. Contactei-o logo e comprei a imagem. Na altura ainda nem tinha acabado o primeiro álbum, mas gostei muito da imagem e queria ter a certeza de que ninguém a ia comprar. Alguns meses depois do lançamento de «Night of Whispering Souls», ele carregou na plataforma uma nova imagem e eu vi logo que era a ideal para o novo

“ Tudo começou em 2018. Estava tão farto de tocar com gente que não levava a música a sério que decidi deixar a minha antiga banda e passar a fazer tudo sozinho.

álbum. Contactei-o imediatamente e pedi-lhe para não a vender a ninguém, porque eu queria comprar-lha. Foi a essa capa que eu fui buscar a inspiração para criar o conceito do álbum.

Também foi ele que fez os vídeos para os dois singles que já lançaste? [Há um aspeto que eu acho muito curioso no segundo álbum: as letras que aparecem vão criando padrões geométricos que parecem ser gerados pela voz do Callum.]

Não, o David não trabalhou nesses vídeos. Fui eu que fiz o vídeo para “The Vengeance” e o vídeo com letras para “The Evocation” foi feito por um gajo do Fiverr chamado Ayeyusif. Acho que ele fez um trabalho espetacular.

Que planos fizeste para fazer com que o teu segundo álbum chegue ao maior número possível de fãs?

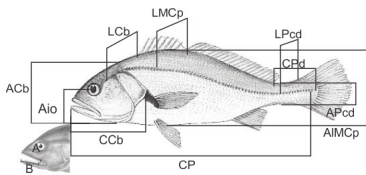
Como sempre estou a tentar promove-lo o mais que puder. A melhor forma de promover o álbum seria fazer concertos, portanto estou à espera de que apareça alguma coisa quando ele sair. Estou a fazer gigs.

Então vão fazer concertos para promover «The Ritual»? E o Callum estará contigo?

Ainda não sei. Já tenho alguns músicos que poderão acompanhar-me em digressão, mas ainda não falei com o Callum. Estou à espera do lançamento do álbum, para ver o que vou fazer.

Facebook
Youtube

Postas de pescada



“Postas de Pescada: devaneios de dois energúmenos sobre personalidades da música” será um espaço partilhado, entre dois “jornalistas”, onde se falará sobre músicos, bandas, acontecimentos e outras coisas que tais... Como devem ter reparado, o “outro” ainda não “mandou as postas”. Para a próxima edição não há a Parte 3 e depois, talvez o “outro” contribua...

Ozzy Osbourne – O fim de uma era?

Por: Ivo Broncas | Eduardo Ramalhadeiro

A notícia embora tivesse impacto, não podemos dizer que foi surpreendente. O “príncipe das trevas” anunciou a sua retirada dos palcos. O fim de uma era?

Ozzy Osbourne é, e será, um dos nomes mais sonantes da música metal. Uma peça fulcral do movimento, não fosse ele considerado por muitos como a primeira voz do Heavy Metal. Seja através dos Black Sabbath, seja pela sua carreira a solo, tem sido um uma importante influência para as novas gerações de músicos, fazendo dele um dos nomes mais respeitados da cena. Pela sua grande e bem-sucedida carreira, habituámo-nos a vê-lo sempre no activo. Como que um pilar, estático, com o seu estatuto sempre inabalável apesar dos novos movimentos musicais que foram surgindo ao longo dos anos. Por tudo isto, o mundo da música recebeu com pesar a sua decisão de abandonar os palcos por questões de saúde. No entanto, a notícia talvez tenha sido tão inesperada quanto previsível. Sim, é um enorme contrassenso.

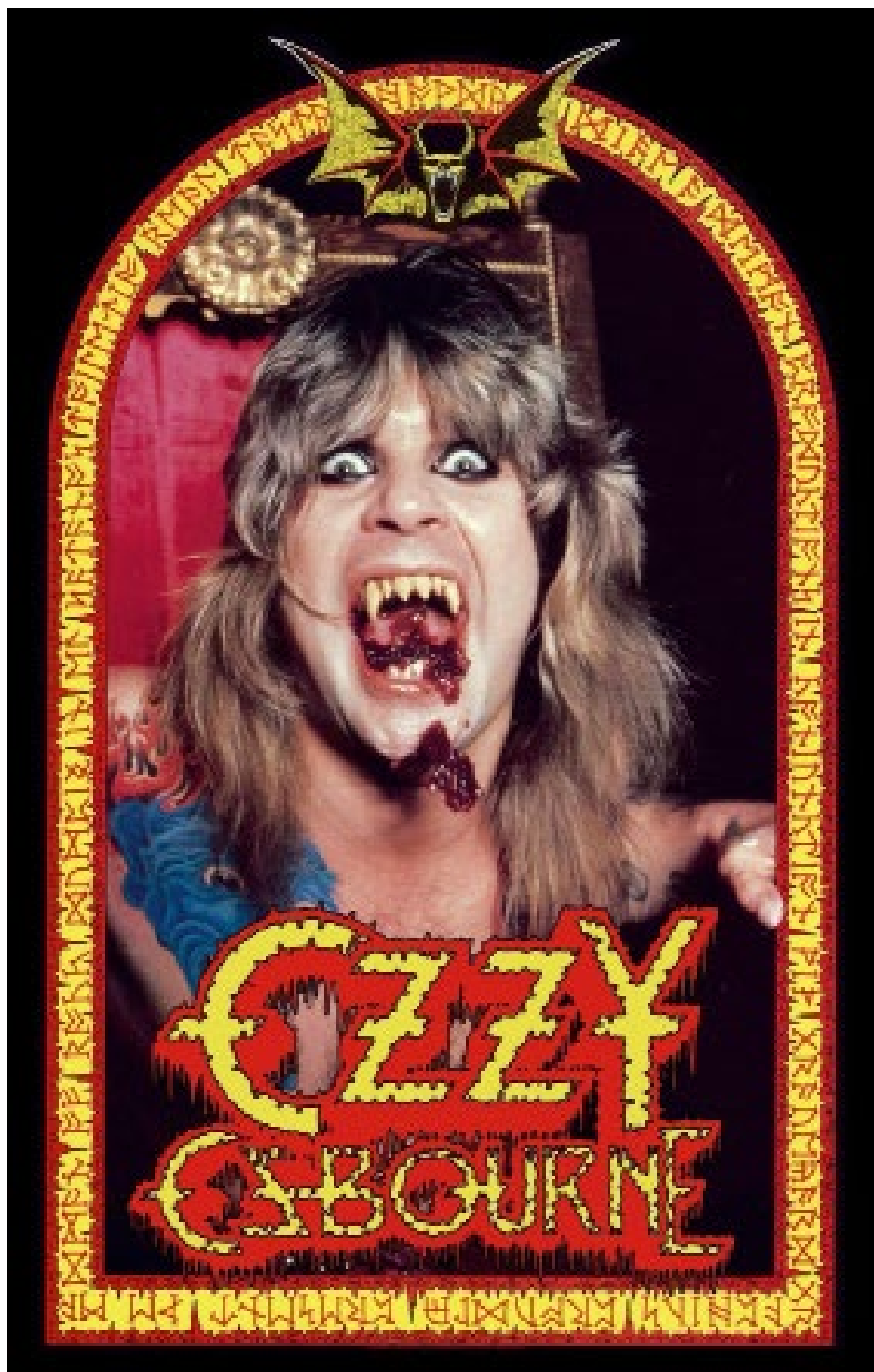
O príncipe das trevas personificou durante muitos anos o “rock and roll lifestyle”. A alcunha “Madman” assentou-lhe na perfeição. Alguns dos episódios rocambolescos nos quais foi protagonista são do conhecimento público, e foram catalisados na sua maior parte pelo seu consumo industrial de álcool e drogas. A sua vida foi constantemente ameaçada pelos seus vícios, sendo que alguns episódios, tal como a depressão que enfrentou após a morte do seu guitarrista e amigo Randy Rhoads, podem ter contribuído para estes hábitos autodestrutivos. No entanto, e contra todas as probabilidades, Ozzy não só sobreviveu às décadas de 80 e 90, como conseguiu, muito graças a Sharon Osbourne, manter uma carreira de sucesso. Mais recentemente veio o diagnóstico de Parkinson, ou melhor, a confirmação da doença, dado que os sinais estavam todos lá.

Contudo, e desafiando teimosamente o corpo que lhe começou a falhar, continuámos ver esta lenda viva a continuar a lançar álbuns e fazer concertos. E nós, teimosamente também, recusámo-nos a ver as suas debilidades em crescendo. Por isso mesmo, a retirada dos palcos, foi uma notícia que teve impacto no mundo da música. Afinal de contas, é uma lenda que iremos deixar de ver em palcos. Ou pelo menos na maioria, dado que foi confirmado num “super Festival” nos EUA este verão.

De uma forma algo macabra, parece que é, e vou utilizar a expressão “menos difícil”, aceitar que deixemos de ver um artista devido à sua morte prematura, do que uma aposentação por falta de condições físicas ou problemas de saúde resultantes do inevitável processo de envelhecimento. Talvez porque desta forma seja impossível não encarar não só a vulnerabilidade que vai crescendo nos nossos ídolos com o passar dos anos, como também o resultado inevitável que trará, mais cedo ou mais tarde, a nós próprios. Ninguém está preparado para a aposentadoria de um dos nossos ídolos. E embora tenha sido referido por tanto Sharon como por Ozzy que isto não iria acontecer, pelo menos para já, há que tomar consciência que estará para breve.

Há alguns anos atrás, Rob Trujillo contou que teve uma conversa com Ozzy sobre quem poderiam ser os “portas estandartes” do metal quando eles já não estiverem no activo. Esta conversa não totalmente inocente deixa-nos a pensar o que poderá vir? Com a iminente reforma de uma das lendas do metal, quem assumirá o papel de embaixador deste estilo musical? O que nos reservará a próxima era que se aproxima cada vez mais em passos largos?

Cada um terá a sua opinião, eu apenas gostava que Ozzy ainda por cá andasse e ficasse feliz com a sua sucessão.





Um filho talentoso

Nasceu das sessões de trabalho para o primeiro álbum de Gaerea e depressa se autonomizou. Assim surgiu Oak, o projeto de Pedro Soares e Guilherme Henriques apelidado de Doom Metal, mas com uma sonoridade singular sobre a qual quisemos conversar.

Entrevista: CSA | Foto: Catarina Rocha

Saudações! Portugal é há muitos anos um caso sério no panorama do Metal europeu e mundial (isto só a pensar nas bandas nacionais, porque não podemos esquecer o Brasil). Ao lado de “clássicos” como Moonspell ou Corpus Christii, temos agora Gaerea e Oak, o vosso projeto em duo. Já tive o prazer de entrevistar os Gaerea – depois de inchar de orgulho a ouvir os seus três maravilhosos álbuns – e agora é Oak, uma banda que me foi apresentada pelo Armando Marques da Piranha (a conhecida loja de música do Porto).

Como nasceram os Oak?

Pedro – A banda nasceu das

várias jam sessions que fazíamos durante a composição do álbum “Unsettling Whispers” de Gaerea. Como resultado das jam sessions apareceram ideias que não achamos que encaixassem no que pretendíamos para Gaerea. No entanto, gostamos demasiado delas para as deixar cair. Decidimos então fazer mais jams dedicadas a esta nova sonoridade que tinha acabado de surgir e, naturalmente, demos um nome ao projeto: OAK.

A meu ver, a designação de Atmospheric Funeral Doom (referida pela Metallum) assenta-vos como uma luva. O que pensam desta ideia?

As nossas influências abrangem

vários subgéneros incluindo esses que referiste, mas também Death ou Black Metal, por exemplo. A banda bebe de todas estas influências e tem momentos em que explora cada uma delas.

O vosso som é extremamente cativante, porque está cheio de contradições: é lento, mas dinâmico; violento, mas meditativo; tenebroso, mas ao mesmo tempo dele emana uma espécie de “luz sonora”. Como conseguem produzir este efeito maravilhoso combinando a voz e a guitarra [do Guilherme] e a bateria [do Pedro]?

Acho que desde o início estivemos em sintonia e percebemos o som

Como resultado das jam sessions apareceram ideias que não achamos que encaixassem no que pretendíamos para Gaerea. No entanto, gostamos demasiado delas para as deixar cair. [...] naturalmente, demos um nome ao projeto [...]

que queríamos fazer, com esses contrastes que referiste e sempre com a intenção de transportar quem ouve para o nosso universo de uma forma quase visual. As músicas surgem de uma forma muito natural e esta sonoridade que construímos, apesar de ter raízes bem sólidas, tem ainda muito por explorar em futuros lançamentos.

Da informação dada pela vossa editora [Season of Mist], depreendi que escrevem em conjunto (tanto a música como as letras). Percebi bem ou o vosso processo criativo desenvolve-se de uma forma diferente?

Sim, ambos contribuímos para todas as fases do processo, até porque muito do trabalho surge em jam sessions imersivas que continuamos a fazer. Depois, toda a composição das cordas e mesmo dos synths acaba por ser trabalhada pelo Guilherme, enquanto eu me foco mais na bateria e em escrever as letras.

O primeiro álbum de Oak [«Lone», lançado em 2019 pela Transcending Obscurity Records] tinha várias canções, enquanto este «Disintegrate» inclui uma só composição com uma duração de quase 45 minutos.

**- De onde vos veio esta ideia?
- O que queriam exprimir através**

dela?

- Como decorreu o processo de criar uma só peça de Metal tão extensa?

- Podemos vê-la como uma narração?

O «Lone» também foi escrito já com esta intenção e, inicialmente, era também ele uma peça só. É uma viagem para se fazer sem interrupções, preferencialmente. Naquela altura decidimos quebrá-lo em 4 músicas por questões estratégicas e porque nos ajudou a segmentar o álbum, o que fui útil para decidir que partes tocar nos concertos que demos. O «Disintegrate» é a continuação da jornada iniciada no primeiro álbum e, desta vez, extraímos dois excertos do álbum, mas assumimo-lo como uma peça inteira em vez de o partir.

Vi que a capa deste álbum foi criada pela Belial Necro Arts. Fui ver a página no Facebook e fiquei encantada. Desempenharam algum papel neste processo ou tiveram mesmo de dar carta branca ao Nuno Zuki?

Explicamos o conceito ao Nuno e ele teve liberdade para desenvolver a pintura a partir daí.

Foi ele também que assinou a capa do vosso primeiro álbum? [O estilo parece diferente, mas, pelo que vi na página, ele é

multifacetado.]

O autor da capa do «Lone» é o lendário Paolo Girardi.

Estão a pensar em fazer concertos em que toquem esta peça na íntegra? [Já estou daqui a ver-vos no programa mais noturno do Vagos Metal Fest, onde ouvi bandas como os portugueses Godiva, os holandeses Carach Angren, os suíços Bolzer ou os polacos Batushka, que não são tão festivaleiras, mas não deixam de ter os seus “fiéis”.]

É algo a ver! Esse seria o cenário ideal, mas poderemos ter de ajustar o set dependendo da ocasião.

Há alguma(s) banda(s) que vejam como fonte(s) de inspiração? [Há breves momentos em que o vosso Doom Metal me faz pensar em Desire, mas se calhar é só uma ideia minha.]

Temos muitas referências entre as quais estão, por exemplo, Mournful Congregation, Convocation, Bell Witch, Krypts, Primitive Man e por aí fora, mas temos muitas influências de bandas de Black Metal Atmosférico, Sludge, Post Rock...

Quando lançaram o primeiro álbum, Oak era uma banda da Transcending Obscurity Records (especialista em descobrir talentos) e agora faz parte do catálogo da Season of Mist. Como se deu essa mudança?

Aconteceu de uma forma natural. O nosso ciclo na TOR tinha chegado ao fim e precisávamos de dar um salto. A Season of Mist mostrou interesse no projeto e decidiu apostar em nós. Estamos muito empolgados com o que está por vir.

Qual é a vossa maior ambição na atualidade?

Nós queremos que o nosso álbum chegue o mais longe possível, marcar presença em eventos especiais e continuar a escrever a nossa música.

**Facebook
Youtube**

ALBUM VERSUS



Photo by Max Taylor Grant



HAKEN

«Fauna»

(InsideOut Music)

Já não é de agora. A cada novo lançamento dos Haken a expectativa é já grande e sabe-se que se pode esperar ser surpreendido a valer. O primeiro single de apresentação deste «Fauna» começou exactamente por aí. É possível que o início de “The alphabet of me” crie de imediato alguma estranheza, que rapidamente se vai ligando com as pontas soltas do ADN Haken. Tal como assumido pelo colectivo, é essa atipicidade que tornou a ideia inicial interessante e que os fez trabalhar a partir daí. E tudo isso parece ser o mote para a música dos Haken de hoje em dia, pois só assim se consegue criar um disco com mais de 60 minutos de música, onde levamos esticções que nos puxam a atenção para o detalhe e para a qualidade do drama, secção após secção, tema após tema. O conteúdo lírico é tão colorido quanto o artwork do álbum. Vão buscar inspiração a Philip K Dick, à crise migratória e ao conflito em território ucraniano e sobre “Lovebite”, single disponibilizado no dia de S. Valentim, dizem ser aquele tema upbeat, de amor, ao estilo Phil Collins com uma letra ao estilo Cannibal Corpse. «Fauna» é um disco com muitos pontos fortes, em que salta à vista a exploração das melodias, quer por via das vozes, quer pelos diversos instrumentos utilizados, onde há por vezes um saxofone pronto a surpreender-nos. Poderia terminar a dizer que os temas “Nightingale” ou “Elephants never forget” são de audição obrigatória, mas, na verdade, todo o disco o é.

[10/10] EMANUEL RORIZ

COMENDATIO

MUSIC FEST - PAÇO DA COMENDA, TOMAR

VOLUMES

CALIGULA'S
HORSE

OR BO44B

UNFETTERED

ALLT PLAYGROUNDED ALTESIA
CORROSIVE APOTHEUS QWENTIN

&_MORE TO COME_

COMENDATIO.COM

5+6_AGOStO_2023

TOBIAS SAMMET'S
AVANTASIA

346
Mantendo a chama!

Em plena pandemia, Tobias Sammet convocou a Moonflower Society para lhe fazer companhia e o apoiar na criação de mais um álbum de Avantasia. Tal como as criaturas fantásticas que podemos ver no pequeno palco da capa do álbum, as canções vão desfilando – todas diferentes entre si, mas todas unidas pela pertença ao clube dos que renascem na solidão e na noite para se recriar. E assim nasceu «A Paranormal Evening With the Moonflower Society»!

Entrevista: CSA & Eduardo Ramalhadeiro | Foto: Kevin Nixon

Eduardo – Edguy é um projeto morto ou podemos esperar por algo novo num futuro próximo?

Tobias Sammet – Toda a gente me pergunta isso. De certeza que não é um projeto morto. De momento, está a hibernar por boas razões. É difícil de explicar. Algumas pessoas não compreendem a situação. Quando se toca durante tanto tempo, as pessoas desenvolvem perspetivas diferentes e nós desenvolvemos cinco formas diferentes de ver praticamente tudo e nem sempre é fácil chegar a uma conclusão. Isso torna-se muito cansativo para quem tem de carregar esse peso aos ombros e de fazer tudo para manter todos felizes. Chegámos a um ponto em que era melhor cada um ir para o seu lado. Será que vamos voltar a reunir a banda e a fazer algo juntos? Tenho a certeza de que isso vai acontecer. Será em breve? Não me parece. Não sei quando estaremos em condições de nos reunirmos novamente.

Eduardo – Só costumas convidar bons músicos para tocar contigo. Neste álbum, tocaste o baixo. Por que não convidaste alguém para tocar para ti? Estava a pensar no Joey DeMaio.

Bem, Joey DeMaio não é o meu baixista preferido. Eu só toquei uma parte do baixo. Penso que o Sascha (Paeth) é melhor baixista do que o Joey DeMaio. Palavra de honra. Não tenho nada contra o Joey DeMaio ou os seus dotes como baixista, mas o Sascha Paeth é o melhor músico que já conheci em toda a minha vida. Portanto, eu toquei uma parte do baixo. Sempre que eu não posso tocar, o Sascha toca. E, por falar disso, o baixo é um instrumento demasiado valorizado. É claro que tens de ser um bom músico para fazer o teu trabalho, mas eu não acredito em projetos com sete baixistas ou em baixistas que são estrelas. Isso não me convence.

Eduardo – Fazes música para ti ou para as outras pessoas?

Tenho a certeza que é para

mim. Sempre foi essa a minha abordagem. Acredito que, quando agradas a ti próprio, quando acreditas mesmo em ti, quando vives o que fazes com paixão, acabarás por atingir uma qualidade que poderá agradar a outros e levá-los a estar atentos ao teu trabalho. E isso é o mais importante para mim: a honestidade. Já faço isto há trinta anos, escrevi e produzi dezanove álbuns a uma velocidade estonteante, trabalho imenso. Só consegues fazer isto, se acreditares mesmo em ti e só acreditas mesmo em ti quando o que fazes te deixa feliz. Por isso, faço tudo para mim e depois ponho o meu trabalho numa bela embalagem e espero poder partilhá-lo com outros e isso é a base do meu modo de funcionar. Se conseguir vender bastantes discos, as pessoas apoiar-me-ão e eu poderei fazer mais álbuns. Mas faço isto para mim mesmo.

Eduardo – De onde te vêm as ideias e a inspiração?

Os momentos criativos são só momentos em que o que anda a borbulhar nas profundezas, o processo criativo permanente se manifesta à superfície e se materializa na tua consciência. Penso que é a isso que chamamos momentos produtivos. Por isso, acredito que é algo que está sempre a acontecer. Sinto-me inspirado em termos musicais sempre que ouço aquilo de que gosto, seja lá o que for que ouço agora ou que tenha ouvido ao longo destes trinta e cinco, quarenta anos. No que diz respeito às letras, só pretendo exprimir o que me vai na alma. Até a música é uma espécie de terapia. Às vezes, estou sentado ao piano e ponho-me a tocar e a libertar-me de coisas que me oprimem e a criar música. Portanto, só pretendo exprimir ideias ou encontrar o tema do álbum, criar e evadir-me deste mundo, encontrar um sítio onde me posso retirar e embrenhar-me na minha própria imaginação e criar histórias e imagens e coisas que me ajudam a lidar com os

meus próprios pensamentos e com o que quer que seja que me vai na alma.

Eduardo – Em termos de letras, penso que podemos dividir a discografia de Avantasia em três períodos: o início, com a «Metal Opera», a «Wicked Trilogy» e agora «The Mystery of Time» e «Ghostlights». Podemos dizer que este álbum encerra esta trilogia?

«Ghostlights» ainda pertence ao ciclo de «The Mystery of Time» e este novo está em sintonia com «Moonglow», foram ambos feitos juntos. De certa forma, o novo álbum é a continuação de «Moonglow», mas também é autónomo, não sei dizer o que o futuro nos reserva. Quer dizer, vai haver uma continuação, mas será uma espécie de próximo capítulo. Não sei se vai começar onde este álbum acabou, ou se será algo completamente novo. Não faço ideia nenhuma. Só posso dizer que já tenho doze ou treze canções novas. A música dá-te tanta felicidade. Nos últimos dois anos e meio, tive muitas ideias novas, mas não sei quando as vou materializar e em que direção irão seguir as letras. O futuro está em aberto.

Eduardo – Afirmaste que este álbum é o mais pessoal até à atualidade. Isso resultou da solidão vivida durante a pandemia ou já tinhas essa ideia na cabeça?

Não, foi o resultado de me ter sentido tão sozinho durante a pandemia. Antes de mais, é muito pessoal em termos líricos. E depois, este formato que escolhi – com canções individuais – permitiu-me mais facilmente exprimir as emoções que me iam na alma. Escrevi canções autónomas, cada uma das quais tem a sua personalidade. São canções fantásticas, cheias de fantasia, mas trazem em si muito de mim. Mas também foi por causa da pandemia que este álbum se tornou tão pessoal em termos musicais: eu tinha o meu próprio estúdio – o Mysteryhausen – e estava por minha conta e risco.

Tinha imenso tempo livre, porque o mundo todo estava afundado em problemas e suspenso e eu refugiei-me na música, porque não tinha mais nada para fazer. Pus-me a compor e criar demos de raiz no meu estúdio e fiz tudo: programei a bateria, toquei o baixo e adicionei teclados, guitarras, fiz arranjos para os teclados e as guitarras e cantei tudo, até fiz os coros. E depois, quando a demo estava pronta, mandei-a ao Sascha e pedi-lhe para dar a sua opinião. E também para contactar o Felix, para lhe pôr bateria real, para tocar ele as partes de guitarra. Por isso, fui eu que defini uma boa parte da música deste álbum do princípio ao fim do processo, porque eu tinha o meu estúdio e mais nada para fazer. E é por isso que este álbum soa tanto a mim.

CSA – Disseste que tinhas trabalhado sozinho neste álbum. Não foi um processo um tanto solitário demais?

Não, não sou muito sociável, na verdade. Tenho alguns amigos com quem falo muito ao telefone, mas não costumo sair para ir apanhar uma piada na aldeia. Portanto, não perdi grande coisa. Estava feliz, porque tinha a minha música e a minha música tem imenso significado para mim... Para dizer a verdade, tenho de confessar que foi um grande alívio estar afastado do mundo exterior e não sentir tanto o lado negócio do meu trabalho, não ter ninguém a perguntar-me “Quando é a próxima digressão? Quando vão tocar na Guatemala? Quando vão lançar o próximo álbum de Edguy? Quando vais entregar a masterização do novo álbum de Avantasia?” Não havia ninguém para me perguntar nada disso, porque o mundo inteiro estava mergulhado numa provação e ninguém queria saber do que eu andava a fazer. Portanto, pela primeira vez na minha vida, podia trabalhar em paz na minha toca.

CSA – Como fizeste para trabalhar no álbum com os outros músicos? Sei que a internet resolve muitos

problemas, mas não todos.

Fiz uma boa parte do trabalho enviando e reenviando ficheiros e instruções, falando com eles no WhatsApp e no Zoom e no Skype e correu tudo muito bem. Tudo funciona muito melhor do que há vinte anos atrás, quando precisavas de imenso tempo para conseguires pôr as coisas em ação e depois as linhas não funcionavam e a transferência de dados estava sempre a ir abaixo. Agora é tudo bastante fácil e eu nunca senti que fosse uma forma de trabalhar distante. Pareceu-me que tinha imensas vantagens, porque podias gravar o que querias, pensar no que tinhas feito, podias receber uma gravação doutra pessoa, falar com ela ao telefone, dizer-lhe “Podemos mudar isto só um bocadinho? Vamos tentar de novo!”. Na realidade, foi um processo muito simples e relaxante. E o facto de ter trabalhado sobretudo com amigos de longa data deu ao processo um sentido familiar muito profundo. É essa a base de todo o álbum. Não ficámos com a sensação de estarmos a trabalhar anonimamente ou sem o apoio uns dos outros, na verdade sentimos mesmo que estávamos a trabalhar juntos.

CSA – Escolheste três canções para apresentar aos fãs antes do lançamento do álbum. Por que escolheste essas canções e não outras do álbum? É claro que são todas muito boas.

Obrigado, obrigado. Para ser franco, eu sou um control freak, logo habitualmente quero controlar tudo. Podes perguntar aos meus parceiros de Edguy! O Dirk está sempre a dizer: “Tobi, tu és mesmo controlador!” É verdade, sou mesmo! Sou indescritível, no que toca a isso! Mas estava tão ciente da qualidade de todas as canções que disse à editora: “Aqui têm onze canções! Escolham o que quiserem para lançar como single! Estou contente com todas elas!” Pensei que iriam usar “Paper Plane”, porque me parece uma

canção ideal para um single, mas a Nuclear Blast escolheu outras canções e eu acatei a decisão. A única decisão que tomei foi que “The Wicked Rule the Night” teria de ser o primeiro single, porque é muito pesada e eu sabia que muitas pessoas estariam à espera de uma canção suave como primeiro single e eu queria deixar as pessoas desconcertadas, deixá-las surpreendidas. Era isso que eu queria fazer. Os outros foram escolhidos pela editora e fiquei contente com todas as decisões. Adoro “Misplaced Among the Angels”, adoro “The Moonflower Society”, adoro “Kill the Pain Away” e também adoro “Rhyme and Reason”. Algumas pessoas queriam que se tivesse lançado “I Tame the Storm”, para outras seria “Welcome to the Shadows”. Por mim, teria lançado todas como singles.

CSA – Tens alguma favorita entre as onze?

Não, vai variando, vai mudando. Gosto mesmo muito de “Paper Plane”, porque é muito emotiva e muito diferente das outras canções. É uma canção Pop e eu gosto muito dela porque é “chocantemente” Pop. E eu adoro surpreender as pessoas, deixá-las banzadas e a dizer: “Mas o que está isto a fazer aqui?” Mas gosto mesmo de todas. Adoro “Moonflower Society”, adoro “Misplaced Among the Angels”, porque acho que tanto a Floor Jansen como eu fizemos um trabalho vocal extraordinário nessa canção. Adoro “Arabesque”, porque é extremamente longa e revela a excelente forma do Jorn Lande e do Michael Kiske e eu também não deixei os meus créditos por mãos alheias. “Scars” é maravilhosa do princípio ao fim. Estou encantado com essa canção. O Micki Kiske fez um trabalho maravilhoso em “The Inmost Light” e estou muito orgulhoso disso, porque muitas vezes escrevi canções de cinco minutos à moda dos Helloween, mas esta é muito curta e eu queria mesmo escrever uma canção muito curta, que fosse direita ao assunto.

CSA – Vão fazer concertos para apresentar este álbum?

Vamos de certeza tocar na América do Sul e fazer alguns concertos na Europa. Espero que possamos ir também ao Japão. Mas, de momento, não sei bem o que vamos fazer e como nos vamos organizar. Se vão ser trinta concertos de enfiada no outono, ou se vamos tocar em festivais de verão, ou fazer concertos aos fins de semana. Os tempos que estamos a viver são estranhos e é difícil organizar tudo. Mas seria uma pena, se não pudéssemos promover este álbum no palco, porque acho que é um grande álbum, um álbum fantástico, sem correr o risco de me gabar demais. Acho mesmo que é um álbum maravilhoso e que merece concertos ao vivo.

CSA – Supostamente Avantasia é uma banda de Power Metal. Alguns dias atrás, estava a preparar a entrevista com o Eduardo e estávamos a discutir se este álbum é Power Metal ou não e eu disse que achava que era “many things Metal”. O que pensas desta ideia?

Bem, acho que essa discussão não tem a ver com a minha música e as minhas bandas. Para ser franco, muitas pessoas dizem que fazemos Power Metal, outras que é Rock, outras que é Classic Metal ou Epic Metal ou Fairy Tale Metal ou... Não sei o que é, não me preocupo com isso e nem me parece que isso seja importante. Às vezes, digo que é Power Metal, porque me parece que é o que as pessoas querem ouvir e é assim que alguns nos descrevem. Para mim está bem, aceito tudo o que queiram chamar-me, mas a música com que eu cresci era essencialmente Rock e, a certa altura, passou a chamar-se Heavy Metal. Estou a pensar nos Kiss, uma das minhas bandas favoritas! Era Rock e, de repente, lá por 1981 ou 1982, quando o termo Heavy Metal foi cunhado, os jornalistas ou quem quer que seja que o tenha inventado passaram a dizer que

Kiss era uma banda de Heavy Metal. E depois era Glam Rock, e depois era Hair Rock, às vezes era Hard Rock, e agora é Rock outra vez. Portanto, a música não muda, independentemente do que lhe chamares. A minha é música épica, poderosa, que anima o espírito, com guitarras distorcidas e, por vezes, bateria rápida e melodias que parecem hinos. Na verdade, não faço ideia nenhuma do que seja. Se as pessoas disserem “Vocês são uma banda de Power Metal!”, eu concordo. Se as pessoas disserem “Vocês são uma banda de Rock!”, eu concordo. Se as pessoas disserem “Vocês parecem uma versão de trazer por casa de Bom Jovi!”, eu concordo. Que assim seja! O que quer que seja que me chamem, não me afeta!

Eduardo – Todos os álbuns de Avantasia suscitam reações fortes. Como estão as pessoas em geral e os críticos em particular a reagir a este?

Da forma habitual. Alguns dizem que é o meu melhor trabalho. Outros que é bom. Alguns dizem que é uma merda entediante. Outros dizem: “É muito bom, mas o teu primeiro foi o melhor!” Temos sempre a mesma reação. Estou satisfeito com a reação! Nunca fomos os meninos queridos dos críticos sobretudo aqui na Alemanha, nunca fomos a banda favorita dos jornalistas, porque nunca fomos “o sabor da semana”. Mas, ao mesmo tempo, também não somos suficientemente underground para sermos apreciados pelos puristas. Tivemos sempre muito sucesso, mas nunca fomos considerados cool. Portanto, habituei-me a não ligar muito a essas coisas. Eu sei que vocês também são jornalistas, mas portam-se mais como amantes de música do que como jornalistas, atitude que me agrada muito. Eu procuro não me preocupar muito com o que as pessoas dizem. Os fãs gostaram mesmo do álbum e este parece estar a proporcionar-lhes bons momentos e isso deixa-me muito



Foto retirada de: <https://avantasia.com/> (Crédito ao dono)



Os momentos criativos são só momentos em que o que anda a borbulhar nas profundezas, o processo criativo permanente se manifesta à superfície e se materializa na tua consciência.

feliz. E a coisa mais importante nisto tudo é que eu acho que este é um dos meus melhores trabalhos. Nunca penso no que faço em termos de melhor ou pior, porque isto não são os Jogos Olímpicos. Não se pode dizer que um álbum é 27% melhor do que o anterior. Estou muito satisfeito com o meu desempenho, com as canções, acho que, do ponto de vista vocal, o álbum é absolutamente épico. Os desempenhos dos outros membros da banda, de todos os convidados são verdadeiramente arrebatadores. Estou feliz e isso é o principal.

CSA – Fiquei extremamente surpreendida, porque li um comentário de alguém que dizia que as canções eram todas iguais. Fiquei mesmo muito, muito surpreendida, porque para mim elas parecem-me todas diferentes umas das outras e tu tens convidados muito diferentes para cada canção. Por exemplo, ultimamente tenho andado a ouvir muito a do Eric Martin e não consigo imaginar vocalista melhor que o Eric para essa canção, porque parece ter sido escrita para alguém como ele.

Pois. Não foi propriamente escrita para o Eric. Eu escrevi a canção e

depois pensei quem podia dar-lhe aquele gostinho Rhythm and Blues que eu queria que ela tivesse. É uma canção de Power Metal, soa como um clássico de Edguy ou de Avantasia dos primórdios e eu queria soltá-la um bocado cantando-a com um vocalista de Rhythm and Blues e é claro que me lembrei logo do meu amigo Eric. Ele é exímio nessas coisas e pareceu-me que seria uma combinação genial ter um vocalista de Rhythm and Blues a cantar uma canção de Power Metal. Foi uma experiência excitante e resultou em cheio. Adoro essa canção, sei que muitas pessoas provavelmente não vão gostar, mas eu acho-a realmente divertida. A primeira vez que me apercebi de como os gostos variam foi quando lancei «The Wicked Symphony» e «Angel of Babylon», em 2010, no mesmo dia – vinte e duas canções novas – e algumas pessoas me vieram dizer que ambos os álbuns eram fantásticos, mas que teria sido espetacular e histórico, se eu tivesse selecionado as melhores canções desses dois álbuns e feito um só álbum. E se perguntarem às pessoas quais são as doze melhores canções, vão obter tantas respostas quantas as pessoas. Para mim, isso prova que não teria feito

diferença nenhuma, porque alguns iam pensar que eu tinha escolhido as canções erradas. Nunca vais agradar a toda a gente. Conheço gente que não gosta de AC/DC e pessoas que não gostam de Iron Maiden e, se alguém não gosta de Iron Maiden ou de AC/DC, não vale a pena falar de música com essas pessoas, porque, no meu universo, se não gostas de AC/DC ou de Iron Maiden, perdes o direito de dizer seja o que for sobre música. Portanto, para mim, não é uma questão de gosto, para mim é ILEGAL não gostar dessas bandas. Mas vivemos num mundo livre, logo haverá sempre gente que não gosta dessas bandas. Se alguém não der a cotação máxima a um álbum como «Holy Diver» de Dio, se disserem “Dou 7 em 10!”, eu digo logo: “Vai-te foder!” Não vale a pena discutir opiniões com as pessoas, porque todos nós temos o direito de ver as coisas à nossa maneira e há coisas que nos comovem mais do que outras. Por exemplo, muitas pessoas adoram os meus dois primeiros álbuns: «The Metal Opera». Eram diferentes, eu era novo. Gosto do primeiro, sem dúvida. Do segundo, nem tanto. Mas está bem. Tenho relações muito saudáveis com esses álbuns, porque fazem parte

do meu legado, do meu trabalho e deixaram-me grandes recordações. Sempre que os ouço, penso: “Nada mau! São álbuns do tempo em que o Power Metal era realmente criativo!” Portanto, eu compreendo que as pessoas gostem desses álbuns, mas muito do que nós captamos emocionalmente quando ouvimos música baseia-se na nostalgia e eu também já compreendi isso. Adoro “Dressed to Kill” dos Kiss. Muitos fãs de Kiss diriam que não é um dos melhores álbuns da banda. Mas, para mim, é o Santo Graal, porque foi o meu primeiro disco de Kiss. A música é tão subjetiva, é uma coisa feita de emoção e uma grande parte dessa emoção assenta na nostalgia, um facto que reconheço e compreendo. Se as pessoas gostam de “Rhyme and Reason” ou não gostam, é algo que me ultrapassa. Espero que as pessoas gostem da minha música, significa muito para mim, mas não posso mudar o gosto de ninguém.

CSA – Adoro o artwork da capa do álbum e gostaria de saber se foi feito pelo mesmo artista que fez a arte para “Moonglow” e se as pequenas personagens têm algum significado para ti e para o artista. É o mesmo artista – Alexander Jansson – um sueco muito conhecido pelas suas ilustrações para livros para crianças. Ele é espetacular! Descobri-o há uns anos atrás e pensei que, se ele tornasse a sua arte mais bizarra e arrepiante, um pouco mais tenebrosa, seria perfeito para Avantasia. Perguntei-lhe se gostaria de fazer artwork para a banda e ele saiu-se com «Moonglow», que eu adorei. As criaturas no artwork são “filhos” do seu cérebro. A penúltima versão da arte era tal e qual como esta, mas não tinha personagens no palco, este estava vazio. E eu pensei: “Está demasiado vazio!” Algo chamado «A Paranormal Evening With the Moonflower Society» tem de ter uma Moonflower Society. São uma sociedade abstrata, representam tanta coisa que

acabam por ser uma metáfora, simbolizam a imaginação e o espírito e fantasmas e a minha música, as minhas ideias, os meus amigos e todos os que vivem dificuldades na sua vida quotidiana, porque renascemos à noite, quando aparecem os fantasmas e o mundo adormece. Tornamo-nos criativos e refugiamo-nos no nosso pequeno mundo, seja o mundo do Metal, da noite ou da minha imaginação. É esse o conceito, daí a dificuldade de representar em imagem essa Moonflower Society, que é uma metáfora e representa muitas coisas. Eu disse-lhe: cria a Moonflower Society, inventa qualquer coisa, pinta-a. E ele apareceu com aquelas criaturas e, quando eu as vi, achei que eram engraçadas, estranhas, bizarras, peculiares e que era exatamente o que eu queria. Não podia ter escolhido melhores imagens, até para fazer os filmes de animação! Estou encantado com o resultado final.

Eduardo – There’s this cool idea on Avantasia I read in a review. It goes like this: “Mr. Sammet has kept ????? with consistent quality and «A Paranormal Evening...” continues the adventure. Some day this thing is going to sink harder than a ???? , but today is not the day. Are you prepared to someday make a not so good album?

Não sei. Não me parece que eu vá alguma vez fazer um mau álbum. Às vezes, penso que um dia farei um álbum que será natural e de que eu hei de gostar muito e que as outras pessoas vão odiar, que não fará sucesso no mercado. É algo que acontece, mas isso não significa que o álbum não seja bom. Bom ou mau, isso é algo que eu decido, porque faço a minha música para mim. O meu problema não se prende com a recusa ou as más críticas. Tem mais a ver com a resposta à pergunta: “Gosto mesmo do que fiz?” É o meu trabalho, tenho de ficar contente com ele. E, se me parecer que algo que eu faço não presta, não o

lanço. Talvez um dia eu lance algo que as pessoas – ou pelo menos algumas pessoas – ou a editora vão considerar que não é bom. Provavelmente, eu direi: “Não têm razão, mas essa é a vossa opinião e eu aceito-a. Está bem!” Eu sigo o meu coração e, desde que eu faça o que me parece bem, fico sempre satisfeito.

Eduardo – Michael Kiske faz parte dos meus três vocalistas favoritos (juntamente com Bruce Dickinson e Ronnie James Dio)...
E eu, claro [risos].

Eduardo – Tu ainda és um músico muito jovem para mim. Bruce Dickinson e Ronnie James Dio são velhos. Penso que tens talento que chegue para vires a ombrear com eles. Também trabalhaste com a Floor Jansen neste álbum. Como é trabalhar com uma lenda como Michael Kiske desde o início e agora com a Floor Jansen? Já te passou pela cabeça a ideia de juntar os dois numa canção?

Não, isso não. Mas não há motivo nenhum para não o fazer. Acontece que muito do que eu faço baseia-se na intuição e que eu não costumo traçar planos. Essa ideia nunca me passou pela cabeça, mas posso vir a pô-la em prática no futuro. Ficariam muito bem juntos, porque são ambos vocalistas fantásticos.

Eduardo – Da primeira nota de «The Metal Opera» até à última de «A Paranormal Evening...», tens algumas músicas favoritas?

Não. Para mim isso não faz sentido, porque fizeste o que fizeste. Agora não faria esses dois primeiros álbuns, não farei mais nenhum assim – especialmente no que diz respeito às letras. É difícil admiti-lo, porque não quero dizer mal do meu próprio trabalho, porque me orgulho de tudo o que fiz. E também porque foram muito importantes para mim, quando eu tinha essa idade, e eu não sabia fazer melhor. De certo modo, são um bocado trapalhões, desastrados. São engraçados

e simpáticos, mas faltam-lhes metáforas, não são muito pessoais. O meu domínio do Inglês na altura não era tão bom como agora, portanto as letras não são lá muito boas, por isso não me sinto totalmente satisfeito com esses dois primeiros lançamentos! Mas fazê-los foi importante para mim e a minha carreira e esses álbuns de que não me orgulho tanto foram um grande pontapé de saída para Avantasia, por isso nunca me arrependerei de os ter feito. Tudo o que fiz até ao momento definiu o que eu sou agora. As coisas boas, as menos boas, tudo, a combinação de tudo isso tornou-me capaz de criar um álbum verdadeiramente interessante como «A Paranormal Evening With the Moonflower Society» e fez de mim o que eu sou agora. E é por isso que ainda me sinto muito próximo deles e que sei que não seria quem sou agora, se mudasse fosse o que fosse no meu passado.

Eduardo – Eu acho que tu és um melhor “contador de histórias” do que músico. Já pensaste em registar toda a história do início ao fim num livro por exemplo?

Não. Eu acho que sou melhor músico do que “contador de histórias”. Criar histórias é uma espécie de serviço social. Um escritor de livros é uma espécie de fornecedor de serviços, a não ser que estejas a escrever a tua própria biografia para ti mesmo. Nessa situação estás a fazer algo que sai do teu coração. Mas, se criares uma história para outros, vais ter de estar sempre a dar explicações para que o ouvinte te possa seguir, acompanhar e isso ofusca os teus poderes criativos originais e intuitivos. Penso que muito do que faço em termos musicais funciona como autoterapia e esse aspeto é bem mais importante do que conceber uma história e explicar a sua intriga de modo a que outros possam segui-la. Estou-me a borrifar para o facto de os outros conseguirem seguir o enredo ou não. Neste momento, não estou interessado



Escrevi canções autónomas, cada uma das quais tem a sua personalidade. São canções fantásticas, cheias de fantasia, mas trazem em si muito de mim.

em escrever uma história ou um livro. Sei que um dia vou provavelmente escrever um livro muito pessoal, uma autobiografia, mas certamente nunca a publicarei, porque ninguém vai querer saber disso para nada. Provavelmente escreverei esse livro só para mim, para não esquecer essas belas histórias... Não vou dizer que acho que a minha vida tem algo de especial, mas algumas coisas são bastante estranhas e outras são bastante engraçadas e eu não quero esquecer-me delas. Portanto, um dia destes escrevo um livro para mim mesmo.

CSA – Avantasia tem canções que se tornaram clássicas: por exemplo, “Dying for an Angel”, “Reach out for the Light”, “The Story Ain’t Over”... Parece-te que alguma das canções deste álbum acabará por se tornar clássica como estas?

O tempo o dirá, o tempo o dirá! Penso que cada uma destas canções merece tornar-se clássica. Penso que cada uma destas canções tem força suficiente para se tornar um clássico. Estou a pensar em canções como “Arabesque” ou “Kill the Pain Away”. “Misplaced Among the Angels” é talvez a melhor, na minha opinião. Como já referi, é difícil decidir o que é melhor e o que não é o melhor, mas também pensaria numa das baladas. Creio que fiz um trabalho espantoso e estou a aperceber-me de como certas

canções são fortes, quer pela melodia, quer pela letra. Quando fiz “Reach out for the Light”, percebi logo que seria uma grande canção. Eu sabia que seria assim! Mesmo assim, não imaginava que viesse a ser um sucesso tão grande que eu andaria a tocá-la pelo mundo fora mais de vinte anos depois. O mesmo acontece com “Farewell”! Tenho essa mesma sensação quando ouço “Misplaced Along the Angels” agora. Também me parece que “The Moonflower Society” é uma canção magnífica, absolutamente fantástica. Portanto, para mim já são clássicos! Se fizermos uma digressão e tocarmos cada uma dessas canções, acho que as pessoas vão ficar ao rubro e isso é sempre um bom indicador. Não tenho a ideia de que haja alguma canção deste álbum que as pessoas não estejam interessadas em ouvir, mas logo veremos.

Eduardo – Espero ver-vos em Portugal um dia destes.

Na minha equipa, há um português. Temos mesmo de ir tocar a Portugal, mas é tão difícil viajar com quarenta pessoas, com este “circo voador”. Mesmo assim, ainda não desisti da ideia.

FREE MUSIC PROUDLY PRESENTS

RIVERSIDE ID.ENTITY

EUROPEAN TOUR 2023

AUTUMN EDITION

10.10

HARD CLUB,
PORTO

11.10

LAV - LISBOA AO VIVO
LISBON





Deviser

Ressurreição maléfica

Para os gregos Deviser, 2023 promete ser AQUELE ano!!! Matt Hnaras fala-nos do longo purgatório da banda e do álbum que os trouxe de volta à ribalta da cena Black Metal: «Evil Summons Evil», a sair pela Hammerheart. Não há dúvida de que se trata de um álbum que vai dar a volta à cabeça dos fãs do género \m/

Entrevista: CSA

Saudações, Matt! Espero que esteja tudo bem contigo e os outros elementos da banda! E desejo a todos um maravilhoso 2023.

Matt – Muito obrigado. Desejo-vos o mesmo e aos vossos leitores. De facto, está tudo a correr bem. Estamos à espera do lançamento do nosso álbum que só tem tido comentários positivos até ao momento. O novo ano surge como muito interessante aos olhos da banda.

«Evil Summons Evil» é uma espécie de regresso para Deviser... e que regresso!!! O que aconteceu

durante estes doze anos (para além da pandemia, é claro)?

Basicamente, ficámos inativos. Eu tinha perdido por completo a vontade de compor música e vejo o nosso último álbum com desagrado. Estava rodeado por gente sem visão, nem vontade para trabalhar arduamente. Mesmo antes de 2017, o Nick tinha dito que nós os dois devíamos fazer um álbum, para verificarmos se a chama ainda estava viva. Logo à partida, frisei a ideia de que não queria mais ninguém a tomar parte na composição além de nós os dois. Com o EP que lançámos em 2017 – «Howling Flames»

– percebemos que tínhamos de continuar, para criar algo digno da nossa história, sem palpites vindos de outrem. Começámos logo a escrever «Evil Summons Evil», seguindo um plano que o levaria a soar como nós o sentíamos no nosso íntimo.

E regressaram cheios de inspiração. Este álbum é extraordinário. Como surgiu? E como decorreu o processo de criação? E como se organizaram para o gravar? É Black Metal, mas também é muito melódico e épico ao mesmo tempo. Como conseguiram dar-lhe esse toque

especial?

Percebemos que nós os dois – como membros da formação original da banda – detínhamos o conhecimento e a visão necessários para determinarmos como o álbum deveria realmente soar. Portanto, limitámo-nos a deixar a inspiração fluir calmamente, seguindo o que sentíamos realmente. O nosso objetivo era fazer com que este álbum fosse algo de que gostássemos à partida e acima de tudo. O Nick teve ideias fantásticas, portanto eu deixei-o entregue à sua criatividade, exprimindo o que realmente lhe ia na alma. Juntando ao trabalho dele algumas das minhas sugestões e ideias adequadas, depressa se tornou claro para nós que tínhamos ali um álbum extraordinário. O Nick estava imparável, a ferver de inspiração e paixão. Devido à pandemia e à proibição de viajar, tivemos de adiar muito o processo até eu poder ir ter com ele. Portanto, para não perdermos tempo precioso, o Nick gravou todas as partes de guitarra, deixando apenas a voz para mim. Segui todo o processo através de videochamadas e foram raras as vezes em que tivemos de mudar algo. Tudo parecia perfeito e impressionante. Logo desde a fase de pré-produção, percebemos que estávamos a fazer algo de muito importante. Depois de termos concluído essa fase, fizemos alterações em algumas partes que não nos satisfaziam por completo. Procurámos criar uma atmosfera mágica e épica, o que afinal acabou por não ser tão necessário como nos parecia à partida porque as canções já continham muita magia. Acabámos por não mexer em muitas das canções. Depois de tantos anos, tínhamos conseguido

atingir novamente o som que eu realmente desejava. E vamos certamente continuar a seguir esta linha.

Calculo que os vossos convidados também contribuíram para dar ao vosso quinto álbum um sabor especial.

- Estou a pensar na participação da Androniki Skoula em algumas faixas (por exemplo, “Of Magick” à qual ela dá um toque oriental). Como a conheceram?

Era amiga da minha ex-namorada, portanto foi fácil convidá-la para participar no álbum. Admirámo-la e ela tem um imenso carisma natural. Queríamos o melhor e ela era a escolha ideal, por isso ficámos encantados por ela ter aceitado cantar no nosso álbum.

- E imagino que conhecem o Efthimis Karadimas (de Nightfall) há muito tempo. Por que pensaram nele para este álbum? [Tenho a certeza de que ele acrescentou algo de especial ao vosso álbum, porque já o entrevistei e conheço a sua música.]

Foi o Nick que escolheu o Efthymis, para que a sua voz contrastasse com os meus gritos. O resultado é impressionante, as partes de coro em “When the Lights Went Out” realmente têm um som impiedoso. As partes que ele canta estão espantosas.

- E como asseguraram a colaboração do Heljarmadr, que eu conheço como o vocalista de Dark Funeral? [Sei que andaram muito ocupados em 2022 com o

lançamento do seu novo álbum e com muitas digressões.] Somos amigos de Dark Funeral desde 1996. Numa conversa que tive com o Lord Ahriman durante a pandemia, apresentei-lhe espontaneamente a ideia e eles aceitaram imediatamente que o Heljarmadr participasse em “Where Angels Fear to Tread”. Ficamos muito honrados. Nesta canção que soa muito à anos 90, queríamos um efeito extra, que a tornaria ainda mais nostálgica na altura em que estávamos a iniciar a gravação.

Não posso deixar de referir a arte do Kris Verwimp, cujo trabalho conheço muito bem e admiro profundamente. Também o entrevistei para a Versus Magazine. Por o escolheram? Como foi trabalhar com ele? Como conseguiram obter dele esta capa fabulosa e bastante “clássica” para o vosso novo álbum?

Também admirámos o Kris e o seu trabalho e foi sobretudo por essa razão que lhe pedimos para fazer a capa do nosso novo álbum. Sabíamos que ele faria algo muito bom. O seu trabalho para o álbum «Transmission to Chaos» ficou incrivelmente bom. O Nick explicou-lhe o que nós queríamos e algum tempo depois ele apresentou-nos algo que nos deixou sem palavras. Nutre uma grande paixão pelo que faz, é admirável e extremamente inteligente. Percebeu logo o feeling de «Evil Summons Evil», criando algo verdadeiramente impressionante.

“

O nosso objetivo era fazer com que este álbum fosse algo de que gostássemos à partida e acima de tudo. O Nick teve ideias fantásticas, portanto eu deixei-o entregue à sua criatividade [...]

Segundo a Hammerheart, supostamente a vossa banda deve agradar a fãs de Rotting Christ, Septicflesh, Melechesh e Moonspell. Sou grande fã destas bandas e sei que são muito diferentes

umas das outras. Identificam-se com essas bandas, sentem-se influenciados por elas? Têm algumas favoritas entre estas?

Sem dúvida! Rotting Christ influenciou toda a cena Black Metal grega. Septicflesh também nos influenciou provavelmente no que toca ao lado orquestral. Não te esqueças de que o produtor de «Evil Summons Evil» é o guitarrista de Septicflesh. Penso que as outras bandas que mencionaste não têm nada a ver connosco. O nosso principal objetivo é alcançar aquele estilo demoníaco que caracterizava as primeiras bandas deste género, as que nós ouvíamos na altura e que verdadeiramente nos influenciaram e nos levaram ao estilo tenebroso e estranho que é a essência da nossa música. Queríamos algo espontâneo, que nós criássemos de forma natural. Tudo isto, combinado com o

estilo puro da banda e a minha colaboração com o Nick, ajudou-nos a ressuscitar a magia dos nossos primeiros álbuns.

Já tocaram ao vivo algumas das canções deste álbum?

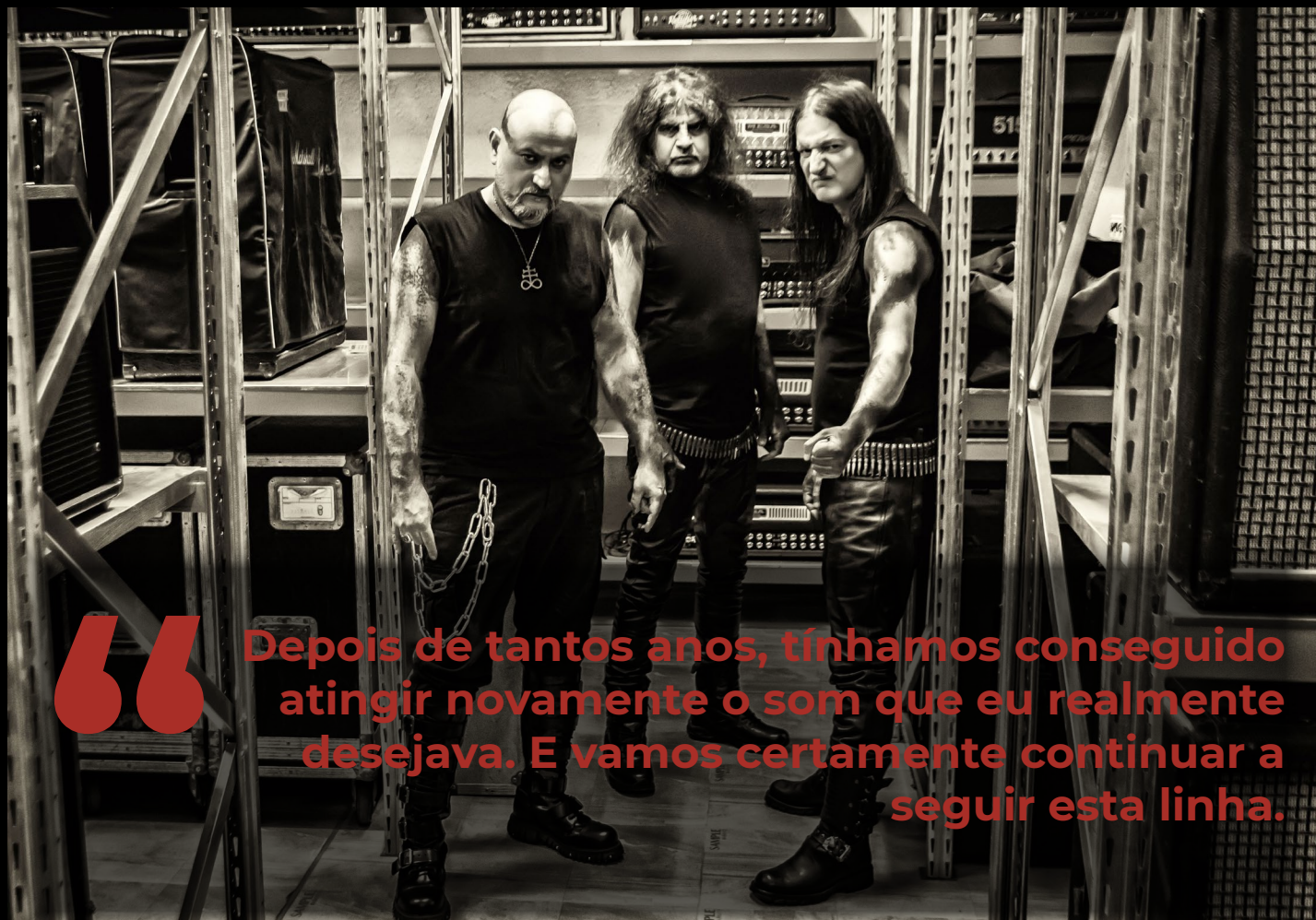
Será feito, quando tiver de ser feito. Estamos a falar com outras bandas gregas para acompanharmos uma delas numa digressão pela Europa no próximo inverno. Entretanto, estamos a reorganizar a banda, para estarmos prontos para quando nos convidarem para concertos. Há pormenores que têm de ser tratados. Haverá certamente canções do novo álbum na nossa set list. Estou ansioso por poder partilhar “Cold Comes the Night” convosco, ao vivo.

Que planos fizeram para promover «Evil Summons Evil»

durante 2023?

Queremos sobretudo apostar numa digressão europeia no próximo inverno. Também estamos a contar lançar vídeos no YouTube a intervalos regulares. Agora, estamos a responder a todas as entrevistas que nos propõem para espalhar a boa nova. Também nos convidaram para aparecer num programa da TV grega e temos muitas propostas para participar em festivais e para fazer concertos em várias cidades do nosso país depois de tantos anos de ausência. Muito obrigado pela vossa entrevista. Espero que continuem a apoiar a música de que gostam. As velas acenderam-se novamente. «Evil Summons Evil» impressionou-nos e soa extremamente insano, épico e mórbido. Apreciem!

Facebook
Youtube



Depois de tantos anos, tínhamos conseguido atingir novamente o som que eu realmente desejava. E vamos certamente continuar a seguir esta linha.

Playlist

Adriano Godinho

Graveworm - Killing Innocence
Heretoir - Wastelands
Grave Pleasures - Plagueboys
Seven Impale - Summit
OSM - Plagued By Doubts

Carlos Filipe

Nick Vasallo - Apophany
Helloween - Live in the U.K.
MDR - Personal Computer
Star One - Revel In Time
Michael Romeo - War Of The Worlds, Pt. 2

Cristina Sá

Avantasia - Moonglow and A Paranormal Evening with the Moonflower Society
Mayhem - De Mysteriis Dom Sathanas and Grand Declaration of War
Nebran - Of Long Forgotten Times
Nordic Union - Animalistic
Tribulation - Where the Gloom Becomes Sound and The Children of the Night

Eduardo Ramalhadeiro

Richie Sambora - Undiscovered Soul
Savatage - "Streets" - A Rock Opera
Ronnie Atkins - Make it Count
The Interrupters - In the Wild
Fleetwood Mac - Rumours

Emanuel Roriz

Children Of the sun - Roots
Mão Morta - no fim era o frio
Radiohead - Ok Computer
Twilight Force - At the heart of wintervale
Moonspell - Sin/Pecado

Ernesto Martins

Savatage - Streets
Savatage - Gutter Ballet
Procol Harum - A Whiter Shade of Pale
Ironmaster - Weapons of Spiritual Carnage
Thy Catafalque - Alfold

Gabriel Sousa

Chez Kane - Power Zone
Wolfpakk - Rise Of The Animal
Clockwise - Time Is Waiting
Robin Beck - Trouble Or Nothin'
Ronnie Atkins - One Shot

Gabriela Teixeira

Avatar - Dance Devil Dance
Riverside - ID.Entity
Nick Cave & the Bad Seeds - Let Love In
Leprous - Aphelion
The Pineapple Thief - Magnolia

João Paulo Madaleno

Kalandra - The Line
Ocean of Grief - Pale Existence
Insomnium - Anno 1696
Phlebotomized - Clouds of Confusion
Lumsk - Fremmede Toner



Alexander
Jansson
Art and Illustration



ESTÉTICA DE CONTRASTES

Tétrico e fofo: eis dois adjetivos que descrevem perfeitamente a estética deste artista gráfico sueco, que conseguiu fascinar Tobias Sammet dos Avantasia! Quem consegue resistir àqueles animaizinhos amorosos perdidos num universo ameaçador ou àqueles monstros que aparecem em cenários de sonho?

Entrevista: CSA

Saudações, Alex! Espero que esteja tudo bem contigo. A tua arte chamou a minha atenção, quando vi a capa maravilhosa que fizeste para o último álbum de Avantasia – «A Paranormal Evening with the Moonflower Society» – e fui ver também a que fizeste para o anterior – «Moonglow». Outros fãs que eu conheço fizeram comentários sobre ambas as capas dizendo que gostavam delas e que eram um grande trunfo para os álbuns.

Na entrevista que deu à Versus Magazine, o Tobias referiu que te dedicavas essencialmente a fazer ilustrações para livros de crianças. Podes falar-nos um pouco desse aspeto da tua carreira?

Alex – No princípio, queria ser pintor, daqueles tradicionais que pintam a óleo. Mas sempre fui demasiado eclético. Há muitas coisas diferentes que pretendo testar, portanto, quando estava a pintar a óleo, também estudava animação 3D na universidade e depois comecei a experimentar usar o Photoshop. E fiquei completamente fascinado. Lentamente, começou a formar-se diante dos meus olhos um mundo visual completamente novo e eu comecei a postar os meus trabalhos. Em breve, comecei a receber reações e uma agência de ilustração contactou-me e assim chegou o meu primeiro contrato para fazer ilustrações para livros de crianças.

Adoro ilustrar livros para crianças e histórias, mas não me dedico só a esse género de ilustração. Também crio ilustrações para romances, livros de horror, cartazes de teatro, outdoors, revistas, latas de cerveja, exposições em museus, autocarros para bibliotecas e cenários de concertos de Rock.

Ilustrar livros para crianças dá-me a oportunidade de experimentar e testar novas fórmulas visuais e encontrar novas formas de ilustrar e narrar. É um trabalho árduo, mas divertido e compensador.

Estive a analisar a tua página

oficial no Facebook e reparei na tua tendência para combinar cores brilhantes com tons sombrios e animaizinhos engraçados com criaturas fantásticas e bizarras. Suponho que foi essa tendência que fascinou o Tobias, não é assim?

Não faço a mínima ideia do que lhe chamou a atenção, mas penso que gostou do facto de a minha arte não ser toda tenebrosa e virada para o Metal com aquela parafernália composta de crânios, sangue e referências à morte. Penso que gostou do lado mimoso, bonitinho e caloroso. Sempre gostei de contrastes e fui dado a contradições. Trevas vs brilho e assustador vs mimoso são combinações misteriosas e que podem tornar-se muito interessantes.

A propósito, andas a desenhar para alguma história que trate de uma raposa? [Reparei que partilhaste várias pinturas que representam uma linda raposinha.]

De momento, não. Mas sempre me deixei fascinar por raposas. São animais bonitos e verdadeiramente fascinantes. Infelizmente, têm má reputação, o que é um pouco triste. As raposas são fixas e só querem viver a sua vida, como todos nós. Às vezes, quando quero que uma ilustração faça alusão a qualquer coisa do outro mundo, desenho uma raposa.

Também gostei muito dos puzzles. São mesmo bonitos. Como surgiu essa colaboração?

Os responsáveis pela Magnolia Puzzles – a empresa que os produz – chamaram a minha atenção pelo cuidado que põem no seu trabalho. Também me agradou o facto de se tratar de uma pequena empresa independente, algo que prefiro a trabalhar para uma multinacional. Dão-me muito apoio e até me deixaram fazer desenhos exclusivos e especiais para as caixas. Atualmente, estamos a planear uma nova linha de puzzles, que será lançada no próximo ano.

Que técnicas usas na tua arte? [Vi que pintas, mas reparei que também usas software digital.]

Atualmente, a minha principal ferramenta é o Photoshop. De facto, pinto – sobretudo figuras, rostos e texturas. Também sou um fotógrafo sempre à procura de objetos e texturas estranhos e atraentes para usar mais tarde nas minhas pinturas e esboços no artwork que faço no Photoshop. Para designar o meu estilo uso a expressão digital mixed media, visto que combino todos esses elementos.

Onde encontras a tua inspiração?

Na vida quotidiana. Muitos creem que as ideias me vêm em sonhos, mas isso acontece muito raramente. Uma boa maneira de encontrar ideias é fazer longas caminhadas, durante as quais vou ruminando os meus pensamentos e vendo o que dali sai. Muitas vezes as boas ideias surgem na minha mente depois de uma longa caminhada, quando estou cansado, mesmo exausto, o que é um pouco estranho.

Estudaste para te tornares artista gráfico?

Estudei arte tradicional e pintura. Nunca estudei arte gráfica. Também passei alguns anos a tentar apropriar-me da animação feita em computador. Foi muito divertido, mas não é algo que me agrade mesmo. É demasiado técnico para o meu gosto.

Como descobriste que querias seguir uma carreira nas artes gráficas?

É a única coisa que consigo fazer realmente bem, por isso não tive alternativa. Tive muitos empregos normais ao longo dos anos, mas acabava sempre por cair na depressão. Portanto, só me restava lutar para encontrar modo de viver da minha criatividade. Isso implicou passar milhares de horas a desenhar, pintar e fazer esboços.

Já fizeste alguma exposição individual ou coletiva?



Já expus os meus trabalhos muitas vezes. Mas foram sobretudo exposições coletivas. Porém, fazer exposições não é o meu verdadeiro foco e objetivo. Contento-me em expor os meus trabalhos nas minhas páginas nas redes sociais. As galerias tradicionais não estão interessadas em exibir ilustrações fantasistas.

Tiveste muita dificuldade em passar dos livros para crianças ao artwork para uma banda de Metal?

Nem por isso. Sempre tive uma mente muito aberta no meu trabalho. Basicamente, posso fazer praticamente tudo: desde arte gráfica minimalista até horror ou pequenas criaturas engraçadas e amorosas ou fantasia. Quando o Tobias me abordou e me fez compreender subtilmente que queria que eu fizesse algo de muito especial para um álbum de Metal, eu pensei: "Até que enfim!" E sempre fui o meu maior crítico. Se não consigo surpreender-me a mim próprio, sinto que falhei. É por isso que tenho milhares de trabalhos. Vou trabalhando, falhando e começando tudo de novo para experimentar novas ideias, haha!

Adoro mesmo a capa que fizeste para «A Paranormal Evening...»! Assim que pus os olhos nela, decidi logo que tinha de comprar

“

Ilustrar livros para crianças dá-me a oportunidade de experimentar e testar novas fórmulas visuais e encontrar novas formas de ilustrar e narrar. É um trabalho árduo, mas divertido e compensador.

o álbum :-)

- Onde foste buscar as personagens que podemos ver no pequeno palco? Têm algum significado especial para ti? Associa-las a canções específicas do álbum?

Fico contente por teres gostado tanto dessa capa! Nutro um interesse bizarro por palcos e espetáculos. Por isso, é frequente aparecerem palcos nos meus trabalhos. Na minha arte, tudo começa com um mistério, para o qual não se consegue encontrar uma resposta clara. E o interesse pelos palcos é um bom exemplo desse tipo de situações. Deve ter algo a ver com o meu amor/ódio por palcos e espetáculos. (Sofro de um medo de me encontrar num palco que me paralisa, mas ainda assim ocasionalmente faço espetáculos e frequentemente, no fim, até gosto da experiência.) Quando o Tobias me falou de um palco, eu embarquei logo nessa ideia. O Tobias queria um bando de desajustados ou criaturas estranhas. Não apresentou nenhuma sugestão específica e deu-me carta branca para criar e interpretar à minha maneira as criaturas que fazem parte da Moonflower Society.

- Também adorei a versão com o palco vazio que o Tobias postou na página Avantasia Oficial com informação sobre a posição de «A Paranormal Evening...» nos tops. Suponho que a tua ideia era que cada um pudesse imaginar o que quisesse naquele palco. É assim? Inicialmente, o palco vazio estava destinado à contracapa do álbum e serviria para apresentar os títulos das canções. Mas acabou por ser usado para outras finalidades.
- E também reparei na cauda de dragão enrolada à volta da parte inferior do palco. Como te veio essa ideia à cabeça?

A cauda de dragão é uma reminiscência da versão inicial da ilustração, quando o projeto tinha um título que continha a palavra “dragão”. Deixei-a ficar na versão final, porque dá uma atmosfera

mística à ilustração e também faz alusão a alguns aspetos das letras.

Participaste na elaboração dos filmes de animação que podemos ver em alguns dos videoclips para «A Paranormal Evening...»?

Discutimos vagamente a hipótese de eu fazer uma parte da animação, mas eu sentia-me demasiado “enferrujado” para fazer esse trabalho. Assim, limitei-me a criar todos os elementos visuais para o vídeo de “Misplaced Among the Angels” e o Ingo Spörl fez a animação. Acabou por ficar um trabalho sensacional.

A capa de «Moonglow» também está fantástica. Como a concebeste?

O Tobias veio com a ideia de uma personagem transcendente virada para outros mundos, ligada a outro reino ou realidade. Um lugar seguro para todos os que não pertencem a este mundo ou são ostracizados. Apaixonou-se pelo esboço inicial, o que foi muito inesperado, porque se tratava de uma imagem muito despida e pouco polida. Gostou da sua simplicidade e queria mesmo pô-la na capa do álbum. Mas a editora escolheu a versão mais trabalhada. O esboço acabou por ser usado na capa da edição em vinil de um single na edição especial de «Moongow». (Enviei-te esse esboço.)

Tens mais clientes no universo do Metal para além da Tobias Sammet’s Avantasia? Considerarias a hipótese de ver nisso uma nova linha de trabalho?

Não tenho mais nenhum cliente no mundo do Metal, só Avantasia. Tenho trabalhado com algumas bandas independentes de Goth Rock e Indie Rock ao longo dos anos. Mas Avantasia é a maior de todas. Para ser franco, não tinha a mínima noção do seu prestígio – nomeadamente na Alemanha, o seu país de origem – até ter começado a trabalhar com eles. Penso que o meu estilo não é o mais adequado para fazer capas

de álbuns neste momento. Mas o Tobias viu em mim algum potencial e encaminhou-me para o universo estético tipo Tim Burton de que andava à procura, que se adequa na perfeição à forma como perspetivou os dois últimos álbuns de Avantasia.

Vamos ver o que acontece com o próximo. Adoraria criar a capa para um terceiro álbum.

Calculo que és um fã de Metal. Encontrei o teu perfil na Metallum e a referência à tua banda [Dehferion] e estive a ouvir o EP [«Natten Kommer?»] de que gostei muito. Vais lançar novas canções?

Sim, sou um grande fã de Metal e de música em geral. A minha praia são géneros como Death, Doom, Grindcore e Black Metal, mas também gosto de Indie Rock e música eletrónica.

Fico surpreendido por teres descoberto Dehferion, que é um dos meus projetos mais obscuros de sempre. Ainda só lancei algumas canções, que funcionam como teste. Mas há mais material na forja. Será muito DIY, muito doomy, com atmosferas instrumentais. Mas ainda não é nada sério.

A minha banda de Postrock-Indie chamado Kitten Paws é bem mais ativa. De uma forma estranha, as canções desse projeto são uma espécie de banda sonora para filmes inexistentes. Música e imagens de mãos dadas.

Qual é a tua maior conquista como artista gráfico do teu ponto de vista?

De vez em quando, há pessoas de todo o mundo que me dizem que o meu trabalho as afetou e influenciou de uma forma (sobretudo) positiva. Considero isso como um grande feito.



ANTRO

Por: Carlos Filipe

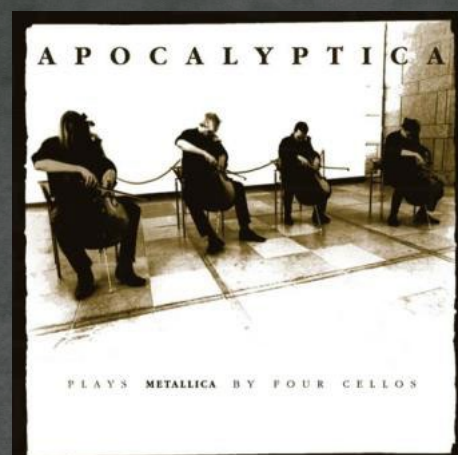
DE FOLIA

Com o advento do YouTube, não foi uma nem duas, as vezes que o seu algoritmo me propõe covers de bandas de Metal por artistas ou bandas que tocam um instrumento específico como será o violino, o piano, a arpa ou uma família de instrumentos como as cordas. Na maioria das vezes, até porque conhecemos as músicas em questão, consegue ser tão espetacular como a performance propriamente dita do artista. Analisando este fenômeno, há coisas em comum que se pode desde já realçar. Primeiro, as covers são mais ou menos sempre das mesmas bandas, i.e, Metallica, Iron Maiden, Pantera, System Of a Down, Judas Priest – Quantas covers há do Painkiller! – e segundo, depois de vermos meia dúzia de covers feitas pelo artista e fazer “subscribe”, começa a enjoar, e lá anulamos a subscrição do canal.

Estamos a falar de gente completamente desconhecida, que apareceu do nada, e que provavelmente só têm carreira feita no instrumento que tocam e arranjam as pautas online, mas por vezes, conseguem rasgar a tela do banal onde estão metidos e projectarem-se a eles próprios e uma banda no seio do estilo musical alvo das covers. No nosso caso, o Metal. A mais famosa banda que conhecemos todos até à data, e não poderiam deixar de o ser, são os finlandeses **Apocalyptica**. Tudo começou com uma brincadeira de violoncelistas, que desaguou numa banda de pleno direito que suplantou a sua essência original das covers, primeiro dos Metallica para depois alargar o espectro. Durou apenas 2 álbuns, mas que covers! Alias, não me esqueço do dia 19 Abril de 1997 em que a Antena3, pela mão do António Freitas, proporcionou um concerto em directo dos Apocalyptica com as suas covers inéditas em violoncelo dos Metallica, que me deixou completamente alucinado. Nunca tinha ouvido nada assim!

A outra banda que emergiu do YouTube através de covers foram os **Steve 'N' Seagulls**, com as suas covers country de várias hinos do Metal lideradas musicalmente por um banjo. Os hits do YouTube foram o “Thunderstruck” dos AC/DC e “The Trooper” dos Maiden. Confesso que inicialmente achava piada a estes Finlandeses, mas que já há muito que desliguei completamente. Na mesma linha, até porque toca igualmente covers de Metal com um banjo e tudo o que não seja um instrumento tradicional usado no Metal, está o americano **Rob Scallion**, dos quais destaco as magistrais covers de Slayer e Metallica, alias, qualquer uso de uma música dos Metallica por Rob para cover fica sempre bem. Rob Scallion é um músico por excelência com vários trabalhos publicados.

Focando apenas instrumentos próximos dos instrumentos



Instrumental Covers

tradicionais do Metal, quem nunca gostou de uma versão acústica de um hino de uma banda? Ainda hoje, as 3 últimas músicas em formato acústico do álbum dos Testament «Live at the Filmore» são das minhas faixas preferidas tocadas pelos Testament. Ou o magnífico álbum semiacústico – primeiro estranha-se, depois entranha-se – dos Opeth, «damnation». Nas redes sociais, o rei parece ser um tal **Thomas Zwijsen** que faz versões com a sua guitarra clássica de cordas de nylon, em formato acústico. Iron Maiden é o centro da acção de tal forma que, pasme-se, até tem uma versão completa do álbum «Senjutsu» dos Iron Maiden! Ao princípio parece uma coisa porreira mas depois enjoa de tal forma que não



se consegue ouvir mais o rapaz. Falta-lhe aquele punch que as músicas originais têm. Evidentemente que um(a) As das covers de bateria não podia faltar. Mas se o As é mesmo uma rapariga, então ainda torna a coisa mais espectacular. **Meytal Cohen** também conhecida por meytall é uma figura proeminente neste universo da percussão, revelando nos seus vídeos um talento ímpar. O naipe de bandas alvo das covers muda um bocado do tradicional, abraçando muito aquilo que chamamos de nu-metal e metal alternativo como os Deftone, System of a Down, slipknot, Limp Bizkit ou Godjira, no entanto, tem uma cover do



«Painkiller» dos Judas Priest que é monumental. O conceito ganha outra amplitude quando os elementos de música clássica ou erudita se misturam com o Metal. Já vimos isso acontecer de forma sensacional aquando dos concertos com orquestra sinfónica iniciado nos 90 pelos Scorpion e Metallica, replicado inúmeras vezes até à combinação monumental do Black Metal dos Dimmu Borgir com orquestra e coro, ou, os nossos Gwydion com a banda do Ateneu Vilafranquense. E não tivessem os Manowar pela voz de Joey DiMaio profetizado em tempos indo que Richard Wagner é o Pai do Heavy Metal.



ANTRO DE FOLIA



Assim, não é de estranhar o mesmo efeito “uhau” quando um músico de um instrumento clássico se põe a tocar heavy metal, ou melhor dizendo, Metallica, Iron Maiden, AC/DC, Judas Priest e por aí fora.

No topo está **Gamazda** e o seu piano. As músicas dos Metallica nunca soaram tão bem ao piano, e no caso da Gamazda, com uma performance exemplar, digna de uma virtuosa do piano, que o é. Também disponível no You Tube está o quarteto feminino de cordas, **4Tune Quartet** (violino I e II, viola d'arco, violoncelo). Eu já conhecia o conceito, que soa deveras estupendo com um CD de antologia à música dos Iron Maiden pelos **The String Quartet Tribute to Iron Maiden** – Existe outro **tributo aos Slayer**. O melhor deste quarteto 4Tune é tocar tudo do mainstream, do rock ao metal, e até têm uma cover do «Painkiller» dos Judas Priest com um dos violinos a fazer a entoada vocal do Rob Halford, sublime! Com uma carreira já bem lançada ao estilo dos Apocalyptica – com bateria ao vivo e tudo - estão os dois violoncelistas de **2CELLOS**. Estes já não devem ser grande novidade mas se não conhecerem vale a pena dar uma olhadela pela espetacularidade que colocam na execução dos violoncelos em palco ou nos vídeo clips. Com os 2CELLOS, os Metallica parecem ter sido esquecidos e trocados pelos Guns N' Roses. Um dos momentos altos deste duo é o «The Trooper» dos Maiden, numa execução ao vivo acutilante.

E por fim, as **Harp twins** também conhecidas por Camille and Kennerly que tocam covers em arpa e é a prova que nem todos os instrumentos são passíveis de fazerem covers. Aquilo por vezes, consegue

ser uma verdadeira seca musical que nem o facto de conhecermos a música ajuda. Basta ouvir a versão do «Powerslave» dos Maiden para estar tudo dito. Como diria Homer Simpson: “Booorrrinnggg!”.

E para terminar, algo completamente diferente e mais tradicional. No outro dia, o algoritmo do YouTube propôs-me o **Miguel Sequeira** e os seus guitar riffs battle. A questão aqui de covers não se coloca, mas sim a reprodução de trechos musicais, vulgos riffs, das nossas bandas favoritas de todo o universo metálico, nuns vídeos em que os diferentes estilos, as diferentes bandas, são colocados frente a frente num combate ímpar. É um canal bastante interessante para interiorizarmos o que faz o som de tal banda ou tal género ser assim em contraste com outra banda ou género musical. A seguir definitivamente.

Última Hora:

Nestes últimos dias o YouTube propomos-me mais um canal de covers, agora de um duo de irmãos que tocam acordeão, os **Morander Brothers**. Estes são fresquinhos quase a estreiar só com dois vídeos publicados, como não podia deixar de ser, o «The Trooper» dos Iron Maiden, não estava á espera desta, e pasme-se, isto sim uma novidade, uma cover de Dragon Force, «Through the Fire and Flames». Excelentes covers, grande execução técnica, muita garra, mas enquadra-se naquela categoria em que à terceira música já não se aguenta mais.



PALETES

Por: Carlos Filipe

Daemonesq - «The Beauty Of Letting Go» (Alemanha, Black Metal)

A força emergente do black metal Alemão, DÆMONESQ, lança o seu aguardado EP de estreia, intitulado «The Beauty of Letting Go». A congregação feminina de metal extremo surge para conquistar os reinos do metal dominados pelos homens. (All Noir)

Dawn Of Solace - «Flames Of Perdition» (Finlândia, Melodic Doom/Death Metal)

O ícone finlandês do death e gothic doom metal Tuomas Saukkonen regressa com “Waves”, o seu segundo álbum a solo sob a bandeira de DAWN OF SOLACE. Negrura, peso e sombreado, ainda mais triste, carregando uma certa beleza e força atmosférica. (All Noir)

Schizophrenia - «Recollections Of The Insane» (Bélgica, Death/Thrash Metal)

Álbum de estreia do quarteto de Antuérpia, Bélgica, intitulado “Recollections Of The Insane”. Com um coquetel implacável de Death Metal de alta adrenalina e elementos de ritmo médio, a banda conquistou a cena pesada com um som pesado e dinâmico. (All Noir)

Grafvitnir - «Death'S Wings Widespread» (Suécia, Melodic Black Metal)

Com seu sétimo álbum, a lendária banda de Occult Black Metal Grafvitnir, desencadeia os ventos tempestuosos do Outro mundo. Dez hinos tempestuosos de malevolência negra como o breu soando o alarme do Apocalipse. (Avantgarde Music)

Noircure - «Kyrie» (Itália, Blackgaze)

Noircure é o esforço musical do multi-instrumentista Raffaele Galasso. Noircure vem depois de anos de experiência e trabalho árduo em vários projetos underground diferentes, conseguindo ser algo completamente novo e perfeitamente Auto consciente. (Avantgarde Music)

Sivyj Yar (Сивый Яр) - «Golden Threads (Золотые нити)» (Rússia, Neofolk)

Dois anos após o aclamado Gope / Grief, Sivyj Yar está de volta com um novo álbum de estúdio, Золотые нити / Golden Threads. O multi-instrumentista Vladimir, de São Petersburgo, deixa o black metal de lado e entregando um álbum acústico e instrumental. (Avantgarde Music)

Vastatum - «Mercurial States Of Revelation» (Canadá, Atmospheric Black Metal)

Depois de duas décadas dedicadas às artes negras dentro do obscuro black metal, Wraith (Vanquished) e Luzifaust (Kaifrun, Hostium) apresentam um novo capítulo, conhecido pelo nome de Vastatum. Uma antiga entidade paralela nascida na existência moderna. (Avantgarde Music)

Ysyry Mollvün - «Ysyry Mollvün» (Argentina, Black Metal)

Ysyry Mollvün oferece uma maneira de aprender mais sobre o povo antigo e a cultura da Argentina através das notas frias e agudas do black metal. O nome da banda vem das palavras “rio” na língua Guaraní, povo indígena da América do Sul (Ysyry). (Avantgarde Music)



The Neptune Power Federation - «Le Demon De L'Amour» (Austrália, Psych Rock N' Roll)

NEPTUNE POWER FEDERATION traz de volta a canção de amor e o rock furioso no seu quinto álbum de estúdio, “Le Demon De L'Amour”! A Princesa Imperial domina oito canções de amor que provam que poucos podem ultrapassar os limites do rock e do metal. (Cruz Del Sur Music)

Aeviterne - «The Ailing Facade» (EUA-New York, Experimental Death Metal)

O álbum de estreia do quarteto de death metal experimental AEVITERNE, de Nova York, «The Ailing Facade».

A futilidade da produtividade; a quebra da realidade consensual; os impulsos gémeos da humanidade para se propagar e se destruir. (Earsplit)

Choreomaniac - «Self-Titled» (Países Baixos, Experimental Prog/Funk)

COREOMANIC viu a luz quando o mundo parou na primavera de 2020. O músico Joost van der Graaf teve a ideia maluca de incorporar trompas. Ele nunca havia escrito música para trompas, então começou a fazer experiências com isso e este é o resultado. (Other)



Dawnrider - «The Fourth Dawn» (Portugal, Doom Metal)

Formados em 2004, os DAWNRIDER tornaram-se rapidamente a ponta de lança do Doom Metal português, com os seus notáveis grooves psicadélicos e riffs de Heavy Metal contagiantes. «The Fourth Dawn», seu quarto álbum completo. (All Noir)

Division:Dark - «Prophecy» (Suíça, Industrial Gothic Metal)

Division: Dark é uma fusão de cinco profetas sombrios que profetizam o primeiro estágio da nova era no seu álbum de estreia, «Prophecy». A humanidade está lentamente a ser preparada para o Dia do Julgamento final com um bombástico metal industrial. (All Noir)

Eric Wagner - «In The Lonely Light Of Mourning» (EUA-Nevada, Doom Metal)

O álbum a solo póstumo de uma das vozes mais lendárias do doom metal. Em 22 de agosto de 2021, Eric Wagner, partiu deste mundo. A sua morte lançou uma mortalha num ano já difícil. Eric deu os toques finais apenas algumas semanas antes de sua morte. (Cruz del Sur Music)

Pure Wrath - «Hymn To The Woeful Hearts» (Indonésia, Atmospheric Black Metal)

URE WRATH - formado em 2014 em West Java, Indonésia - é o projeto de Black Metal atmosférico comovente do multi-instrumentista Januaryo Hardy. "Hymn to the Woeful Hearts" é uma exploração épica e emocional ferida da dor atemporal. (Debemur Morti Productions)

Falls Of Rauros - «Key To A Vanishing Future» (EUA-Maine, Black/Folk Metal)

Com a intenção de explorar o terreno comum entre black metal, rock e música folk, embora não seja um álbum conceitual no sentido tradicional, todo o trabalho de FALLS OF RAUROS é vinculado à exploração de um tema unificador. (Eisenwald)

Heltekvad - «Morgenrødens Helvedesherre» (Dinamarca, Medieval Black Metal)

Formado em 2020, o HELTEKVAD é um trio com membros de alguns dos melhores atos recentes da Dinamarca. Embora o som do HELTEKVAD certamente compartilhe a paixão, sua abordagem para compor e criar paisagens sonoras verdadeiramente medievais. (Eisenwald)

Mountaineer - «Giving Up The Ghost» (EUA-California, Doom/Sludge Metal/Post-Rock)

Olhando para a formação e modus operandi do MOUNTAINEER, é importante distinguir entre os dois primeiros álbuns, e a produção recente. Hoje opera um sexteto com o 4º trabalho "Giving Up The Ghost" ainda mais afinado e evidente. (Lifeforce Records)



Final Cry - «The Ever-Rest» (Alemanha, Melodic Thrash/Death Metal)

Os FINAL CRY tem sido uma parte constante da cena do metal alemã e agora apresenta o seu sexto LP com o épico de montanhismo "The Ever-Rest". Mais uma vez, a banda consegue reinventar-se sem perder de vista as suas raízes thrash metal. (MDD Records)

Bâ'a - «Egrégore» (França, Black Metal)

Bâ'a apresenta aqui o seu segundo álbum, «Egrégore», com uma sonoridade fiel a um black metal com vontade de ser tradicional e ainda assim enquadrar-se na perfeição no panorama musical actual. A banda oferece uma reflexão sobre o Bem e o Mal. (Osmose Productions)

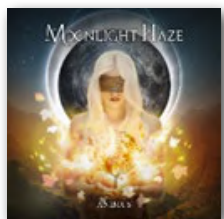
Beriedir - «Aqva» (Itália, Progressive Power Metal)

Beriedir é uma banda de power metal progressivo com sede em Bergamo, Itália. Depois de um EP acústico lançado em 2020, eles estão prontos para lançar o seu mais novo álbum, «AQVA». (Other)

Burned In Effigy - «Rex Mortem» (EUA-Illinois, Neoclassical/Melodic Death Metal)

Burned in Effigy é uma banda neoclássica de death metal melódico de Chicago. Começando como uma banda

de metal melódico instrumental, os quatro uniram-se por amor pela música complexa, melódica e pesada. (Other)



Moonlight Haze - «Animus» (Itália, Symphonic/Power Metal)

Power metal melódico, sinfónico e bombástico totalmente matador e sem preenchimento no seu melhor: cada música do novo álbum dos Moonlight Haze é um single de sucesso em potencial, exibindo ao mesmo tempo uma textura sonora rica. (Scarlet Records)

Hell Militia - «Hollow Void» (França, Black Metal)

O black metal vagueou por um território imprevisto e simultaneamente voltou às suas raízes, permanecendo entrincheirado como uma força polarizadora. Não é surpresa que o HELL MILITIA tenha subido na ocasião com seu quarto longa-metragem, 'Hollow Void'. (Season of Mist)

Invultation - «Unconquerable Death» (EUA-Ohio, Black/Death Metal)

“Unconquerable Death” mergulha nas profundezas da selvageria auditiva total, manifestando o death metal transmutado numa das formas mais selvagens e maléficas. A produção cristalina intensifica uma execução agressivamente virtuosística de riffs mortais. (Sentient Ruin)

Valais - «Valais» (Irlanda, Black Metal)

Os hinos ocultos de Vile Ritual misturam-se com encantamentos de eras passadas para encarnar uma visão mais disfarçada de rituais de death metal. Riffs desumanamente esmagadores espancam o ouvinte e o sepultam em um sufocante e grotesco enterro auricular. (Signal Rex)

Helge - «Neuroplasticity» (Dinamarca, Black Metal)

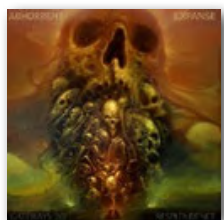
«Neuroplasticity», é o álbum de estreia da banda dinamarquesa de Black Metal HELGE! HELGE criou um universo sombrio e triste, levando o ouvinte numa jornada emocional pelos abismos obscuros do interior humano. (All Noir)

Mariangela Demurtas - «Dark Ability» (Itália, Gothic Metal)

Este é o EP a solo da ex-vocalista do TRISTANIA, Mariangela Demurtas! «Dark Ability» é um solo assombroso, bonito e sombrio de uma das melhores e mais carismáticas vozes que conhecemos no Gothic Metal. (All Noir)

Ottone Pesante - «And The Black Bells Rang» (Itália, Avant-Garde Metal)

Com sua mistura de Metal, Jazz, Brass e Avant-Garde, OTTONE PESANTE ganhou aclamação da crítica internacional com seu último álbum “DoomooD” e está pronto para encantar com o trio anuncia um novo EP intitulado “...and the Black Bells Rang”. (Avantgarde Music)



Abhorrent Expanse - «Gateways To Resplendence» (EUA-Illinois, Avant-Metal)

O quarteto de metal vanguardista ABHORRENT EXPANSE, lança o seu álbum de estreia, “Gateways To Resplendence”. Um manifesto grotescamente improvisado que sai das profundezas da morte, do funeral e do free jazz. (Earsplit)

An Evening Redness - «An Evening Redness» (EUA-Illinois, Drone/Doom Metal)

AN EVENING REDNESS evoca uma clareza alucinatória das planícies alcalinas e a violência bíblica. Profundamente introspectivo e evocando a escuridão alucinatória, a estreia de AN EVENING REDNESS é o mais um lançamento de Brandon Elkins. (Earsplit)

Nick Vasallo - «Apophany» (EUA-California, Metal/Classical Opus)

O multi-instrumentista, NICK VASALLO, conhecido por notáveis conjuntos técnicos de death metal/deathcore como Antagony, Oblivion e mais, apresenta seu segundo álbum solo híbrido de metal/clássico, Apophany. (Earsplit)



Luzifer - «Iron Shackles» (Alemanha, Heavy Metal)

LUZIFER é um projeto paralelo dos thrashers alemães Vulture, que lançam o seu primeiro LP. O álbum soa bastante original (usando sons de órgão pesados, bem como canto atmosférico de fundo), e é muito difícil identificar todas as influências específicas. (High Roller Records)

Arjen Lucassen's Star One - «Revel In Time» (Países Baixos, Progressive Metal/Rock)

STAR ONE de ARJEN ANTHONY LUCASSEN, "Revel in Time", não é tecnicamente ópera de rock com um enredo à Ayreon, mas podem ser álbuns conceituais. As faixas são todas inspiradas em filmes que tratam de algum tipo de manipulação do tempo. (InsideOut Music)

Crisix - «Full HD» (Espanha, Thrash Metal)

Crisix está de volta com um novo álbum intitulado «Full HD». Este é uma obra-prima do thrash artesanal de classe mundial. Crisix está na melhor forma, combinando as características inventadas misturadas com o metal tradicional e o thrash. (Listenable Records)

Crystal Viper - «The Last Axeman» (Polónia, Heavy/Power Metal)

Se leva Heavy Metal a sério, CRYSTAL VIPER não precisa de apresentações. O seu último álbum "The Cult" trouxe-os de volta às raízes: o tradicional e puro Heavy Metal, cheio de melodias épicas, riffs clássicos, harmonias de guitarra e solos envolventes. (Listenable Records)



Redshark - «Digital Race» (Espanha, Heavy/Speed/Power Metal)

A REDSHARK foi fundada por Philip Graves (guitarra) com o objetivo de entregar Classic Pounding Heavy Speed Metal, honrando a sua velocidade de heavy metal gloriosamente crua, mas incisiva, sombria e viciante, mantendo-se fiel às suas influências originais. (Listenable Records)

Rise Of Kronos - «Council Of Prediction» (Alemanha, Death Metal)

Após 11 anos, era hora de abrir um novo capítulo para continuar o legado anterior. Rise Of Kronos oferece death metal sombrio, moderno e direto que não nega a si as influências de metal progressivo, death sueco e hardcore, mas com arranjos mais brutos. (MDD Records)

Corpsegrinder - «Corpsegrinder» (EUA-Florida, Death Metal/Hardcore)

George "Corpsegrinder" Fisher, lança o seu primeiro álbum a solo, intitulado «Corpsegrinder». Temos aqui um álbum de 10 músicas cheias de death metal, thrash hardcore, além dos vocais guturais característicos de Corpsegrinder. (Other)

Cryptworm - «Spewing Mephitic Putridity» (Inglaterra, Death Metal)

Os esgotos mais imundos da Inglaterra lançaram um novo vazamento fétido na forma do álbum de estreia do CRYPTWORM, intitulado "Spewing Mephitic Putridity". CRYPTWORM provou mais uma vez liberar alguns dos Death Metal mais sujos. (Other)



Trick Or Treat - «Creepy Symphonies» (Itália, Power Metal)

'Creepy Symphonies' é o trabalho dos Trick Or Treat mais maduro de todos os tempos. Entre balas letais de speed metal, baladas intensas e emocionantes, podemos encontrar o antídoto tão necessário contra um mundo que se leva muito a sério. (Scarlet Records)

Christian Death - «Evil Becomes Rule» (EUA-California, Gothic Deathrock)

CHRISTIAN DEATH lança seu 17º álbum de estúdio, sem mostrar sinais de vacilar ou desacelerar. Os padrinhos do death rock aperfeiçoaram e redefiniram seu som característico, que serviu de inspiração central para muitas bandas do passado e do presente. (Season of Mist)

Glemse - «Forfader» (Dinamarca, Black Metal)

O próximo disco da banda consiste em 6 músicas independentes, mas musicalmente profundamente ligadas, que misturam dureza e melancolia em igual medida. "Forfader" é um trabalho imponente cheio de raiva e beleza, sentimentos e atmosferas assustadoras. (All Noir)

Kvaen - «The Great Below» (Suécia, Black/Pagan/Viking Metal)

Fundado e liderado por Jacob Björnfot, KVAEN levou tudo ao máximo e criou um sucessor ainda mais grandioso do que seu álbum de estreia. "The Great Below" apresenta oito canções com a mistura única da banda de Black Thrash, Pagan e Speed Metal. (All Noir)

Non Est Deus - «Impious» (Alemanha, Black Metal)

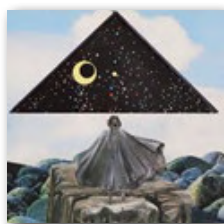
O projeto Non Est Deus nasceu há quase quatro anos e tem como único objetivo mostrar o absurdo da prática fanática da religião. Uma instituição que usa a instrumentalização do bem e do mal. Escritos que mergulharam gerações no fanatismo e na dúvida. (Avantgarde Music)

Oceansnow - «Vivienne» (EUA-Colorado, Black Metal, Ambient)

Gerado a partir das ravinas das Montanhas Rochosas vem Oceansnow. E tudo em seu álbum de estreia «Vivienne» é executado por dois músicos. Expire e encontre consolo em um casulo de black metal aveludado e atmosférico. Fuja deste mundo para sempre. (Avantgarde Music)

Tome Of The Unreplenished - «Earthbound» (Chipe, Atmospheric Black Metal/Noise/Power Electronics)

A entidade intransigente Tome Of The Unreplenished está finalmente a lançar o seu álbum mais esperado, «Earthbound». Este projeto único tem, sem dúvida, ultrapassado os limites da progressão musical, experimentando sons radicais, brutais e implacáveis. (Avantgarde Music)



Cailleach Calling - «Dreams Of Fragmentation» (EUA-California, Progressive/Post-Black Metal)

CAILLEACH CALLING é uma banda de Black Metal progressiva e atmosférica do guitarrista/baixista/sintetizador Tony Thomas e da vocalista Chelsea Murphy. O álbum de estreia “Dreams of Fragmentation” é tempestuoso com um ambiente melódico onírico. (Debemur Morti Productions)

Echo Response - «Triangles» (EUA-Maine, Prog Rock/Reggae/Funk)

Idealizado por Ingalls, o álbum de estreia dos ECHO RESPONSE, «Triangles». Eles fundem a pulsação rítmica do dub, o brilho etéreo do jazz cósmico e a estética vale-tudo dos krautrock em algo que pode equilibrar ser expansivo, mas convidativo e eclético. (Earsplit)

Lunar Tombfields - «The Eternal Harvest» (França, Atmospheric Black Metal)

Lunar Tombfields nasceu no início de 2020, quando o mundo estava bloqueado, à beira de sua queda. A partir de suas quatro longas faixas, este álbum é uma ode à glória das estrelas, à força dos elementos e à tragédia do destino humano. (LADLO)

Lament Cityscape - «A Darker Discharge» (EUA-Wyoming, Sludge/Doom/Post-Metal, Industrial/Noise)

O álbum faz jus ao seu título. “A Darker Discharge” soa desiludido, perturbador e destrutivo. De alguma forma também pós-apocalíptico. LAMENT CITYSCAPE encontra sua base musical no metal industrial, que é estendido por sludge, pós-punk e -metal. (Lifeforce Records)

Confidential - «Devil Inside» (Noruega, Symphonic Metal)

CONFIDENTIAL é uma banda norueguesa de metal sinfônico, liderada pela fundadora e compositora Astrid K Mjøen. Há faixas sinfônicas de ritmo acelerado, bem como canções mais lentas e sinceras, que resumem todas as facetas da mente humana. (Massacre Records)

Embraced By Darkness - «MMXXII» (Países Baixos, Black Metal)

A banda de black metal EMBRACED BY DARKNESS lançará seu primeiro EP, “MMXXII. Embraced by Darkness toca black metal agressivo, mas melódico, com algumas influências do death metal. Salve Satanás! (Non Serviam Records)



Disembody - «Reigniting Hellfire» (Finlândia, Black/Thrash Metal)

A Finlândia tem-se empenhado o suficiente para nos mostrar o surgimento da estrela do amanhã desde os primeiros dias desta era de morte e destruição. DISEMBODY são uma das novas joias para aumentar o caos e a destruição na cena do metal de Suomi. (Other)

Hilltops Are For Dreamers - «In Disbelief» (Internacional, Trash Metal)

Hilltops Are For Dreamers lançará o seu primeiro álbum “In Disbelief”, e junta influências do pós-hardcore com melodias de blues acústico, estruturação progressiva, riffs pesados, uma pitada de black metal além de explorar caminhos eletrônicos. (Other)

St Michael Front - «Schuld S Hne» (Alemanha, Apyocalypso Schlager)

A dupla de Hamburgo não dá a mínima para limites artísticos ou tabus musicais, combinando alegremente chanson e Schlager, neofolk, pop e bandas sonora com prazer audível. Em seu segundo álbum é “Schuld & Sühne” (“Crime e Castigo”). (Prophecy Productions)

Without Waves - «Comedian» (EUA-Illinois, Post-Prog, Metal, Experimental, Rock, Progressive)

WITHOUT WAVES lançará o na forma de um novo LP, «Comedian», o álbum que reúne dez faixas expansivas que traçam os poucos anos cheios de emoção da banda de Chicago. Abraçando o rótulo ‘progressivo’, eles criaram um álbum que se encaixa no estilo. (Prosthetic Records)

Gronibard - «Regarde Les Hommes Sucer» (França, Goregrind)

Após 14 anos de silêncio ensurdecador que ninguém necessariamente perdeu, o quinteto grindcore retorna com ‘Regarde Les Hommes Sucer’, um novo álbum que cheira a cús e outros aromas delicados. Sempre Fiel aos seus valores originais. (Season of Mist)

Somali Yacht Club - «The Space» (Ucrânia, Psychedelic Stoner Rock)

Com o nome dos piratas da vida real que atacam navios na costa da Somália, SOMALI YACHT CLUB incorpora musicalmente os espaços ilimitados, abertos, silenciosos / barulhentos que o pós-rock atmosférico e metal ocupam. (Season of Mist)

Black Fucking Cancer - «Procreate Inverse» (EUA-California, Black Metal)

A abominável legião do black metal californiano Black Fucking Cancer ressurgue das profundezas do tormento com uma declaração de guerra total contra a raça humana na forma de “Procreate Inverse”, um imponente LP de cataclísmica e a dominação Black Metal. (Sentient Ruin)

Hexerei - «Ancient Evil Spirits» (Finlândia, Black Metal)

Berserk Finnish raw black metal, Hexerei, traz-nos a sua abominação de estreia encharcada de veneno, “Ancient Evil Spirits”, um portal auditivo perturbado para profundezas invisíveis de loucura e inferno total que remodelará a ideia de terror do ouvinte. (Sentient Ruin)

Alunah - «Strange Machine» (Inglaterra, Doom/Stoner Metal)

“Strange Machine”, não apenas o título do novo álbum do Alunah, mas um resumo da sobrevivência dos últimos dois anos. “Strange Machine” mostra Alunah na sua luz mais diversificada, porém focada. Este é o som de Alunah solto e livre. (All Noir)

The Troops Of Doom - «Antichrist Reborn» (Brasil, Death/Thrash Metal)

Supergrupo brasileiro de death metal, THE TROOPS OF DOOM, com o ex-guitarrista do SEPULTURA, Jairo “Tormentor” Guedz. Em «Antichrist Reborn» a banda revisita a essência do death metal no estilo dos anos 80, explorando um som mais primitivos. (All Noir)

**Vermörd - «Nostalgic Predictions» (EUA-Maryland, Blackened Death Metal)**

O grupo de black/death metal dissonante, VERMÖRD, tem em «Nostalgic Predictions» a sua estreia. A abordagem agressiva de VERMÖRD é mais percebida do que nunca aqui com uma bateria rápida e riffs acutilantes de death metal sinistro. (Earsplit)

Mirror - «The Day Bastard Leaders Die» (Chipre, Heavy Metal)

Os bastiões do metal multinacional retornam com nove números emocionantes e melódicos que capturam o verdadeiro espírito da NWOBHM e do proto-rock dos anos 70! Em “The Day Bastard Leaders Die”. MIRROR empunha a poderosa espada do HM clássico. (Cruz del Sur Music)

Bog Body - «Cryonic Crevasse Cult» (EUA-New York, Death/Sludge Metal)

A forma iminente do culto BOG BODY, descongelou da escória da terra sórdida para revelar o seu primeiro álbum, «Cryonic Crevasse Cult». A dupla composta apenas por baixo, bateria e vocais, transcendeu das entranhas culturais dos antepassados do black metal. (Earsplit)

Dead Head - «Slave Driver» (Países Baixos, Thrash / Death Metal)

DEAD HEAD, vindo da Holanda, existe desde o final dos anos 80, e o seu estilo é quase tão agressivo quanto o Thrash pode ser antes de se referir a eles como death metal. Tudo sobre “Slave Driver” apenas exala violência não adulterada e odiada. (Hammerheart Records)

Michael Romeo - «War Of The Worlds, Pt. 2» (EUA-New York, Progressive/Neoclassical Metal)

Em 2018, quando Michael Romeo (o guitarrista e compositor dos gigantes do rock progressivo Symphony X) lançou seu álbum solo, a ambiciosa obra-prima cinematográfica do metal, War of the Worlds, Pt. 1, ele deixou uma dica não tão sutil de que haveria mais. (InsideOut Music)



Fer De Lance - «The Hyperborean» (EUA-Illinois, Epic Heavy/Doom Metal)

O primeiro álbum completo da banda de metal de Chicago canaliza Bathory da era “Hammeheart” e “Rising” dos Rainbow! “The Hyperborean” é o primeiro álbum da banda. A coleção de músicas exibiu uma exibição aventureira e triunfante de metal. (Cruz del Sur Music)

OR - «Pariah» (EUA-Illinois, Instrumental)

O trio instrumental de Chicago OR lança o seu álbum de estreia, «Pariah». Embora esta seja a estreia gravada de OR, o álbum dificilmente é uma coleção de canções montadas ao acaso. As oito faixas do álbum possuem um foco e clareza o mais natural. (Earsplit)

Mosaic - «Heimatspuk» (Alemanha, Black Metal)

Os folcloristas da Turíngia, MOSAIC, regressam às suas raízes do black metal com o seu novo álbum completo “Heimatspuk”, apresentando uma simbiose primitiva de metal atmosférico, paisagens sonoras místicas e elementos folclóricos tradicionais. (Eisenwald)

Dragonbreed - «Necrohedron» (Alemanha, Melodic Death Metal)

A história dos líderes do death metal melódico Graveworm e Suidakra sempre esteve intimamente ligada. “Necrohedron” soa exatamente assim: cru, inspirado pelo espírito de seus primeiros anos juntos, combinado com as habilidades e sutileza de hoje! (MDD Records)



Rise Of Kronos - «Council Of Prediction» (Alemanha, Death Metal)

Com a mitologia grega para Olympus, Rise Of Kronos emergiu dos antigos death metallers de Hamburgo Surface em 2021 com uma formação idêntica. Após 11 anos, era simplesmente hora de abrir um novo capítulo e ao mesmo tempo dar continuidade ao legado. (MDD Records)

Necrom - «All Paths Are Left Here» (Ucrânia, Death Metal)

O NECROM surgiu em 2018 como uma homenagem à grandeza do death metal old-school dos veteranos da cena do metal ucraniano. «All Paths Are Left Here...» de NECROM é um disco poderoso e viciante que desperta o impulso de ouvi-lo novamente. (Osmose Productions)

Besvärjelsen - «Atlas» (Suécia, Stoner/Doom Metal/Psychedelic Rock)

BESVÄRJELSEN encontrou uma resposta impressionante nas sombrias florestas de sua terra natal em Dalarna, na Suécia. Tendo crescido no extremo norte, o fascinante conjunto de cinco peças criou seu nome a partir da palavra sueca para “conjuração”. (Prophecy Productions)

Venus Principle - «Stand In Your Light» (Suécia, Dark Psychedelic Rock)

Embora seja o primeiro disco do coletivo sueco-britânico, esses hinos vêm audivelmente com a profunda maturidade da experiência arduamente conquistada de todos os músicos veteranos envolvidos. O rock clássico está no coração de “Stand in Your Light”. (Prophecy Productions)

Volturian - «Red Dragon» (Itália, Alternative/Melodic Metal)

O segundo esforço dos Volturian é uma mistura do sentimento gótico e melancólico da estreia excepcional ‘Crimson’ com uma veia pop ainda mais refinada e algumas camadas eletrônicas extras. Cada música de ‘Red Dragon’ exibe um som muito contemporâneo. (Scarlet Records)

Deathwhite - «Grey Everlasting» (EUA-Pennsylvania, Dark Melodic Metal)

Crueldade, desonestidade, ganância, ofuscação e egoísmo são celebrados, usados como uma insígnia de orgulho enquanto o mundo queima figurativa e literalmente. Tal era o ambiente, o enigmático quarteto de dark

metal Deathwhite criou seu terceiro álbum. (Season of Mist)

Golgothan Remains - «Adorned In Ruin» (Austrália, Death Metal)

A horda australiana de dark death metal Golgothan Remains regressa com o seu cataclísmico segundo álbum “Adorned in Ruin”, uma arma de esquecimento absoluto forjada pela força da pura escuridão e caos. O death metal na sua forma mais devastadora. (Sentient Ruin)

Serpentshrine - «Allegiance To The Myth» (EUA-Virginia, Black Metal)

SERPENTSHRINE é um power-trio de black metal literalmente fora do tempo. O som deles é um som que orgulhosamente anuncia os caminhos antigos da década de 90. Cru e raivoso, mas não sem uma certa majestade do céu noturno no seu ataque blitz. (Signal Rex)

Vetus Supulcrum - «A Shroud Of Desolation» (Países Baixos, Epic Dungeon Synth / Fantasy)

Maurice De Jonge é um dos músicos mais insanamente prolíficos deste milênio. Focando quase inteiramente em projetos solo, o mestre holandês é amplamente conhecido pelo aterrorizante Gnaw Their Tongues, bem como por projetos voltados para o BM. (Signal Rex)

Demonical - «Mass Destroyer» (Suécia, Death Metal)

O álbum reflete a energia que gerou na sua criação, “Mass Destroyer” tem um soco grosseiro, incorpora um som orgânico e oferece uma experiência verdadeiramente diabólica da morte da velha guarda. Uma experiência digna de veteranos do death metal (Agonia Records)

Sadist - «Firescorched» (Itália, Progressive Death Metal)

«Firescorched» é o álbum mais rápido, altamente experimental e extremo da carreira dos SADIST. As músicas são frescas, abraçam blast beats e transmitem uma vibe de terror, em combinação com letras sombrias e angustiadas. (Agonia Records)

Bloodred - «Ad Astra» (Alemanha, Blackened Death Metal)

Com “Ad Astra”, os BLOODRED regressam mais maduro e multifacetado do que nunca! O álbum apresenta grandes canções de death metal ao lado de hinos épicos com mais do que um toque de black, melodias memoráveis e estruturas musicais complexas. (Massacre Records)

Deep Sun - «Dreamland - Behind The Shades» (Suiça, Symphonic Metal)

Muita coisa mudou durante a produção deste álbum: a formação, a composição, o som e o logotipo. DEEP SUN reconciliou-se consigo mesmo mais do que nunca e está avançando no caminho do sucesso com ainda mais confiança. (Massacre Records)

Vãmãcãra - «Cosmic Fires The Enlightenment Reversed» (Alemanha, Psychedelic Doom/Death Metal)

O presente álbum de estreia “Cosmic Fires: The Enlightenment Reversed” lembra uma união de black, doom e death metal misturado com rock psicadélico e stoner. Não deve ser surpresa que a versatilidade musical também se reflita com letras em diferentes idiomas. (MDD Records)

Meyhnach - «Miseria De Profundis» (França, French Black Metal)

MEYHNACH está de volta com uma segunda obra chamada «Miseria de profundis», uma peça de black metal com alguns elementos estranhos. O álbum contém as sete profecias de um visionário escavando nas profundezas da miséria humana. (Osmose Productions)

Tzompantli - «Tlazcaltiliztli» (EUA-California, Death/Doom Metal)

TZOMPANTLI é uma marcha de guerra do Death Doom, esmagadora, construída sobre uma base de temas, rituais e história nativos/indígenas, iluminando o esplendor, a brutalidade e o desespero internos. “Tlazcaltiliztli” é dedicado a aos povos indígenas. (Other)

The Damnation - «Way Of Perdition» (Brasil, Thrash/Death Metal)

THE DAMNATION ataca com seu álbum de estreia! “Way Of Perdition” exala um som versátil que mistura várias vertentes do Extreme Metal e traz vida ao Old School Thrash. Com sede em São Paulo / Brasil, estes ergem o punho furioso do Heavy Metal da velha escola! (SoulSeller Records)

Ante Inferno - «Antediluvian Dreamscapes» (Inglaterra, Black Metal)

“Antediluvian Dreamscapes” é o segundo LP dos britânicos e apresentando 7 novas faixas, no qual Ante-

Inferno criou um universo sombrio e triste, duro e desolado, levando o ouvinte a uma jornada emocional pelas esferas do black metal atmosférico. (All Noir)

Scitalis - «Doomed Before Time» (Suécia, Black Metal)

Vindos de Umeå, Suécia, o novo LP da banda oferece 8 faixas de Black Metal puro e devorador de almas. “Doomed Before Time” é um álbum que mais uma vez fala pela qualidade dos fornecedores das artes negras do norte da Europa que todos nós conhecemos. (All Noir)

Ufomammut - «Fenice» (Itália, Psychedelic Sludge/Stoner/Doom Metal)

Os alquimistas italianos e o power trio Ufomammut regressam com seu nono álbum de estúdio, «Fenice», o som de uma banda cuja essência foi rejuvenescida, fundindo aquelas dinâmicas extremas que tornam Fenice uma criatura viva renascentista. (All Noir)

Lord Belial - «Rapture» (Suécia, Black Metal)

“Rapture” dos LORD BELIAL é um destaque do Black Metal para o futuro! LORD BELIAL é uma banda sueca de Black Metal formada durante a segunda onda do Black Metal na Europa em 1992. LORD BELIAL lançou 8 álbuns e esteve ativo por 30 anos de existência. (Hammerheart Records)

Cyphonism - «Cosmic Voidance» (Alemanha, Death Metal)

CYPHONISM tem como missão combinar death metal incondicional com grooves pesados e atmosferas densas, em que o conteúdo lida principalmente com temas de terror cósmico e ficção científica. “Cosmic Voidance” dá continuidade ao caminho percorrido. (MDD Records)

Vanderlust - «Vanderlust» (Itália, Heavy Power Metal)

Os metaleiros cósmicos VANDERLUST lançam o seu álbum de estreia autointitulado. Nascido para viajar pelo cosmos, o italiano Vanderlust são uma banda de power-heavy metal com influências do prog-thrash que conta histórias de viagens espaciais sci-fi. (Other)

Teufelsberg - «Ordre Du Diable» (Polónia, Black Metal)

TEUFELSBURG fortalece-se ainda mais com o seu álbum de estreia, «Ordre du Diable». Nenhuma grande mudança foi feita, felizmente - fria e sombria é sua marcha, reproduzida em tons crus, mas claros, que notavelmente retêm uma vibração autêntica da época. (Signal Rex)

Anvil - «Impact Is Imminent» (Canadá, Heavy/Power Metal)

Assim está feito! E há mais de uma dúzia de boas razões para Anvil estar especialmente orgulhoso deste lançamento. As quatorze canções de ‘Impact Is Imminent’ apresentam muitos destaques e recursos especiais. A combinação de sucesso atacou novamente. (All Noir)

Gwendydd - «Censored» (Bulgária, Melodic Death Metal/Metalcore)

GWENDYDD está entre as bandas que mais se desenvolvem na cena. Impulsionado por uma produção moderna, este híbrido de riffs de guitarra destruidores e bateria eletrizante, transformando-se numa avalanche de metal extremo. (All Noir)

Iatt - «Magnum Opus» (EUA-Pennsylvania, Blackened Melodic Death)

Meticulosamente elaborado para pegar tematicamente onde o seu antecessor parou, em “Magnum Opus”, o ouvinte é catapultado de 1700 (Arsenic Ways) mais para trás no tempo para um mundo muito mais sombrio e antigo e das ciências esotéricas da Alquimia. (All Noir)

Stiriah - «Of Light» (Alemanha, Black Metal)

Apresentando seis novas faixas ao longo de 45 minutos, com “...Of Light” a banda oferece uma jornada furiosa e feroz mas emocional, através das esferas do black metal que cruzam as fronteiras musicais entre os sons lendários dos anos 90 e paisagens hipnóticas. (All Noir)

Teratoma - «Purulent Manifestations» (Alemanha, Death Metal)

Unidos no seu amor por sons de death metal clássicos e decididamente anti modernos, «Purulent Manifestations» contém uma série de riffs assustadores reforçados por uma secção rítmica robusta e compacta em músicas longas o suficiente. (Avantgarde Music)

Darian And Friends - «Lost Horizons» (Itália, Hard & Heavy Metal)

Um elenco internacional de veteranos do metal, oferecendo música hard e heavy de qualidade. “Lost Horizons” é um álbum construído em torno do amor de Dario pelo metal tradicional e pelo hard rock, com um cantor diferente para cada música. (Cruz del Sur Music)

Absolutism - «Blasting Trilok I» (Espanha, Technical Death Metal/Grindcore)

Absolutism faz uma entrada surpreendente na cena Underground, trazendo o seu EP de estreia repleto de Death Metal complexo, dissonante e técnico, influenciado pela brutalidade do Grindcore. Um ato poderoso e extremo de implacável Death/Grind. (Gruesome Records)

Brood Of Hatred - «The Golden Age» (Tunísia, Progressive Death Metal)

Brood of Hatred é um projeto Tunisiano de Death Metal sem fronteiras de gênero, apresentando atmosferas assombrosas para guiar os ouvintes através de uma jornada progressiva de escrita não convencional inspirada pelo estranho estado de espírito. (Gruesome Records)

Huronian - «As Cold As A Stranger Sunset» (Itália, Melodic Death/Black Metal)

O Blackened Death Metal de Huronian é muito mais do que a definição do subgênero. É uma experiência musical de outro mundo quando se trata de misturar a essência pura do Death/Thrash Metal sueco com notas de melodias do Black Metal escandinavo. (Gruesome Records)

Sekta - «Sekta» (Ucrânia, Electronic)

Nas profundezas das colinas de Ganzo, na Espanha, onde a luz do sol não penetra e o cheiro nauseante de suor e cerveja se mistura com o fedor industrial local, surge a máquina de matar verdadeiramente cruel chamada Sekta. Uma intensa exibição de puro Metal. (Gruesome Records)

Vomit Bag Squad - «Tales From The Bag» (Brasil, Thrash Metal/Crossover)

Vomit Bag Squad vem de São Paulo, Brasil e foi formado no ano de 2020. A banda mistura o seu furioso Thrash Metal com o imaginário do cinema de Terror, em que cada música é totalmente inspirada num filme de Terror específico. Thrash Metal old school! (Gruesome Records)

Sadistic Ritual - «The Enigma, Boundless» (EUA-Georgia, Thrash Metal)

A banda de thrash psicadélico SADISTIC RITUAL está de volta, infundida com energia eletrizante suficiente para impulsioná-los para o futuro brilhante. Lançamento de seu segundo álbum, «The Enigma, Boundless». (Prosthetic Records)

Sole Syndicate - «Into The Flames» (Suécia, Melodic Heavy Metal)

Fazendo a ponte entre as raízes europeias tradicionais e os sons americanos modernos, Sole Syndicate conhece bem o segredo de todas as maiores bandas pesadas do passado e do presente: cada música conta. ‘Into the Flames’ é um álbum mais sombrio e pesado. (Scarlet Records)

Saor - «Origins» (Escócia, Atmospheric Folk/Black Metal)

SAOR significa livre, sem obrigações, sem restrições. Todas estas características são intrínsecas à música do SAOR, a entidade musical encabeçada pelo único membro Andy Marshall. Como um andarilho solitário gritando com orgulho as histórias e mitos de seu povo. (Season of Mist)

Hold Me Down - «Powerless» (EUA-Virginia, Industrial Metal)

Hold Me Down reanimam o seu design para uma total retaliação sônica por meio de sua última criação, “Powerless”, um LP de estreia repleto de punição cáustica pós-industrial. Uma desoladora dissociação pós-industrial onde baterias eletrônicas desorientadoras. (Sentient Ruin)

Black Therapy - «Onward» (Itália, Melodic Death Metal)

“Onward” é o novo álbum da banda de Melodic Death Metal BLACK THERAPY. Nove novas faixas da banda de Roma, repletas de death metal melódico sombrio e carregado de tristeza e melodias cativantes num equilíbrio perfeito entre agressão e atmosfera sombria. (All Noir)

Defiatory - «Apokalyps» (Suécia, Thrash Metal)

«Apokalyps» afasta-se do habitual, adicionando uma atmosfera mais sinistra, melodias ásperas e ritmo implacável, enquanto exploram a chegada do fim do mundo. DEFIATORY leva-nos numa jornada através de uma paisagem em constante destruição. (All Noir)

Fallen Sanctuary - «Terranova» (Austria, Melodic Power Metal)

Fallen Sanctuary está pronto para nos brindar com o seu metal melódico diversificado e de ritmo acelerado. Estilisticamente, 'Terranova' não deixa perguntas sem resposta: Fallen Sanctuary dispara em todos os cilindros com um som original e inconfundível. (All Noir)

Minipony - «Ajna» (Equador, Technical Death Metal)

"AJNA", o segundo álbum da banda equatoriana de Tech Death Metal, MINIPONY. O disco contém uma sonoridade orgânica e envolvente acompanhada de uma profunda excursão nos aspectos melódicos e rítmicos num conceito profundo e directo. (All Noir)

Scitalis - «Doomed Before Time» (Suécia, Black Metal)

Vindo de Umeå, Suécia, o próximo álbum da banda oferece 8 faixas de puro black metal devorador de almas. "Doomed Before Time" é um álbum que mais uma vez fala pela qualidade dos fornecedores das artes negras do norte da Europa que todos conhecemos. (All Noir)

Blut Aus Nord - «Disharmonium Undreamable Abysses» (França, Atmospheric Black Metal, Avant-garde/Black/Industrial Metal/Dark Ambient)

A maré vira mais uma vez. Das profundezas oceânicas tumultuadas, a lenda francesa BLUT AUS NORD irrompe em toda a sua glória singular e dissonante: tem tentáculos, malformado, amaldiçoado, temível. Comparável a nada, exceto a BLUT AUS NORD. (Debemur Morti Productions)



Pestilent Hex - «The Ashen Abhorrence» (Finlândia, Melodic/Symphonic Black Metal)

Bebendo profundamente do poço da segunda onda do Black Metal dos anos 90, a primeira expressão magistral dos recém-chegados finlandeses PESTILENT HEX é uma mistura perfeitamente reverente de nostalgia sinfônica, poder moderno e severidade arrebatadora. (Debemur Morti Productions)

White Ward - «False Light» (Ucrânia, Post-Black Metal)

A sempre inventiva banda ucraniana de Black Metal, WHITE WARD, lança o seu terceiro álbum "False Light". A partir de uma base de Black/Death Metal criativa e furiosamente melódica, a banda muda de forma através de um conjunto dark jazz post-rock. (Debemur Morti Productions)

Entrails - «An Eternal Time Of Decay» (Suécia, Death Metal)

Embora ENTRAILS tenha sido formado no início dos anos 90, pertencendo à "Primeira Onda do Old School Death Metal Sueco", eles ressuscitaram em 2008 apenas para se tornarem num membro emblemático do "Nova Onda do Old School Death Metal Sueco". (Hammerheart Records)

Ironflame - «Where Madness Dwells» (EUA-Ohio, Heavy/Power Metal)

O multi-instrumentista Andrew D'Cagna já tocou em mais de meia dúzia de bandas diferentes ao longo dos anos, agora com »Where Madness Dwells«, o quarto álbum dos IRONFLAME, Andrew D'Cagna mais uma vez manipulou todos os instrumentos sozinho. (High Roller Records)

Lord Vigo - «We Shall Overcome» (Alemanha, Epic Doom Metal)

Se pensa em doom metal épico, pensa em bandas americanas ou suecos. Após o sucesso Atlantean Kodex, a Alemanha também está no mapa. Melancólico, progressivo e futurista, esses são alguns adjetivos que descrevem a atmosfera geral de »We Shall Overcome«. (High Roller Records)



Protector - «Excessive Outburst Of Depravity» (Alemanha, Thrash/Death Metal)

Nem os vírus em geral nem, em menor escala, as tendências musicais inconstantes podem parar o PROTECTOR. No geral, "Excessive Outburst of Depravity" entusiasmará os maníacos do thrash em todo o mundo graças ao PROTECTOR puro terra-a-terra. (High Roller Records)

Furnace - «Stellarum» (Suécia, Death Metal)

Death'n Roll ao máximo... FURNACE é uma criação do pau para toda obra Rogga Johansson e Peter Svensson, com base no seu amor compartilhado por álbuns conceituais de terror e fantasia. Death metal melódico com um toque de peso. (MDD Records)

Goldsmith - «Of Sound And Fury» (Alemanha, Thrash Metal)

Classic Rock encontra Thrash Metal! “Of Sound And Fury” fecha um pequeno círculo na história do metal alemão: 20 anos após o último álbum dos lendários thrashers de Blackend. (MDD Records)

Hats Barn - «Y.a.HW.e.H» (França, Black Metal)

Os HATS BARN tocam True Black Metal!!! Criado pos Psycho no norte da França em 2005, tornou-se uma entidade inteira dedicada a enaltecer a grandeza do Diabo! O novo álbum é sobre a origem de uma natureza superior que chamamos de divina. (Osmose Productions)

Sacrifizer - «Le Diamant De Lucifer» (França, Speed Metal)

Depois de afiar suas lâminas por cinco anos e se dedicar ao culto de Nosferatu, os hard rockers franceses SACRIFIZER estão agora prontos para sair de seu caixão com o seu álbum de estreia. «Le Diamant de Lucifer» é um intenso e ardente evangelho da morte. (Osmose Productions)

Veter Daemonaz - «Muse Of The Damned» (Rússia, Black Metal)

VETER DAEMONAZ, da sombria São Petersburgo, apresenta o seu álbum de estreia. «Muse of the Damned» é a essência das ideias da banda num álbum expresso na linguagem black metal. É imbuído de misticismo e cheio de profundo simbolismo lírico e melódico. (Osmose Productions)

Pencey Sloe - «Neglect» (França, Shoegaze)

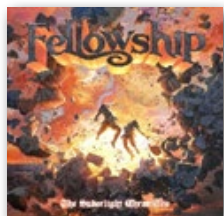
Quem sou eu? Esta é a questão essencial que PENCEY SLOE explora em seu segundo álbum “Neglect”. Os roqueiros parisienses do dreamgaze dedicaram todo o seu novo álbum ao tema da identidade. O que está transformando os humanos em quem eles pensam. (Prophecy Productions)

Werewolves - «From The Cave To The Grave» (Austrália, Technical Black/Death Metal)

WEREWOLVES está de volta com o seu terceiro álbum «From The Cave to The Grave», mantendo o ritmo intenso dos dois primeiros álbuns, com uma mistura de black e death metal numa agressividade sem precedentes que se funde em um estilo próprio. (Prosthetic Records)

Yatra - «Born Into Chaos» (EUA-Maryland, Psychedelic Doom Metal)

Os death metalers de Maryland, YATRA apresentam «Born into Chaos», o quarto álbum da banda que vê o power trio evoluir das suas origens doom-sludge e desdobrar-se num Death brutal com pontas de Black. A progressão é um movimento retrógrado proposital. (Prosthetic Records)



Fellowship - «The Saberlight Chronicles» (Inglaterra, Symphonic Power Metal)

Fellowship do Reino Unido estourou na cena do power metal com o seu álbum de estreia, estabelecendo melodias cativantes, onde o trabalho de guitarra e letras afirmam a vida. ‘The Saberlight Chronicles’ é um registro conceitual de narrativa de alta fantasia. (Scarlet Records)

Khold - «Svartsyn» (Noruega, Black Metal)

Após 8 longos anos Khold finalmente regressa com um novo álbum, “Svartsyn”! Com 10 novas faixas pesadas, Khold permanece fiel ao seu princípio: Afinado, áspero, de ritmo médio, doloroso... uma forte espinha dorsal musical de uma musicalidade inteligente. (Soulseller Records)

Serpents Oath - «Ascension» (Bélgica, Black Metal)

A horda belga de black metal SERPENTS OATH regressa com “Ascension”! SERPENTS OATH afirma: “Gravar este álbum como uma banda trouxe uma nova dimensão. Não espere arrependimentos, apenas riffs esmagadores, bateria forte e gritos aterrorizantes”. (Soulseller Records)

Deep Space Mask - «In Tenebris» (França, Stoner Metal)

DEEP SPACE MASK combina uma mistura de heavy doom e stoner e heavy metal em ritmo acelerado, com uma forte dose de hard e rock clássico. «In Tenebris» oferece um som muito mais variado e dinâmico, equilibrando metal, doom clássico e hard rock! (All Noir)

Olhava - «Reborn» (Rússia, Atmospheric/Post-Black Metal)

Pouco mais de um ano após o aclamado e massivo «Frozen Bloom», OLHAVA está de volta com um novo álbum

de estúdio. «Reborn» explora ainda mais o outro lado da relação entre o homem e a natureza. (Avantgarde Music)

Ashenspire - «Hostile Architecture» (Escócia, Avant-garde/Progressive Black Metal)

Avantgarde Black Metal da Escócia, o álbum vê Ashenspire inclinando-se ainda mais para o Avant -garde com tendências do jazz e dissonância do black metal, numa realização mais completa de seu próprio sprechstimme. (Code666)

Consumption - «Necrotic Lust» (Suécia, Death Metal)

Um Symposium of Sickness que não deixa artéria intacta, vocais convidados de Jeff Walker (Carcass)! Grinding Death metal ainda não está morto e o seu futuro está aqui com os Suécos Consumption que produz Grind/Death com influência esmagadora dos Carcass. (Hammerheart Records)

Datadyr - «Woolgathering» (Noruega, Jazz Rock)

Datadyr é um trio de jazz de Bergen, Noruega. A música varia do sincero e suave ao energético e explosivo, e raramente está longe desses extremos. Muitas das canções do álbum de estreia têm origem no início dos estudos que desenvolveram em paralelo. (Karisma Records)



Fabio Frizzi - «The Eyes Of The Cat» (Itália, Movie Soundtrack)

A banda sonora original de The Eyes Of The Cat de Alejandro Jodorowsky e Jean “Moebius” Giraud pelo lendário Fabio Frizzi apresenta-nos uma execução de uma ampla gama de teclados, Minimoog de 1971, Mellotron M400 de 1970, e mais de sua coleção. (Earsplit)

By The Spirits - «We Are Falling» (Polónia, Folk Metal)

BY THE SPIRITS foi fundada em 2016 pelo artista polonês Michał Krawczuk, que chama o seu estilo de Forest Folk. O cerne do projeto é criar música de inspiração folk que conte histórias sobre pessoas, natureza, espiritualidade, amor e morte. (Eisenwald)

Ahasver - «Causa Sui» (França, Progressive Death Metal)

De acordo com um livro apócrifo, o personagem mítico de AHASVER recusou-se a ajudar Jesus no seu caminho para Gólgota. As oito canções de “Causa Sui” são o contributo da banda AHASVER para a continuação desta narrativa. (Lifeforce Records)



Devouror - «Diabolos Brigade» (Singapura, Black/Death Metal)

DEVOUROR define sua ira sónica com ‘Bestial Deathcult Warfare’ com influência do final dos anos 80/início dos anos 90. DEVOUROR não é o projeto tipo, mas um brutal 5 Beast Blackened Metal of Death Squadron que levanta a velha e gloriosa bandeira Peste Negra! (Listenable Records)

Hetroertzen - «Phosphorus Vol 1» (Chile, Black Metal)

Após cinco anos de silêncio, Hetroertzen finalmente entrega o primeiro Volume de ‘Phosphorus’, que é a coroa de nosso último Opus ou a nova Sephira no nosso desenvolvimento artístico/espiritual. Um título forte, tirado do ritual vampírico-eucarístico. (Listenable Records)

Spectrum Mortis - «Bit Meseri - The Incantation» (Espanha, Death/Doom Metal)

Congregação obscura SPECTRUM MORTIS foi formada no sombrio MMXV e sob o signo de Baal. Os portões do inferno foram abertos para emergir suas entranhas malévolas para o feitiço negro da morte e destruição. (Listenable Records)

Valborg - «Der Alte» (Alemanha, Progressive Doom/Death Metal)

O trio da cidade de Bonn está há muito atrasado para o “grande avanço” apesar de uma discografia de excelente qualidade que inclui já oito álbuns. É fácil apontar a vontade de VALBORG de experimentar, mudar fronteiras, permanecendo fiéis ao seu núcleo musical. (Prophecy Productions)

Funeral Chic - «Roman Candle» (EUA-North Carolina, hardcore and crust punk)

Sem querer fazer o mesmo álbum duas vezes, evitaram o power violence liderado pelo punk do trabalho anterior e abraçaram a grande tradição do rock & roll americano. A arrogância dos antepassados proto-punk impregna os cantos mais sombrios e corajosos. (Prosthetic Records)

Molder - «Engrossed In Decay» (EUA-Illinois, Death/Thrash Metal)

MOLDER rasteja para fora do cemitério com vingança renovada no seu segundo álbum, «Engrossed in Decay». O quarteto de Illinois, combina as vibrações do death metal da velha escola com uma fome insaciável com o objetivo de manter vivo as chamas mortais. (Prosthetic Records)

The Machinist - «All Is Not Well» (EUA-New York, Deathcore)

Ressurgindo de uma inquietação global e profundamente pessoal, THE MACHINIST voltou e deve deixar a sua própria marca indelével com a mistura idiossincrática de metal extremo e hardcore no seu novo álbum, «All Is Not Well». (Prosthetic Records)



Crippled Black Phoenix - «Banefyre» (Inglaterra, Dark Rock)

Desde sua criação em 2004 pelo multi-instrumentista e compositor Justin Greaves, CRIPPLED BLACK PHOENIX tem servido como a voz para os sem voz, sejam animais, desiguais e diferentes. A sua batalha continua com seu último álbum de estúdio, «Banefyre». (Season of Mist)

Gaerea - «Mirage» (Portugal, Black Metal)

Atrás de mantos negros de escuridão e desolação, os homens de GAEREA entregam as suas odes em turbilhões de cascatas de agressão e beleza. A horda portuguesa permanece na linha de frente da próxima geração do metal extremo. (Season of Mist)

Heilung - «Drif» (Dinamarca, Pagan Folk)

Desde a sua criação em 2015, o enigmático coletivo ritual HEILUNG tem aberto caminhos melódicos para o passado com o seu som único e misterioso. Fugindo de todos os rótulos convencionais de gênero, o grupo autodescreve seu som como “história amplificada”. (Season of Mist)

Hierophant - «Death Siege» (Itália, Black/Death Metal)

Desde o álbum anterior, «Mass Grave» - descrito como uma mistura “viciosa” de black sludge e death metal, muitas coisas aconteceram. O guitarrista e vocalista da banda de Ravenna, HIEROPHANT, não é do tipo que usa declarações fúteis e palavras vazias. (Season of Mist)

Anticreation - «From The Dust Of Embers» (Grécia, Death/Black Metal)

A legião grega de black/death metal Anticreation emerge dos abismos do inferno com seu colossal álbum de estreia “From the Dust of Embers”, uma declaração auditiva de trinta e quatro minutos de guerra contra a insignificância de todas as coisas do terreno. (Sentient Ruin)

Clavicvla - «Degeneracy Of The 5Th Density» (Itália, Black Ambient / Drone)

Com as intenções nefastas, o único mentor Itiel que orquestrou a ascensão de sua terceira praga auditiva em torno de um miasma rastejante de monstruosa ambiência sepulcral, revelando um pesadelo sonoro de 45 minutos de repulsividade onipotente. (Sentient Ruin)

Exaltation - «Under Blind Reasoning» (Nova Zelândia, Black/Death Metal)

Feral, envolvente, monumental e espalhado em sua ira implacável, “Under Blind Reasoning” mostra os obscuros porta estandarte do Death da Nova Zelândia chicoteando a soma das suas influências num reino coercitivo de tormento e destruição em massa. (Sentient Ruin)

Armnatt - «Immortal Nature» (Portugal, Black Metal)

Confiável e intratável, chega o quarto álbum dos ARMNATT, «Immortal Nature». Com mais um título simples, mas elegante, servindo como um grito de guerra, este explode e borbulha com aquele primitivismo sempre estudioso que apenas eles sabem oferecer. (Signal Rex)

Grigorien - «Magtens Evangelium» (Dinamarca, Black Metal)

Finalmente, GRIGORIEN está pronto para lançar o seu álbum de estreia, «Magtens Evangelium». GRIGORIEN abrange passado, presente e futuro com a sua ultraviolência vintage de black metal. (Signal Rex)

Wampyric Rites - «The Wolves Howl To The Moon» (Equador, Raw Black Metal)

WAMPYRIC RITES vem do sempre crescente black metal equatoriano underground e teve uma participação importante na formação de sua proeminência e notoriedade em incontáveis lançamentos de curta duração. Clássico black metal vampírico enraizado. (Signal Rex)

Aeir - «Vol. I: A Frith Befouled» (Inglaterra, Progressive Sludge/Post-Metal)

AEIR é um coletivo de sludge metal progressivo; O primeiro álbum “Vol I: A Frith Befouled” consiste em cinco canções, cujas partes musicais continuam de onde «Light Bearer» parou, alcançando novas fronteiras quando se trata de atmosfera e abordagem tonal. (All Noir)

Dreadnought - «The Endless» (EUA, progressive doom)

“The Endless” é o quinto álbum da banda de metal progressivo DREADNUGHT de Denver. Esforçaram por um projeto focado na criatividade e na exploração, puxando de todos os aspectos das suas origens musicais para criar algo emocionante e único. (All Noir)

Spellbook - «Deadly Charms» (EUA-Pennsylvania, Heavy Metal/Hard Rock)

SPELLBOOK leva o casamento místico do rock dos anos 70 com o metal puro a novos patamares! Armados com um ataque de guitarra dupla e nove composições instantaneamente memoráveis, regressam com o seu brilhante álbum «Deadly Charms»! (Cruz del Sur Music)

Hexis - «Aeternum» (Dinamarca, Black Metal)

Os guerreiros hardcore enegrecidos de Copenhague, HEXIS, chegam com o terceiro álbum “Aeternum”, o álbum mais dinâmico, coeso, cerebral e pesado da banda até agora com um som estrondoso numa fera distinta que mescla Hardcore violento e Black Metal. (Debemur Morti Productions)

High Castle Teleorkestra - «The Egg That Never Hatched» (EUA-Colorado, Avant-garde experimental progressive music)

HIGH CASTLE TELEORKESTRA faz música experimental, mas interessante; intenso, mas divertido, e definitivamente evitando as armadilhas da música progressiva. A paisagem sonora atravessou esta odisséia musical de quarenta e oito minutos. (Earsplit)

Aurora Borealis - «Prophecy Is The Mold In Which History Is Poured» (EUA-Maryland, Black/Death Metal)

Blackened Death Metal com ganchos e requinte técnico que invoca os Deuses Antigos! Aurora Borealis toca Black/Death Metal mas com uma vertente mais dinâmico. A banda usou as suas quase três décadas de experiência para garantir um álbum potente. (Hammerheart Records)



Bjørn Riis - «A Fleeting Glimpse» (Noruega, Crossover Prog / Progressive Rock)

Com “A Fleeting Glimpse”, o co-fundador, compositor e guitarrista do Airbag Bjørn Riis deixou sua inspiração do Pink Floyd realmente vir à tona. Aqui ele oferece quatro novas canções com pouco menos de 30 minutos, onde se pode realmente escolher as referências. (Karisma Records)

Blind Illusion - «Wrath Of The Gods» (EUA-California, Progressive Thrash Metal)

A lenda do Thrash Metal da Bay Area, Blind Illusion, regressa após 34 anos com uma continuação de “The Sane Asylum”! O thrash como um gênero primitivo. Blind Illusion tem em “Wrath of the Gods”, um nível musical que raramente foi abordado no passado. (Hammerheart Records)

Maraton - «Unseen Color» (Noruega, Progressive Rock)

Maraton abraça o desconhecido com seu novo álbum, “Unseen Color”! Belas linhas vocais e reviravoltas e ganchos inesperados numa mistura maravilhosa de rock alternativo, pop e progressivo que mostra a imensa capacidade da banda de misturar gêneros. (Indie Recordings)

Nordjevel - «Gnavhøl» (Noruega, Black Metal)

Conceitualmente, Nordjevel evolui ainda mais, aventurando-se em territórios ainda mais sinistros. «Gnavhøl» é movido pela guerra, destruição e crenças esotéricas infernais, criando um álbum ainda mais sombrio e brutal do que nunca. (Indie Recordings)

Storm - «Invincible» (Noruega, Metalcore)

A banda norueguesa de metalcore STORM prova que o talento não tem idade e oferece um grande EP de estreia repleto de riffs brutais, vocais estrondosos, reviravoltas e ganchos que capturam os ouvintes desde o primeiro segundo! (Indie Recordings)

Tusmørke - «Intetnett» (Noruega, psychedelic / progressive folk rock)

A banda progressiva mais distante e única da Noruega, TUSMØRKE, está de volta desta vez com outro álbum infantil sobre inteligência artificial, avanços na tecnologia, a singularidade e os antigos deuses da Mesopotâmia, porque Tusmørke nunca deixa de nos ensinar. (Karisma Records)

Caïnan Dawn - «Lagu» (França, Black Metal)

Contemple – as ondas infinitas da sua alma deixar-se-ão apanhar, uma viagem onde o céu não passará de uma memória. Mergulhe nesta vastidão aquosa e então ele se revelará, o ser profundamente consciente. As profundezas abissais esperam toda a eternidade... (Osmose Productions)

Pestlegion - «Sathanas Grand Victoria» (Alemanha, Black Metal)

Com «Sathanas Grand Victoria», PESTLEGION regressa com um sombrio ataque negro a tudo que é sagrado. Os quatro maníacos alemães compuseram oito canções que conduzem a uma existência sombria e perdida, cercada de medo e trovões infernais. (Osmose Productions)

Behind Your Fear - «Anthropocene» (Alemanha, Gothic Metal)

A vida sem música? Inimaginável! A ideia por trás da fundação do BEHIND YOUR FEAR foi fornecer uma nova possibilidade para a voz inconfundível da ex-vocalista do FLOWING TEARS, Stefanie, criar o cenário perfeito para um estilo musical único. (Other)

Kerberos - «Of Mayhem And Dismay» (Suiça, Symphonic Death Metal)

KERBEROS é uma banda de death metal sinfónico. Embora as influências do death metal melódico ainda estivessem presentes na demo, a música do álbum de estreia apresenta variantes mais extremas do death metal e mostra o lado mais progressivo. (Other)

Stormbound - «December» (Israel, Symphonic Metal)

Vindos de Israel, Stormbound adiciona ao subgênero do metal sinfónico com a apresentação do álbum como uma “profecia melódica da ira” - uma jornada que levará o ouvinte a um novo território enquanto permanece firmemente plantado nas raízes sinfónicas. (Other)

Thirteen Goats - «Servants Of The Outer Dark» (Canadá, Death/Thrash Metal)

Os Thirteen Goats de Vancouver lançaram recentemente o seu álbum de estreia, “Servants of the Outer Dark”, que descrevem como uma carta de amor ao death metal da velha escola da Flórida, ao thrash clássico dos anos 80 e a uma mistura de outros géneros. (Other)

Caustic Casanova - «Glass Enclosed Nerve Center» (EUA-Washington, prog punk / psych sludge)

No seu quinto álbum, o alucinante “Glass Enclosed Nerve Center”, os riffonautas CAUSTIC CASANOVA puxam uma ampla gama de sons para o seu núcleo hipercinético e compacto, explodindo num caleidoscópio de exuberância do rock pesado progressivo. (Prophecy Productions)

Cavernous Gate - «Voices From A Fathomless Realm» (Alemanha, Black/Doom Metal)

“Voices from a Fathomless Realm” é o primeiro álbum dos CAVERNOUS GATE. A banda alemã de death/doom é um projeto a solo do multi-instrumentista Sebastian “SK” Korkemeier. CAVERNOUS GATE e “Voices from a Fathomless Realm” são obras musicais de amor. (Prophecy Productions)

Gospelheim - «Ritual Repetition» (Inglaterra, Blackened Occult Rock)

É uma fera maravilhosa que GOSPELHEIM conceberam com “Ritual & Repetition”: Um trabalho brilhante feito de melodias cativantes de dark rock. Os seus ossos são esculpidos em metal gótico sólido. Sua língua bifurcada canta com uma bela voz feminina e masculina. (Prophecy Productions)

Ruby The Hatchet - «Fear Is A Cruel Master» (EUA-Pennsylvania, Psychedelic-Rock)

Embora essas canções tenham sido forjadas no cadinho da pestilência mundial, têm uma qualidade atemporal que transcende a sua criação. Tudo o que faz de RUBY THE HATCHET um ato tão notável e amado, o espírito do heroísmo do órgão do rock ‘n roll! (Prophecy Productions)



Psycroptic - «Divine Council» (Austrália, death metal)

«Divine Council» vê a banda australiana pronta para ultrapassar os seus limites criativos, como parte de seu ethos para manter as coisas novas. Os irmãos Haley conduziram PSYCROPTIC através de diferentes tons de death metal, do técnico ao experimental. (Prosthetic Records)

Parasite Inc - «Cyan Night Dreams» (Alemanha, Melodic Death Metal)

PARASITE INC. apresentam-se com um manto sonoro que é tão mais duro quanto mais suave, mais rápido e mais lento! Porém, tais contrastes musicais não são novidade para PARASITE INC.: Afinal, os sábios têm surpreendido o mundo repetidas vezes. (Reaper Entertainment)

Band Of Spice - «How We Play The Game» (Suécia, Hard N' Heavy Rock)

Trazendo de volta os anos 70 para o hard rock! 'How We Play the Game' é uma espécie de continuação do álbum anterior. O novo álbum é preenchido com riffs afiados e bateria estrondosa; vocais que são ásperos e melódicos. Sim, é sujo, corajoso e sofisticado. (Scarlet Records)

Evermore - «Court Of The Tyrant King» (Suécia, Power Metal)

Estes são os mais novos paladinos do power metal sueco! O álbum de estreia dos Evermore surgiu do nada e imediatamente deixou uma marca impressionante na cena do heavy metal mundial, graças a uma composição inspirada e uma performance poderosa. (Scarlet Records)

Black Anvil - «Regenesis» (EUA-New York, Black/Thrash Metal)

A cidade de Nova York sempre serviu como um epicentro cultural para a inovação musical. Ainda mais do que incubar gêneros, como o hardcore e até glam metal, o estado do império tem uma história única e histórica de pegar gêneros cujas raízes estão noutro lugar. (Season of Mist)

Obsidious - «Iconic» (Internacional, Technical/Progressive Death Metal)

Obsidious é uma criatura totalmente diferente. O álbum respira intensidade, mas expande com melifluente destreza. «Iconic» baseia-se numa fundação de prestígio, mas com uma visão que não se restringe aos seus princípios. (Season of Mist)

Strigoi - «Viscera» (Inglaterra, Death Metal/Crust)

Inquietante: é uma palavra que pode ser usada para descrever uma boa parte da música que veio da mente de Greg Mackintosh ao longo dos anos, mas no contexto de Strigoi, parece particularmente adequada. «Viscera», define o som e a visão do Strigoi. (Season of Mist)

Edenbridge - «Shangri La» (Austria, Symphonic Power Metal)

A formação austríaca de metal sinfónico EDENBRIDGE é considerada uma das bandas que mais definem o estilo de seu gênero, que iluminou esse domínio de todos os ângulos imagináveis desde o seu álbum de estreia. uma atmosfera sonora bombástica. (AFM Records)

Endonomos - «Self Titled» (Austria, Doom/Death Metal)

ENDONOMOS é uma criação do multi-instrumentista austríaco, produtor e músico Lukas Haidinger, que é mais conhecido por tocar metal. Como um doomer de longa data, trouxe o seu sinistro som de mistura feroz de doom/death sinistro e ameaçador para a fita. (All Noir)

Sonja - «Loud Arriver» (EUA-Pennsylvania, Heavy Metal/Gothic Rock)

Melissa Moore foi demitida da banda de black metal Absu quando se assumiu transgênero. "Loud Arriver" está repleta de canções grandes e hinos que se encaixam na entrega vocal apaixonada de Moore e no trabalho de guitarra pontuado. (Cruz del Sur Music)

Blodhemn - «Sverger Hemn» (Noruega, Black Metal)

Desde a sua criação em 2004, Blodhemn tem trabalhado incansavelmente para promover o som do Black Metal com um conceito distinto e uma abordagem agressiva. "Sverger Hemn" é resultado de um longo tempo de produção e anos de composições. (Dark Essence Records)

Coldworld - «Isolation» (Alemanha, Ambient/Depressive Black Metal)

"Isolation" apresenta algumas das composições mais expressivas dos COLDWORLD, conseguindo transcender os sons convencionais no que é melhor descrito como o subgênero black metal ambiente depressivo, atraindo

uma paisagem sonora incrivelmente imersiva. (Eisenwald)

Ecclesios - «Halls Of Salvation» (Alemanha, Blackened Death Metal)

Sagrado é um templo feito de ossos, carne, pele e sangue, uma igreja orando por suas almas já redimidas. É o templo de ECCLESIOS. No seu álbum de estreia, desenterraram os cadáveres podres do death metal do início dos anos 90 na sua própria maneira obscura. (Eisenwald)

Givre - «Destin Messianique» (Canadá, Black Metal)

O Atmospheric Black Metal GIVRE do Québec lança o seu terceiro álbum “Destin Messianique”. Sons épicos e sombrios do Black-Metal, cujas densas atmosferas hipnóticas trarão os ouvintes sob o seu feitiço. (Eisenwald)

Précieux Sang - «Les Nuits De Gethsémani» (Canadá, Black Metal)

De Kénogami, Québec, PRÉCIEUX SANG oferece uma nova interpretação e perspectiva sobre as qualidades sonoras que caracterizaram o black metal do Québec na última década. As performances e dedicação de PRÉCIEUX SANG estão em plena ebulição. (Eisenwald)

Arallu - «Death Covenant» (Israel, Black/Death Metal)

Unholy Black Metal encharcado de tons e mística do Oriente Médio! Vindo do assentamento urbano israelita de Ma’ale Adummim, Arallu é um quinteto de Black/Death Metal. A música gira em torno das melodias tradicionais do antigo Médio Oriente. (Hammerheart Records)

Thy Listless Heart - «Pilgrims On The Path Of No Return» (Inglaterra, Doom Metal)

Uma trilha sonora épica de tristeza e saudade enquanto viajamos para o desconhecido. Tristeza, dor, saudade e esperança, tudo embrulhado num projeto a solo de Doom Metal de Simon Bibby. É Metal atmosférico, cheio de elementos Doom e melodias tristes. (Hammerheart Records)

Battlesword - «Towards The Unknown» (Alemanha, Melodic Death Metal)

Melodic Old School Death Metal contra-ataca! Com “Towards The Unknown”, a instituição alemã de death metal melódico Battlesword retorna com material novo no vigésimo terceiro ano de existência e prova que está longe de ser velha e acabada. (MDD Records)

Fall Of Carthage - «Drawn Into Madness» (Alemanha, Groove Metal)

Nos últimos anos, as coisas ficaram um pouco mais calmas em FALL OF CARTHAGE, mas os groove metallers lançam o seu quarto álbum “Drawn Into Madness” de 34 minutos de batidas diretas e implacáveis. Blastbeats, riffs cativantes e ritmos de partir o pescoço. (MDD Records)

Vermocracy - «Age Of Dysphoria» (Austria, Melodic Death Metal)

Vermocracy de Viena, já causou grande alvoroço no underground com o seu álbum de estreia homónimo. A banda apresenta um dark death metal melódico, com uma imagem distópica da sociedade moderna com riffs poderosos, grooves terrosos e vocais bestiais. (MDD Records)

Kings Of Mercia - «Kings Of Mercia» (EUA-Califórnia, Hard N´Heavy)

A combinação de grandes riffs, ritmos intensos, linhas de baixo grossas e ágeis e melodias vocais ricas são a imagem dos Kings Of Mercia. Jim Matheos é incapaz de sufocar a sua criatividade. «Kings Of Mercia traz um estilo distinto, mas algo diferente. (Metal Blade Records)

Disillusion - «Ayam» (Alemanha, Melodic/Progressive Death Metal)

Quem somos nós? Onde vamos? Este é o tipo de questão existencial que surgiu para muitos de nós durante estes últimos anos e que também tem assombrado o DISILLUSION. “Ayam” soa mais rico, ainda mais multicamadas e totalmente amadurecido. (Prophecy Productions)

Haavard - «Haavard» (Noruega, Dark Nordic Folk)

Sob a bandeira de HAAVARD, o norueguês continua a sua abordagem artística que revela as melodias épicas e sublimes. O guitarrista remove todo o fuzz eletrónico áspero e a fúria musical que geralmente impulsiona esse estilo integrante do black metal nórdico. (Prophecy Productions)

Phobophilic - «Enveloping Absurdity» (EUA-North Dakota, Death Metal)

PHOBOPHILIC está programado para lançar o seu primeiro álbum, intitulado «Enveloping Absurdity», do grupo de death metal baseado em Fargo, Dakota do Norte, mostrando o existencialismo e a consciência humana num

cenário de death metal ameaçador. (Prosthetic Records)

Slugcrust - «Ecocide» (EUA-South Carolina, Grindcore/Death Metal/Crust Punk)

SLUGCRUST lança o seu álbum de estreia, «Ecocide». A formação de todas as faixas do SLUGCRUST começa com o esqueleto da bateria; a carne e o músculo de cada missiva vem da guitarra e do baixo, com as letras e os vocais sendo a pele que une tudo. (Prosthetic Records)

Tankard - «Pavlov'S Dawgs» (Alemanha, Thrash Metal)

Fósseis vivos são, por definição comum, organismos que permaneceram essencialmente inalterados desde o início dos tempos. Tankard, por 40 anos, regressa com o seu poderoso novo evangelho: «Ophiura tankardi» (Reaper Entertainment)

Black Lava - «Soul Furnace» (Austrália, Blackened Death Metal)

Através da solidão e da desolação, algumas das maiores artes são criadas, como é o caso do BLACK LAVA, o emergente quarteto de blackened death metal de Melbourne, Austrália. (Season of Mist)

Hail Conjurer - «Earth Penetration» (Finlândia, Black Metal)

HAIL CONJURER é o acto do prolífico veterano do underground Harri Kuokkanen, onde cria um black metal feio e idiossincrático nascido de antigos incêndios e desejos sombrios. HAIL CONJURER é um headspace escuro e húmido como nenhum outro. (Signal Rex)

Acod - «Fourth Reign Over Opacities And Beyond» (França, Melodic Black/Death Metal)

Os metaleiros franceses ACOD estão prontos para revelar o seu novo álbum «Fourth Reign Over Opacities And Beyond», a sequência perfeita para a obra anterior. Um death metal negro brilhante com partes épicas que revela a beleza e a grandeza das profundezas. (All Noir)

Angmodnes - «The Weight Of Eternity» (Países Baixos, Funeral Doom Metal)

“The Weight of Eternity” é o primeiro lançamento dos Angmodnes. Nos seus 36 minutos e 21 segundos de duração, eles pintam um quadro totalmente sombrio e sem esperança de alguém condenado a viver para sempre, depois que tudo e todos já terem falecido. (All Noir)

Nero Kane - «Of Knowledge And Revelation» (Itália, Dark Folk)

O mundo folk psicadélico de Nero Kane é íntimo, mínimo e decadente. Tanto os vocais quanto o estilo de guitarra, são as raízes europeias que se entrelaçam com o som do deserto americano num projeto cheio de visão emocional e sabor cinematográfico. (All Noir)

Power From Hell - «Shadows Devouring Light» (Brasil, Black Metal)

Os Metal-lifers POWER FROM HELL de São Paulo, trazem o seu fantástico e obscuro 7º LP “Shadows Devouring Light”. O som Black/Thrash cru da banda deu lugar a um caminho mais sombrio e completo dentro do Black Metal. (Debemur Morti Productions)

Ateiggär - «Tyrannemord» (Suíça, Black Metal)

Tematicamente, “Tyrannemord” é um relato fascinante do assassinato de Leo Armenius, o quinto de seu nome e governante do Império Bizantino. ATEIGGÄR extrai influência da escrita do poeta e dramaturgo alemão Andreas Gryphius. (Eisenwald)

Kampfar - «Til Klovers Takt» (Noruega, Pagan Black Metal)

«Til Klovers Takt» é um álbum que se ergue sobre os ombros de tudo o que veio antes dos Kampfar. Os arredores de Hemsedal e Hallingdal, formam o pano de fundo para as histórias contadas nos seis capítulos, além de influenciar a rítmica das canções. (Indie Recordings)



Wizrd - «Seasons» (Noruega, Rock)

WIZRD é uma banda de rock norueguesa que mergulha em todos os tipos de géneros. Do rock e indie ao jazz e prog, WIZRD conhece todas as regras, mas quebra-as deliberadamente. “Seasons” é uma masterclass groovy, progressiva e melodias incríveis de jazz. (Karisma Records)

Headshot - «Eyes Of The Guardians» (Alemanha, Thrash Metal)

“Eyes of the Guardians” prova que estão longe de ser velhos e não se esqueceram de nada em termos de brutalidade e dureza. Pelo contrário, essas 10 músicas são uma aula de thrash de quebrar o pescoço, onde conseguiram atingir novas notas sem quebrar o estilo. (MDD Records)

Mastic Scum - «Icon» (Austria, Brutal Death Metal/Grindcore/Crossover)

Os Mastic Scum é, sem dúvida, um dos metais de exportação mais conhecidos da Áustria. Desde o início dos anos 90, a banda vem devastando a cena internacional do metal, com hinos death brutos e de alta qualidade técnica que soam ainda mais esmagadores. (MDD Records)

Catalyst - «A Different Painting For A New World» (Bélgica, Melodic Death Metal.)

A horda francesa de Death Metal técnico CATALYST lança o seu segundo álbum “A Different Painting For A New World”. Esta obra é uma jornada épica através do black metal com o brilho único e próprio da banda. O Catalyst é um quarteto de death metal da França! (Non Serviam Records)

Abyssic - «Brought Forth In Iniquity» (Noruega, funeral death/doom)

Finalmente, a terceira obra do ABYSSIC está aqui, e a longa espera acabou... A música é muito mais violenta, rápida e as letras são mais assombrosas do que os últimos álbuns. A orquestração está além de tudo o que fizeram até agora. Total Symphonic Black Doom (Osmose Productions)

Necromutilator - «Oath Of Abhorrence» (Itália, Black/Death/Thrash Metal)

NECROMUTILATOR exumam os seus machados e martelos, desferindo o terceiro álbum. Riffs rasgados, artilharia explosiva, pulsação do baixo que derrama sangue e vômito do poço infernal para oito hinos de Death, Black e Doom, todos forjados em poder satânico! (Osmose Productions)

Daeva - «Through Sheer Will And Black Magic» (EUA-Pennsylvania, Black/Thrash Metal)

Os DAEVA de Filadélfia sobe como chamas das profundezas infernais com o seu primeiro álbum “Through Sheer Will And Black Magic...”. Um turbilhão de fogo do Black Metal demoníaco inicial e convulsões do Thrash irregular formam a base inerente do álbum. (Other)

Eaten By Sharks - «Eradication» (Canadá, Technical Death Metal/Deathcore)

Eaten By Sharks, do Canadá, lança o seu novo álbum “Eradication”. Em termos de álbum, é uma combinação diversificada de músicas extraídas de suas influências em death, tech e thrash. “Eradication” segue a linha de música e conceito, metal encontra tubarão. (Other)

Krushhammer - «Blood, Violence Blasphemy» (Brasil, Black/Thrash Metal)

Os maníacos brasileiros do KRUSHHAMMER marcam o ponto com o seu primeiro álbum intitulado “Blood, Violence & Blasphemy”. É justo esperar uma força de velocidade metálica trituradora seminal possuída pelo inferno, escuridão e holocausto destruidor. (Other)

**Matt Miller - «Monument Of Velocity» (EUA-Oregon, Progressive Death Metal)**

MATT MILLER embarca em algo profundamente introspectivo e pessoal; uma personagem transcendente, reacionária e vil que incorpora melodias progressivas crescentes e ritmos esmagadores de nuvens negras de desespero e esperança cintilante. (Other)

Languish - «Feeding The Flames Of Annihilation» (EUA-Arizona, Blackened Death Metal/Grindcore)

LANGUISH é uma banda que confiou na velocidade para transmitir a sua mensagem da maneira mais cáustica e devastadora possível, mas, por outro lado, levaram o seu tempo para chegar ao ponto em que estão agora; lançar o seu terceiro álbum de estúdio. (Prosthetic Records)

Sede Vacante - «Conium» (Finlândia, Symphonic Gothic Metal)

Sede Vacante é uma banda de metal gótico sinfônico liderada por mulheres da Finlândia e Grécia. Com uma inspiração renovada e uma formação atualizada, a banda completou um segundo álbum mais pesado e rápido. ‘Conium’ apresenta um som rico e poderoso. (Scarlet Records)

Constellatia - «Magisterial Romance» (África do Sul, Black/Death Metal)

A dupla dos CONSTELLATIA, Gideon e Keenan, criaram um novo álbum atmosférico fora do comum, 'Magisterial Romance'. Arrasta o ouvinte simultaneamente para um estado transcendente de amor, desespero e alegria. (Season of Mist)

Drudkh - «All Belong To The Night» (Ucrânia, Black Metal)

Entre no trabalho de Roman Saenko, o homem por trás do universo que é a banda Drudkh. Tão produtiva quanto secreta, essa entidade emergiu de Kharkiv, na Ucrânia, para misturar as armadilhas do black metal numa tapeçaria eslava de som exclusivo. (Season of Mist)

Bran - «Odcházení» (Chéquia, Black Metal)

Uma das novas hordas mais talentosas surgiu na memória recente, BRAN da Bohemia, um power-trio de poder e majestade do black metal antigo. Para ter certeza, eles exibem o esplendoroso e fascinante riff-feitiço tão endêmico do idioma black metal de seu país. (Signal Rex)

Funeral Harvest - «Redemptio» (Noruega, Black Metal)

Um quarteto pan-internacional com membros da Noruega e da Itália, FUNERAL HARVEST. Com o título revelador de Bunker Ritual Rehearsal, rapidamente construiu um nome para o FUNERAL HARVEST no underground com o seu som de black metal cru e robusto. (Signal Rex)

Hrafngrímr - «Hólmganga» (França, Neo Nordic)

O coletivo artístico NEO NÓRDICO fundado por Mattjö Haussy, Raven Horde propõe uma interpretação moderna e onírica da mitologia nórdica. Evocando e hipnotizando, Hrafngrímr conecta o nosso mundo atual com as eras antigas. (Solstice PR)

Avatarium - «Death Where Is Your Sting» (Suécia, Doom Metal)

Há 10 anos atrás, a lenda dos Candlemass, Leif Edling, tornou o mundo do doom metal um lugar mais sombrio e interessante com uma nova banda, Avatarium. Edling deixou as fileiras do Avatarium devido a problemas de saúde, mas a banda seguiu em frente. (AFM Records)

Borealis - «Illusions» (Canadá, Melodic/Power Metal)

A banda de metal melódico canadiana BOREALIS regressa com o seu quinto álbum "Illusions". É indiscutivelmente o álbum mais completo da banda até hoje. "Ilusões" é uma continuação da história de «The Offering». (AFM Records)

Faustian - «S/T» (EUA-Louisiana, Death Metal)

A banda de death metal do sul da Louisiana, Faustian, lança o seu primeiro EP. Apresentando membros de Barghest, Kavyk e outro, o trio recém-formado apresenta um estilo único de death metal enegrecido que combina urgência violenta e atmosfera claustrofóbica. (All Noir)

Gothminister - «Pandemonium» (Noruega, Gothic Industrial Metal)

o gothminister Bjørn Alexander Brem conquistou os ouvintes com os seus hinos de magia negra como o breu. Tremores sombrios, vocais profundos e emocionante arte de compor dentro da medula do gótico, industrial-metal e eletro são as marcas registradas. (All Noir)

Grin - «Phantom Knocks» (Alemanha, Sludge/Stoner Metal)

A dupla baseada em Berlim regressa com uma coleção de oito rituais xamânicos do deserto que emanam do misterioso espaço entre o sobrenatural e o extraterrestre. A batida tribal maníaca de «Transcendence» vem como uma tempestade psíquica. (All Noir)

Orden Ogan - «Final Days Orden Ogan And Friends» (Alemanha, Power Metal)

A banda começou a lançar uma série de novas versões de singles, apresentando alguns vocalistas convidados de alta classe. «Final Days» combina finesse com grandes riffs, arranjos inteligentes com ótimas melodias e ainda descobre algo novo. (All Noir)

Sarcator - «Alkahest» (Suécia, Blackened Thrash Metal)

Os quatro jovens senhores dos Sarcator começaram com covers do Metallica e depois de trabalhar o seu próprio material, e saiu o seu primeiro álbum s/t. Agora, o segundo álbum está aí, mostrando um som mais maduro. (All Noir)

Depths Above - «Ex Nihilo» (Chéquia, Black Metal)

Depths Above é um dos segredos mais bem guardados do underground. A banda de black metal transmite as mentes de quatro indivíduos, cada um com sua própria formação musical e influências enraizadas na música extrema e obscura. (Avantgarde Music)

Inverted Matter - «Harbinger» (Itália, Death Metal)

Inverted Matter é uma entidade de death metal nascida como uma evolução dos Inverted. «Harbinger» é um álbum conceitual que se concentra no artrópode mais antigo que já existiu na Terra, o trilobita. As oito músicas misturam de old school death metal prog. (Avantgarde Music)

Kamra - «Cerebral Alchemy» (Eslovénia, Atmospheric/Experimental Black Metal)

Kamra agarra e mergulha num mundo de alegorias, ruminações e imagens com a estreia «Cerebral Alchemy». Há uma atmosfera de black metal com um toque de death metal da velha escola, enquanto os vocais deixam em questão os gêneros. (Avantgarde Music)

Remina - «Strata» (Nova Zelândia, Atmospheric Gothic/Doom Metal, Ambient)

A banda visa focar no lado mais doom da sua música, adotando uma abordagem bastante cósmica. A estreia de Remina tem traços de todos os outros projetos atuais e anteriores de ambos os músicos, mas soa como algo diferente e único. (Avantgarde Music)

Xentrix - «Seven Words» (Inglaterra, Thrash Metal)

Vindo do noroeste da Inglaterra, XENTRIX é uma das principais luzes do movimento thrash metal britânico. “Seven Words” é o 7º lançamento de estúdio e é um compêndio esmagador de tudo o que fez desta banda o que ela é hoje. (Listenable Records)

Mandragora Thuringia - «Rex Silvarum» (Alemanha, Folk Metal)

De sagas, batalhas e bebedeiras! Com Mandragora Thuringia e seu segundo LP “Rex Silvarum”, a banda de folk metal alemã mais promissora está prestes a conquistar os corações dos fãs de sons medievais em trajes hard metal oferecendo um coração folk metal. (MDD Records)

Nocturnis - «Unsegen» (Alemanha, Black Metal)

Emocionante destaque do Black Metal! Os Black Metaller da Floresta Negra, fundados em 2019, sabe como unir escuridão e melancolia, bem como atmosfera e brutalidade e, assim, conquistar o coração sombrio de todo Black Metaller. (MDD Records)



Syn Ze Sase Tri - «Ultimul' Lup» (Roménia, Symphonic Black Metal)

Quinto Opus épico dos guerreiros do metal da Transilvânia Syn Ze Sase Tri, «Ultimul Lup» é um álbum inovador, fortemente inspirado no mito sangrento das Lendas da Dácia Antiga... Grandioso Pagan Black Metal com influências folclóricas e tradicionais. (Code666)

Terra - «Für Dich Existiert Das Alles Nicht» (Inglaterra, Black Metal)

TERRA é uma das presenças mais intangíveis e enigmáticas que surgiram na cena musical underground do Reino Unido nos últimos tempos. O trio de black metal atmosférico trabalhou fortemente para esculpir um nicho atípico com uma musicalidade intransigente. (Code666)

Bark - «Rambler Of Aeons» (Bélgica, Groove Metal/Death 'n' Roll)

Existem três maneiras de fazer as coisas: há a maneira boa, há a maneira má e há a maneira BARK, que é a maneira má mas mais rápida. Assim surge uma banda que capta o sinal dos tempos: BARK é uma banda de Antuérpia, que conjura grandes riffs de metal. (Listenable Records)

Mist Of Misery - «Severance» (Suécia, Symphonic Black Metal)

“Severance” é o primeiro álbum conceitual dos MIST OF MISERY, e conta a história trágica da Inglaterra rural do século XIX. MIST OF MISERY foi formado por Mortuz Denatus com a visão de criar música baseada em melancolia, escuridão, depressão e atmosfera. (Non Serviam Records)

God Alone - «Etc» (Irlanda, Math/noise rock)

Os cinco músicos por trás de GOD AONE são literalmente estudantes de seu ofício. As origens da banda estão num som pós-metal mais pesado, mas um influxo de novas influências fizeram com que eles ampliassem a sua paleta e expandissem os seus horizontes. (Prosthetic Records)

Thotcrime - «D1G1T4L Dr1Ft» (Inglaterra, cybergrind)

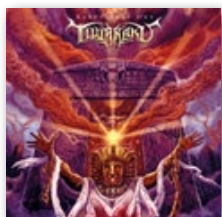
A prolífica banda inglesa THOTCRIME tem até o momento visto a gerar um burburinho nas comunidades musicais. D1G1T4L DR1FT, é a continuação de «ønyøurcømputer» e vê os THOTCRIME a abandonar outra vez a convenção de gênero em favor da individualidade. (Prosthetic Records)

Vessel Of Iniquity - «XL» (Inglaterra, Black/Death Metal, Noise)

Pesadelo do black metal/noise/grind industrial Vessel of Iniquity está de volta com seu terceiro álbum, uma abominação desonesta definida para abrir mais uma ferida latente no tecido da consciência por meio de desconstruções inconcebíveis da realidade. (Sentient Ruin)

Erzfeynd - «Muspilli / Behaft.bekert» (Alemanha, Black Metal)

Uma trilogia de miniálbuns anunciando o fim do mundo com contos de loucura, mito e opulenta adoração ao diabo. MUSPILLI é um hino epirótico para BEHAFT.BEKERT, que serve como uma convocação do Diabo e um exorcismo extático do Espírito Santo. (Ván Records)



Tiwanaku - «Earth Base One» (EUA-Florida, Progressive Death Metal)

Os muitos espíritos de Tiwanaku convocaram o vocalista/guitarrista Ed Mowery numa visão para criar uma banda musical e chamá-la Tiwanaku. A banda surgiu das profundezas lamacentas do subsolo de Tiwanaku para criar uma forma particular de death metal. (Avantgarde Music)

King Dude - «Death» (EUA-Washington, dark neo-folk)

Sempre planejei acabar com King Dude com a «Death». Quatro álbuns são «Love», «Fear», «Sex» e agora, finalmente, «Death». Dez anos atrás. E não há nada que eu possa fazer para mudar isso sem mentir para mim mesmo sobre o que é a vida de King Dude. (Ván Records)

Trinitas - «Total Heresy» (Internacional, Black Metal)

Trinitas é a aliança profana de Três entes do antigo espírito do Black Metal. O triângulo de chamas está vindo da Alemanha e da Suécia. Desde o início ficou claro que Trinitas deveria ser uma homenagem ao movimento Black Metal do início dos anos 90. (Ván Records)

Aenaon - «Mnemosyne» (Grécia, Experimental/Progressive Black Metal)

“Mnemosyne”, um título que deriva da deusa grega da lembrança e do rio da memória, envolve um álbum de estética noir e emoção extrema. O álbum captura a essência do dark metal avant-garde de textura pesada, com um toque exótico de jazz e do saxofone. (Agonia Records)

Antropofagus - «Origin» (Itália, Brutal Death Metal)

“Origin” é o tão esperado quarto álbum de estúdio dos ANTROPOFAGUS. O quarteto italiano de brutal death metal toca death metal complexo, técnico e brutal, e deu os seus primeiros passos na cena no final dos anos noventa. (Agonia Records)

Sahg - «Born Demon» (Noruega, Doom Metal)

Os principais expoentes do metal estrondoso e doomy da Noruega, Sahg finalmente alcançaram o deles. 16 anos volidos do lançamento do álbum de estreia, eles lançam o sexto álbum de estúdio, «Born Demon». Um bombástico tour-de-force doomy. (All Noir)

Karg - «Resignation» (Austria, Post-Black Metal)

O estilo musical do KARG é uma mistura furiosa e histérica de Atmospheric Black Metal e uma enorme carga de Post Rock, com influências também do Grunge, Shoegaze e Post Punk. As influências de outros gêneros evoluíram cada vez mais nos últimos anos. (AOP Records)

Lumnos - «A Glimpse Through The Event Horizon» (Brasil, Atmospheric Black Metal)

A adoração ósmica veio mais uma vez através de “Lumnos”, ao infinito e além!... Brilhando com seu Black Metal atmosférico do espaço sideral, cuja a atmosfera de devaneio celestial o arrastará para os confins do universo. Boa viagem viajante astral! (Avantgarde Music)

Nostalgia - «Wounds» (México, Atmospheric Post-Black Metal)

O projeto Nostalgia cujo idealizador “Alex Becerra” está por trás de toda a composição, está de volta. Com grande potencial e refinando cada vez mais o seu som, o solista volta a deliciar-nos com um Post Black Metal em máxima contemplação, puro e cru! (Avantgarde Music)

Phantasos - «Last Shining Breath» (Itália, Black Metal/Ambient)

Mais uma nova imersão espacial pelo solista italiano Phantasos e seu novo álbum «Last Shining Breath». Black metal de ambientação cósmica, mas desta vez mais sombrio e que se dissolve no vácuo absoluto do cosmos. (Avantgarde Music)

T.O.M.B. - «Terror Winds» (EUA-Pennsylvania, Industrial/Noise/Black Metal)

“Terror Winds” vê T.O.M.B. regressar às suas raízes de cemitério com seis faixas que cheiram ao fedor do black metal antigo, cru e blasfemo, infestado por um ambiente sinfônico fascinante e paisagens sonoras de ruído necromântico. (Dark Essence Records)



Woods Of Desolation - «The Falling Tide» (Austrália, Atmospheric Black Metal)

WOODS OF DESOLATION foi formado pelo multi-instrumentista D. em 2005 como um meio de expressão pessoal através da música. Firmemente construída sobre esse ethos, este álbum vê a paleta musical continuar a crescer e explorar picos mais altos. (Season of Mist)

Slaughter The Giant - «Depravity» (Bélgica, Melodic Death/Black Metal)

A estreia matadora do segredo mais bem guardado da Bélgica: Slaughter the Giant. Death Metal melódico intenso para quem massacra a alma! “Depravity” apresenta a brutalidade e o lado melódico levados a novos limites, sem perder a ideia de “boa música”. (Hammerheart Records)

Sirrush - «Molon Labe» (Itália, Black/Death Metal)

A banda italiana de black death metal SIRRUSH lança o seu novo álbum “Molon Labe” (em grego antigo: μολὼν λαβέ, Molòn labé, literalmente “venha e pegue”), que descreve a jornada épica enfrentada pela Grécia contra a ameaça persa em 480 aC. (Non Serviam Records)

Terrörhammer - «Gateways To Hades» (Sérvia, Black/Speed/Thrash Metal)

Sete anos desde que a primeira revelação atingiu o globo e o resultado culminante de um compromisso que durou quatro anos após o lançamento do último EP, TERRÖRHAMMER apresenta «Gateways to Hades», o retorno aos sons bestiais do dark underground! (Osmose Productions)



Arche - «Transitions» (Finlândia, Funeral Doom Metal)

Do país que nos deu algumas das mais conhecidas bandas de doom metal, a jóia inédita de uma banda, dá os seus próprios toques magistrais a este som. A música é uma expressão imaculada de doom metal etéreo, comovente e atmosférico nas proporções certas. (Other)

The Otolith - «Folium Limina» (EUA-Utah, Atmospheric Doom/Stoner Metal)

Ressurgindo das cinzas dos adorados avant-garde vem THE OTOLITH, com o seu álbum de estreia «Folium Limina». Não traçando nenhuma linha entre a beleza e a destruição, o álbum revela as mutações musicais e as andanças místicas de uma alma. (Other)

Deathless Legacy - «Mater Larvarum» (Itália, Heavy Metal)

‘Mater Larvarum’ marca o sexto selo da discografia dos Deathless Legacy, da maneira mais fantasmagórica de todos os tempos. Musicalmente, o disco vai do heavy metal clássico ao metal gótico, sinfônico, progressivo e orquestrações atmosféricas incríveis. (Scarlet Records)

Krilloan - «Emperor Rising» (Suécia, Power/Heavy Metal)

Eles têm o poder! Krilloan entrou no mundo do power metal com força seguindo o caminho dos verdadeiros Deuses. Eles pretendem ir direto ao coração quando o assunto é power metal – ou seja, coisas rápidas, melódicas, hinos e épicas. Punhos no ar aos hinos! (Scarlet Records)

Der Trauerschwan - «Sanguinare Vampiris» (Suécia, Blackened Doom Metal)

O baixista Ham seguiu o seu próprio caminho e, como Tristan Moreau, fundou DER TRAUERSCHWAN. “Sanguinare Vampiris” é a conclusão da poesia e da música. Musicalmente, uma conjunção sombria entre o black metal dos anos 90 e o doom metal. (Soulseller Records)

In The Woods - «Diversum» (Noruega, Avant-garde/Progressive Metal)

Os noruegueses IN THE WOODS... regressam com um novo álbum de estúdio de avant-garde, black rock progressivo e metal, conseguindo entregar outra obra-prima épica. Eles iniciaram esta viagem há muito tempo, continuam mais uma vez fiel ao espírito. (Soulseller Records)

Witchmaster - «Kazn» (Polónia, Black/Thrash Metal)

Traje provocativo, grosseiro e brusco de Black/Thrash da Polónia, composto por membros do Azarath, Behemoth, Vader e Profanum. Witchmaster desce mais fundo num teatro absurdo de crueldade, perseguindo o frio abraço da depravação auditiva e escuridão. (Agonia Records)

Faüst - «Death From Beyond» (França, Melodic Blackened Death Metal)

Vindo da escuridão e selvageria dos Alpes franceses, está “Death From Beyond”, o álbum de estreia do artista solo de death metal enegrecido FÄUST! Forjado no fogo do inferno, este é a combinação perfeita de velocidade e terror agressivo black death metal. (All Noir)

Feelingless - «Metal Against Animal Cruelty» (Espanha, Melodic Death Metal)

Trazidos à vida por Hugo Markaida, Feelingless é um projeto para apoiar os direitos dos animais e dar voz aos que não têm voz. “Metal Against Animal Cruelty” oferece onze faixas e todos os lucros arrecadados serão doados a abrigos de animais na Espanha. (All Noir)

Souldrainer - «Departure» (Suécia, Symphonic Death Metal)

“Departure”, o novo álbum da banda sueca de death metal sinfónico SOULDRAINER. É seguro dizer que Souldrainer criou o seu álbum mais pesado e bem elaborado até hoje. Certamente os fãs do género não ficarão desapontados. (All Noir)

Udände - «Slow Death - A Celebration Of Self-Hatred» (Eslováquia, Atmospheric Black Metal)

Fundado e liderado por Rasmus Ejlersen, “Slow Death - A Celebration of Self-Hatred” oferece seis músicas profundamente conectadas, embaladas com a atmosfera sombria e hipnotizante do black metal da banda. (All Noir)

(EchO) - «Witnesses» (Itália, Atmospheric Doom Metal)

Os (EchO) são agora quatro adultos, pouco ou nenhum dos adolescentes que eram, e os quatro membros restantes não podem dizer que tiveram um crescimento fácil. 7 músicas, 7 letras, que de várias formas têm sido a banda sonora nos últimos 2 anos. (All Noir)

Odium - «Wothrosch» (Alemanha, Melodic Thrash Metal)

Inspirado por paisagens sonoras extremas, ‘Odium’ é uma exploração das facetas mais sombrias da condição humana. Wothrosch é uma nova banda da sempre criativa cena grega. Criaram um álbum monstruoso que é um ataque sónico como nunca ouviu. (Hammerheart Records)

Terrible Sickness - «Flesh For The Insatiable» (Alemanha, Brutal Death Metal/Grindcore)

Death Metal dominado pela explosão! Com “Flesh for the Insatiable”, os Lower Saxons from terrible Sickness lançam o seu terceiro álbum, no qual apresentam 11 hinos blast beat inspirados no death metal norte-americano dos anos 90. (MDD Records)

Mist Of Misery - «Severance» (Suécia, Symphonic Black Metal)

MIST OF MISERY foi formado por Mortuz Denatus nos subúrbios de Estocolmo com a visão de criar música baseada em melancolia, escuridão, depressão e atmosfera. O resultado é uma mistura de black metal atmosférico e elementos sinfónicos depressivos. (Non Serviam Records)

Estrangement - «Disfigurementality» (Austrália, Funeral Doom Metal/Neoclassical)

O funeral doom metal australiano encontra a banda de música clássica ESTRANGEMENT. “Disfigurementality” reúne e funde vários estilos, com traços de música clássica, black metal, jazz fusion, mas na sua essência, continua a ser uma peça de excelência do doom. (Other)

Floating - «The Waves Have Teeth» (Suécia, Progressive Death Metal)

“The Waves Have Teeth” foi essencialmente escrito na ordem da aparição, uma revelação que chegou uma após a outra, num processo orgânico para Sjödin e Hörmark. Insistiu-se em uma sensação dark e vintage, visando um som death metal mais antigo. (Other)

Sfeerverzieker - «Death Is The Desired Ending» (Holanda, Sludge/Doom Metal)

A música do SFEERVERZIEKER pode ser melhor descrita como sludge and doom, enquanto outros territórios como o black metal não são evitados. O principal objetivo é criar uma entidade ao vivo que dê ao público a percepção de que toda a vida terminará. (Other)

Triskelyon - «Downfall» (Canadá, Thrash Metal)

“Downfall” tem um alcance e profundidade de som únicos na cena moderna do thrash metal, colocando a banda à frente e à parte das hordas de novos artistas. Retratando uma natureza pós-apocalíptica, Triskelyon mantém a tradição thrash dos anos 80. (Other)

Visceral - «The Tree Of Venomous Fruit» (Portugal, Death Metal/Grindcore)

Com um pé enraizado no death metal old school e outro firmemente colocado no lado mais extremo e sombrio do gênero, o mentor dos Visceral, Bruno K., iniciou este projeto para materializar em sons e palavras alguns riffs e ideias. Death metal extremo e poderoso. (Other)

Judicator - «The Majesty Of Decay» (EUA-California, Power Metal)

O grupo de power metal dos EUA lança o seu triunfante sexto álbum de estúdio, «The Majesty of Decay». Atualizado e revitalizado, JUDICATOR tem aqui dez faixas assombrosas, progressivas e que chamam a atenção por meio de sua narrativa aventureira e catártica. (Prosthetic Records)



...And Oceans - «As In Gardens, So In Tombs» (Finlândia, Industrial/Electronic Metal)

É raro uma banda retornar com seu melhor esforço até o momento, mas os finlandeses ...And Oceans oferecem um black metal sinfônico empolgante, temas inebriantes filosóficos. O black metal sinfônico nunca foi tão divertido, gratuito e fantástico. (Season of Mist)

Cryptae - «Capsule» (Países Baixos, Death/Doom Metal)

O absurdo do death metal bruto experimental holandês Cryptae regressa com o seu segundo álbum “Capsule”, uma peça de anti-música mais aberrante, delirante e labiríntica que fizeram até agora. (Sentient Ruin)

Absolute Key - «The Third Level Of Decay» (Finlândia, Industrial/Black Metal)

ABSOLUTE KEY é outro projecto mágico de Antti Klemi, da sempre singular banda Circle of Ouroboros. ABSOLUTE KEY é uma entidade muito própria e provou isso na sua discografia febril nos últimos três anos. Eles são desafiador musicalmente quanto liricamente. (Signal Rex)

Irae - «Assim Na Terra Como No Inferno» (Portugal, Black Metal)

Desde o alvorecer deste milénio amaldiçoado, Vulturius perseguiu prolificamente uma visão singular de RAW BLACK METAL que inclui cinco LPs. IRAE inspirou quase sozinho a cena black metal de Portugal, particularmente a iteração mais crua dela. (Signal Rex)

Timor Et Tremor - «Realm Of Ashes» (Alemanha, Pagan Black Metal)

A banda alemã de melodic black metal TIMOR ET TREMOR finalmente regressa com um novo LP “Realm of Ashes”, provavelmente o álbum mais pessoal da banda até hoje, não só pelas letras, mas também pelo processo criativo. (Trollzorn)

Written In Blood - «Written In Blood» (Países Baixos, Melodic Death Metal)

O ex-baixista do God Dethroned contactou alguns membros de projetos anteriores e assim surgiu WRITTEN IN BLOOD. O objetivo era escrever canções reconhecíveis com melodia, com um caráter diferenciado para chamar a atenção não só dos fãs de Death Metal. (Trollzorn)

Tribunal - «The Weight Of Remembrance» (Canadá, Gothic Doom Metal)

A dupla de Vancouver COURT pode ser desconhecida para o resto do mundo, mas o fascinante álbum de estreia “The Weight Of Remembrance” está prestes a mudar isso imediatamente, mergulhado na elegância de veludo black do Gothic Doom Metal. (20 Buck Spin)

Gomorrah - «Dealer Of Souls» (Suíça, Thrash / Heavy Metal)

Com a sua mistura de riffs insanamente rápidos e cheios de perfeição, dinâmica e energia thrash metal, Gomorrah com “Dealer of Souls”, leva ainda mais longe a atitude de metal intransigente, representando o melhor dos mundos do heavy, power e thrash metal! (All Noir)

Green King - «Hidden Beyond Time» (Finlândia, Heavy/Doom Metal)

Inspirado pelos muitos subgêneros da música pesada, “Hidden Beyond Time” move-se por riffs galopantes que lembram a grande era do metal dos anos 70/80. Com o heavy metal tradicional no seu coração, GREEN KING assenta em letras místicas e ocultas. (All Noir)

Nidare - «Von Wegen» (Alemanha, Post-Black Metal)

Com o projeto de pós-black metal chamado Nidare, construiu um som constituído por riffs melódicos, mas desafiadores que cobrem os estilos atmosféricos de black metal e pós-metal, todos tocados em baterias de blast beat que ainda não têm medo de ser doomy. (All Noir)

Okkultist - «O M E N» (Portugal, Death Metal)

Okkultist representa o blackened death metal de Portugal. “OMEN” é o resultado de perda e sacrifício. O ponto culminante da dor e o desaparego absoluto da vida. Okkultist aproveitou este tempo para se reinventar. (All Noir)

Slegest - «Avstand» (Noruega, Blackened Doom Metal)

Slegest produziu heavy metal refinado com raízes musicais no black metal e no heavy rock clássico dos anos 70 e 80. Avstand (que se traduz em Distância) é o 4º álbum da banda que mistura de heavy metal clássico, rock’n’roll e black metal. (Dark Essence Records)

Dødsengel - «Bab Al On» (Noruega, Black Metal)

O culto norueguês DØDSENGEL (‘anjo da morte’) cresceu exponencialmente, atingindo o seu ápice com “Bab Al On”, um trabalho devocional de Black Metal espiritual idiossincrático. Um caldeirão hipnótico, uma viagem profunda às minúcias do Ocultismo. (Debemur Morti Productions)

Spectral Souls - «Towards Extinction» (Peru, Death Metal)

Uma detonação nuclear de destruição e agressão desenfreada! O álbum contém 11 músicas, nas quais diferentes aspectos dentro do som old school do Death Metal são explorados, dando assim uma sensação de dinâmica interessante. (Hammerheart Records)

Yesterdaze - «Act U All» (Noruega, Rock)

Rock, Indie-rock ou rock alternativo? Devemos nos importar? Yesterdaze dá música de alta energia de primeira linha com «ACT U ALL». O quarteto norueguês, com vocalista islandês, procura cativar-nos com canções agressivamente viciantes. (Indie Recordings)

Caravela Escarlata - «III» (Brasil, symphonic prog)

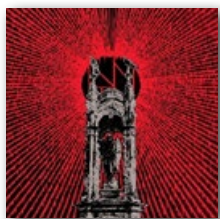
Caravela Escarlata é um trio fortemente inspirado no Prog Rock inglês e italiano dos anos 70, mas que se baseia na música tradicional e popular brasileira, o que lhes confere um som especial e único. O 3º álbum é uma jornada nos caminhos do rock prog vintage. (Karisma Records)

Fvnerals - «Let The Earth Be Silent» (Alemanha, Ambient Doom/Post-rock/Shoegaze)

FVNTERALS criou um álbum que transforma o vazio do vazio e a profundidade do abismo num som, com o seu terceiro álbum “Let the Earth Be Silent”. FVNTERALS adoptou uma abordagem ainda menos otimista para a composição. Um dom artístico de belas trevas. (Prophecy Productions)

Celestial Wizard - «Winds Of The Cosmos» (EUA-Colorado, Heavy/Power Metal)

Power & death metal unidos para esmagar o seu crânio! Nascido nas montanhas do Colorado, Celestial Wizard abre novos caminhos com o seu som agressivo e poderoso. Puxando pelo power metal e death metal, eles alcançam uma mistura melódica intensa. (Scarlet Records)



Antimonument - «Concealment» (Brasil, Black/Death Metal)

O death metal encontra seu eu futuro. E é assim que os misteriosos desconstrutores de death metal experimental do Brasil, Antimonument, abordaram sua arte enigmática e contundente. (Sentient Ruin)

Grymmstalt - «Anthems Of Mournful Despondency» (Equador/Chile, Raw Black Metal)

GRYMMSTALT é um novo projeto transcontinental entre dois dos homens mais ocupados do black metal: Wampyric Strigoi e Lord Valtgryftåke. «Athems of Mournful Despondency» brilha com uma crueza estranhamente completa que apenas aprofunda o abismo. (Signal Rex)

Spectral Corruption - «Seventh Station» (Eslováquia, Raw Black Metal)

SPECTRAL CORRUPTION da Eslováquia explodiu do vazio com o álbum de estreia «Colorless Rays of the Sun». Sentindo-se fixo e finito, o último álbum está repleto de um desespero que só pode sugerir miséria infinita, malcheirosa e miasmática. (Signal Rex)

Frozen Dawn - «The Decline Of The Enlightened Gods» (Espanha, Melodic Black Metal)

Por uma década e meia, Frozen Dawn tem aperfeiçoado o seu som, que pode ser descrito como um black metal agitado, intenso e contundente, temperado com melodia e leads crescentes. Eles reforçaram o som garantindo que a música permaneça poderosa. (Transcending Obscurity Records)

Anachronism - «Meanders» (Suiça, Technical Death Metal)

Anachronism é uma banda suíça formada em 2009. Inspirando-se em muitas influências diferentes, do death metal dissonante, técnico e brutal ao jazz e à música progressiva, o quarteto está prestes a lançar seu terceiro álbum de estúdio, «Meanders». (Avantgarde Music)

Grá - «Lycaon» (Suécia, Black Metal)

Desde a sua criação em 2010, o Grá trabalhou incansavelmente para moldar a sua música para ser um exemplo perfeito do black metal sueco e uma interpretação muito pessoal do seu som clássico. (Avantgarde Music)

Høstsol - «Länge Leve Döden» (Escandinávia, Black Metal)

«Länge Leve Döden», sueco para Long Live Death, é uma obra de black metal concebida e gravada por pessoas que moldaram os sons de todas as coisas obscuras desde os anos 90, e pode-se ouvir essa experiência e dedicação incondicional em cada nota. (Avantgarde Music)

Inherits The Void - «The Impending Fall Of The Stars» (França, Atmospheric Black Metal)

O álbum tende a ser mais melódico, inclinando-se para a cena black metal dos anos 90, principalmente a sueca, mas ainda infundindo influências modernas de bandas como Regarde Les Hommes Tomber, a elementos retirados da 1ª onda de death metal melódico. (Avantgarde Music)



Witch Ripper - «The Flight After The Fall» (EUA-Washington, Stoner/Sludge Metal)

WITCH RIPPER criou um pastiche amoroso das lendárias histórias de ficção científica pulp de antigamente. A história contada no seu segundo álbum “The Flight after the Fall” tem todos aqueles ingredientes que fazem este tipo de histórias. (Prophecy Productions)

Isole - «Anesidora» (Suécia, Epic Doom Metal)

“Anesidora” é o trabalho mais refinado de Isole até hoje, enriquecido por a sua maturidade!

Um álbum que de certa forma vai direto ao ponto, mas dá um tom mais suave sem perder o seu peso Doomy. Faz lembrar Bathory dois tempos do som vicking Metal. (Hammerheart Records)

High Fells - «Catharsis» (EUA-Texas, Black Metal)

A catarse é uma jornada entre a pura agonia e a raiva, com uma pitada de desesperança. Você saberá qual é qual. High Fells espera que os ouvintes possam encontrar algo com que se relacionar, algo que os inspire ou ajude a transmitir emoções em palavras. (Other)

Veilcaste - «Precipice» (EUA-Indiana, Doom/Sludge Metal)

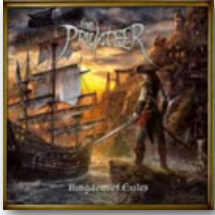
Os titãs do doom de Indianápolis VEILCASTE, lançam um novo álbum “Precipice”. Originalmente formada como Conjuror no inverno de 2010, a banda mudou de nome para Veilcaste no início de 2020. (Other)

Dryad - «The Abyssal Plain» (EUA-Iowa, Black/Death Metal)

DRYAD lança o seu primeiro álbum, intitulado «The Abyssal Plain», que leva os ouvintes numa viagem exploratória literal e metafórica às profundezas mais escuras do oceano. A sua visão do black metal é tão abrasiva e primitiva quanto esperaria da banda. (Prosthetic Records)

Silver Bullet - «Shadowfall» (Finlândia, Power Metal)

Uma das bandas de metal melódico mais promissoras da década. Silver Bullet remonta ao ano de 2008, quando a banda foi fundada sob o nome de Dirge Eternal. “Mooncult” serviu como um verdadeiro arrepió, oferecendo um enredo nas vastidões da Escócia. (Reaper Entertainment)



The Privateer - «Kingdom Of Exiles» (Alemanha, Folk/Power Metal)

Inspirados pelo Heavy-Metal clássico, bem como pelo Death e Folk Metal modernos, eles criaram um som característico. A variação entre vocais limpos e gritados e o uso do violino dão um toque especial ao som da banda. (Reaper Entertainment)

Ne Obliviscaris - «Exul» (Austrália, Progressive Extreme Metal)

O álbum personifica o espírito distinto e inovador de NE OBLIVISCARIS. A mistura de emoção e beleza, marca registrada da banda, está mais elevada do que nunca, se não ainda mais atraente, particularmente como as linhas de violino de Charles em torno dos riffs. (Season of Mist)

Oak - «Disintegrate» (Portugal, Atmospheric Funeral Doom/Death Metal)

'Disintegrate' fala sobre a ascensão a outro estado mental e físico. Neste cenário atual de bandas deathdoom, OAK coroou-se rei com o seu som característico de rosnados terrestres arrastados, desespero profundo e riffs atmosféricos. (Season of Mist)

Omega Infinity - «The Anticurrent» (Austrália, Progressive Metal)

OMEGA INFINITY: A história do ciclo interminável de nascimento e morte em escala cósmica. O álbum de estreia "Solar Spectre" criou uma banda sonora sombria e perturbadora, combinando o furioso Black Metal dos anos 90 com sons eletrônicos ásperos. (Season of Mist)

The Abbey - «Word Of Sin» (Itália, Doom Metal)

A história de Abbey começou quando Heikkinen teve o súbito desejo de tentar cantar numa banda de doom metal depois de fazer os vocais convidados para os compatriotas Fuzzifer. A sua ideia era formar uma banda de doom metal com "grandes vocais". (Season of Mist)

Negative Vortex - «Tomb Absolute» (EUA-California, Death Metal)

A dupla brasileira de death metal baseada nos Estados Unidos, Negative Vortex, ressurgiu das profundezas do tormento com o seu tão esperado álbum de estreia "Tomb Absolute", um LP duplo de 54 minutos e nove canções de atmosférico do death metal. (Sentient Ruin)

Sarcoptes - «Prayers To Oblivion» (EUA-California, Black Metal)

Sarcoptes traz-nos o seu aguardado álbum com tudo o que prometeram e muito mais. Eles dominaram a arte de escrever músicas épicas de quase 15 minutos que são uma mistura imaculada de black e thrash metal misturadas com bits atmosféricos. (Transcending Obscurity Records)

Atomwinter - «Sakrileg» (Alemanha, Death Metal)

Diretamente dos pulmões do inferno, o novo álbum dos ATOMWINTER é um caminho para a danação eterna! Quase 5 anos após o aclamado antecessor "Catacombs", os ATOMWINTER estão de regresso com um novo vocalista, mais forte do que nunca! (Trollzorn)

Bezwingen - «Dodenkroning» (Países Baixos, Black Metal)

Os revenants holandeses de Bezwingen emergem de seus túmulos novamente e com Dodenkroning ("Coroação dos mortos") eles catapultam o seu segundo álbum de undeath metal para o mundo dos vivos. (Ván Records)

Crone - «Gotta Light» (Alemanha, dark rock)

Com o seu segundo álbum "Gotta Light?", os inovadores do dark rock CRONE estão num hotrod movido a alta octanas. Os alemães deixam sua própria marca pessoal no género que foi trazido de volta à vanguarda de interesse. Queime, querido, queime! (Prophecy Productions)

CURIOSIDADES PALETES

Gênero	#LPs	Gênero	#LPs	Álbuns por Países	
Black Metal	59	Alternative Metal	1	País	#LPs
Death Metal	42	Post-Metal	1	Austrália	8
Progressive Metal	15	Power/Thrash Metal	1	Dinamarca	8
Thrash Metal	14	Metalcore	1	Portugal	7
Rock	14	Blackened Thrash Metal	1	EUA-Washington	6
Black/Death Metal	13	Darwave/Gothic Rock/Dark Folk	1	EUA-Arizona	5
Doom Metal	11	Electronic	1	Chéquia	5
Atmospheric Black Metal	11	Punk	1	EUA-Florida	5
Heavy Metal	10	Instrumental Metal	1	EUA-Maryland	5
Power Metal	9	Power/Speed Metal	1	Polónia	5
Sludge Metal	8	Dark Metal	1	Brasil	5
Progressive Rock	8	Atmospheric Rock Metal	1	Ucrânia	4
Symphonic Metal	7	Goregrind	1	Bélgica	4
Metalcore	6	Experimental Metal	1	Rússia	4
Death/Black Metal	6	Neofolk	1	Suiça	4
Blackened Death Metal	5	Alternative Metal	1	EUA-Pennsylvania	4
Thrash/Death Metal	5	Avant guard	1	EUA-Texas	4
Doom/Death Metal	5	Progressive death metal	1	Internacional	4
Stoner Metal	4	Electronic Metal	1	EUA-Colorado	4
Technical Death Metal	4			EUA-Ohio	4
Folk Metal	4			EUA-Georgia	3
Heavy/Power Metal	4			Grécia	3
Progressive Power Metal	3			EUA-Massachusetts	3
Death/Doom Metal	3			EUA-Virginia	3
Industrial Metal	3			Escócia	3
Avant-Garde Metal	3			Nova Zelândia	3
DarkWave	3			Islândia	2
Deathcore	3			Austria	2
Symphonic Power Metal	3			Equador	2
Black/Thrash Metal	3			EUA-Maine	2
Progressive Metal/Rock	2			Chipre	2
Brutal Death Metal	2			EUA-Oklahoma	2
Hardcore	2			Chile	2
Progressive Black Metal	2			EUA-New Mexico	1
Death/Thrash Metal	2			EUA-Tennessee	1
Death Metal/Metalcore	2			Singapura	1
Speed/Power Metal	2			Argentina	1
Epic Doom Metal	2			Lituânia	1
NWOBHM	2			Irlanda	1
Space Rock	2			China	1
Gothic Metal	2			Ilhas Faroé	1
Instrumental	2			Indonésia	1
Progressive Death Metal	2				
Viking Metal	2				
Raw Black Metal	2				
Medieval Music	1				
Epic Heavy/Doom Metal	1				
Apycalypso Schlager	1				
Shoegaze	1				
Symphonic Black Metal	1				
Avant-garde Black Metal	1				

Álbuns por Países

País	#LPs
Suécia	37
Alemanha	34
Itália	25
Inglaterra	24
EUA-California	22
França	19
Finlândia	16
EUA-New York	12
Canadá	12
Espanha	10
EUA-Illinois	10
Noruega	10
Países Baixos	8

Nesta edição, chegaram-nos à redação um total de **395 álbuns** para ouvir, analisar e criticar.



Hoofmark

As cores da vida

Nuno, dos Hoofmark evoca a importância das cores na estética desta one man band portuguesa, que não para de nos surpreender com o seu som, onde detetamos pitadas de Rock N' Roll e Blues provavelmente combinadas com outras sonoridades criando uma amálgama verdadeiramente original. A não perder!

Entrevista: CSA

Olá, Nuno! Cá estou novamente a entrevistar-te para a Versus Magazine, desta vez a propósito do teu segundo álbum.

Nuno – Antes de mais, obrigado pela oportunidade! É um prazer estar aqui na Versus Magazine para mais uma conversa.

Para começar, ficaste satisfeito com o acolhimento dado ao primeiro álbum [«Evil Blues» – 2021 – Miasma of Barbarity]? Foi ao encontro das tuas expectativas?

Objetivamente, foi bom ver um trabalho tão obscuro, tanto na sua projeção como no seu conteúdo, despertar o tipo de curiosidade que despertou. Talvez estivesse a contar com mais estranheza e rejeição do que o que depois

aconteceu—ou talvez isso apenas diga alguma coisa sobre a minha disposição natural! É-me difícil fazer essa análise.

Em todo o caso, o «Evil Blues» será sempre um disco muito especial para mim, pois foi ali que, pela primeira vez, senti ter encontrado qualquer coisa que me pertencia. Essa é uma sensação muito boa.

Tal como o anterior, também este novo álbum [«Blood Red Lullabies» – 2022 – Raging Planet] é uma “grande misturada” (com sentido positivo).

- Do teu ponto de vista, o que distingue os dois álbuns entre si?
A diferença mais óbvia está no espaço que ambos projetam. Enquanto o som do «Evil Blues» é

mais claustrofóbico, o do «Blood Red Lullabies» é manifestamente mais aberto. Depois, há uma diferença no processo, que talvez não seja tão perceptível, mas que é relevante e talvez ofereça outra forma de ouvir o álbum. O «Evil Blues» foi um disco muito trabalhado e desmontado, o que se traduziu em longos períodos, quer de composição, quer de gravação. A história do «Blood Red Lullabies» caracteriza-se pela espontaneidade, em que tanto quanto possível se preservou a inspiração inicial.

- Eu acho este mais “torturado”. Que pensas desta minha ideia?
Talvez seja, à sua maneira. O «Evil Blues» foi um disco das paisagens, que olhou para elas e viu qualquer

coisa de errado nos grandes objetos da natureza. Já o «Blood Red Lullabies» tem uma escala mais micro e com a qual talvez seja mais fácil identificarmos-nos. Faz a mesma afirmação – há aqui qualquer coisa de errado – mas a respeito das relações interpessoais e da agudização das diferenças irreconciliáveis que caracterizam o nosso presente.

- Também me parece mais afastado da linha Folk e da “evocação cavalariça” do anterior. Concordas comigo?

Concordo. E é uma consequência natural da mudança de escala que referi acima.

No título do outro, figurava a palavra “blues” evocando esse género musical e a respetiva capa assumia o azul como cor de base (para além do preto e branco). Neste temos a palavra “red” e a capa tem o vermelho como cor dominante. O que significa esta mudança de cor? De que forma o simbolismo específico do vermelho neste teu álbum se reflete nos temas das canções? E nas respetivas letras?

A história social e cultural das cores ao longo das eras é um assunto pelo qual tenho interesse. Em Hoofmark, as cores ajudam-me a encontrar o sentido das músicas e, no fim, a consistência interna dos álbuns. O vermelho é a cor que escorre pelo «Blood Red Lullabies» e isso significa tudo. Vermelho é princípio de existência, mas também é a cor da agressividade, da sensualidade, uma cor simultaneamente mobilizadora e divisiva.

No entanto, nem os Blues (género musical), nem a cor azul andam longe deste teu álbum. Como os aproximamos do vermelho que é a essência do teu novo lançamento?

Embora tenha deixado de pensar em Hoofmark em termos estritos de género, há uma base quanto a mim bastante clara (sobretudo neste disco) de Rock and Roll e daquilo que o inspirou, incluindo o Blues. Essa aproximação de que

“ A DIFERENÇA MAIS ÓBVA ESTÁ NO ESPAÇO QUE AMBOS PROJETAM. ENQUANTO O SOM DO «EVIL BLUES» É MAIS CLAUSTROFÓBICO, O DO «BLOOD RED LULLABIES» É MANIFESTAMENTE MAIS ABERTO.

falas é uma convivência natural entre os dois álbuns, até porque há um núcleo comum de artistas que contribuíram para lhes dar forma. Apesar de o «Blood Red Lullabies» ser um disco diferente do anterior em muitas coisas, há um pensamento semelhante.

Gravaste este álbum com os mesmos músicos que te acompanharam no anterior?

Sim! O Ricardo Rodrigues e o André Silva foram irrepreensíveis na sua entrega e fico muito contente por termos conseguido voltar a trabalhar juntos. Eles transmitem-me imensa confiança. Neste momento, o Ricardo em particular é o mais próximo que Hoofmark tem de um segundo membro. Além disso, também tive a felicidade de trabalhar com o André Hencleeday (no piano) e com o Jorge Silva (na flauta). Ambos foram instrumentais em oferecer ao «Blood Red Lullabies» um som muito seu.

Nesta capa, repetes o visual da capa do álbum anterior. [O artwork é muito bom, assim como as fotos promocionais.]

- Foi feita pelo mesmo artista?

Houve aqui um esforço a quatro para dar vida à imagem do «Blood Red Lullabies». As fotos que constam no design ficaram à responsabilidade de duas artistas magníficas: Ana Gomes e Filipa Vargas. O belíssimo vestido vermelho usado por El Vaquero Ungulado foi criado pela Joana Rodrigues. Por último, mas não menos importante, o design foi assinado novamente pela Carina

Reis.

- Que papel desempenhaste tu na sua criação?

Na vertente da imagem, a minha tarefa foi sobretudo direcionar a execução para o conceito que o «Blood Red Lullabies» obrigava, embora com o cuidado de saber abrir mão dessa visão em serviço do disco.

Que planos arquitetaste com a tua editora para promover este segundo álbum?

O plano é dedicar tempo à promoção do disco e a dar-lhe o destaque que ele merece, também como forma de agradecer ao Daniel Makosch/Raging Planet pelo apoio e confiança. A minha parte favorita do processo é a concretização, mas sei que não me posso remover do campo de batalha que é o trabalho efetivo de promoção dos álbuns. Fizemos um teledisco para o tema “A Clapalong”, estamos a trabalhar noutro para divulgar no início do próximo ano e a fazer os preparativos para levar Hoofmark para os palcos.

Já tens material para um terceiro álbum?

Quando foi do «Evil Blues», comentei por várias vezes que não tinha planos imediatos para outro trabalho. Um ano e meio depois Hoofmark afinal tem um novo disco. Ou seja, para já não importa muito se há ou não mais material. Estas coisas têm o seu ritmo. E é tempo de deixar o «Blood Red Lullabies» conquistar o seu espaço.

Facebook
Youtube

IRAE

Manifesto infernal

Em dezembro, Irae lança «Assim na Terra como no Inferno» pela Signal Rex. Vulturius faz um sucinto balanço dos vinte anos de carreira do seu projeto a solo e reforça a sua fidelidade ao Black Metal dos anos 90 neste álbum com um travo arcaico que tem tudo para agradar aos fãs.

Entrevista: CSA

Olá, Hugo! Irae anda muito produtivo e a qualidade é sempre excelente.

Adorei o anterior: «Lurking in the Depths». Só o título já chegou para me conquistar.

- Como foi esse álbum recebido pela crítica e pelos fãs?

Hail! A Signal Rex esforçou-se bastante com a promoção do disco e este chegou a muitos sítios onde o nome de Irae nunca tinha chegado e é o meu lançamento mais vendido de sempre. Quanto a quem já seguia a banda e os seus trabalhos, penso que não ficou desapontado, apesar de ter uma abordagem diferente de todo o material feito até então.

- A receção correspondeu às tuas expectativas?

Não sou do tipo de criar expectativas. Apenas faço o que desejo e sinto e penso que os meus trabalhos me vão levando a alguns lugares um após o outro.

Irae está a comemorar o vigésimo aniversário e aqui temos um novo álbum com um título que dificilmente poderá ser ignorado: «Assim na Terra como no Inferno».

- Foi fácil de encontrar? Como te veio tal ideia à cabeça?

Creio que aconteceu quando tinha o conceito para o disco e enquanto escrevia as letras.

- Tem muito a ver com a situação que estamos a viver atualmente pelo mundo fora ou bem por isso?

Não, estes são tempos demasiado estúpidos. Em geral, este disco musicalmente é um regresso à minha adolescência e aos tempos em que comecei a ouvir Black Metal. Retrata bastante a época medieval, a Peste Negra, a afeição à terra mãe, o anticristianismo e a ideia que os cristãos tinham de como seria o inferno.

Algo de que gosto muito na estética deste álbum é que tudo é “antigo”.

- Começa pelo som. Podes explicar-nos como conseguiste esse efeito?

Tentei ser ainda mais arcaico que o normal e mantive as coisas simples, mas também é uma questão de espírito.

- A nível de som, destaca-se a guitarra. Podes comentar esse aspeto?

É o meu principal instrumento. Gravei com uma guitarra acústica e captei-a com um condensador, enquanto para a guitarra elétrica optei por usar um simples combo de 10w captado também por um condensador sendo que numa das pistas usei um fuzz. Tenho que destacar que o som de chuva que se ouve ao longo dos primeiros 4 temas é real e também foi captado por mim num dia de gravações em que chovia imenso.

- Onde e com quem gravaste o álbum (entre músicos e técnicos)?

As baterias gravei-as no agora extinto Rock & Raw, mas, nos primeiros 4 temas, fiz a experiência de gravar com um telemóvel dentro de uma arrecadação na sala de ensaio e os últimos 3 temas tiveram o Bruno Jorge como técnico de som. O único convidado foi o Marco Void, que tocou Irish bouzouki nos temas “Majestade de Sangue” e “Símbolos do Império.”

O efeito de “antigo” também se faz sentir nos títulos das canções escritos com “v” em vez de “u” e que abordam temas “vetustos”. Que tens a dizer-nos sobre isto?



Sempre gostei de inventar, experimentar e de fazer exceção ao comum. Portanto, troquei algumas letras s por z a não ser quando tem dois s seguidos, u e alguns o por v, entre outras coisas. Não tem nada a ver com português antigo, fui eu que simplesmente inventei.

Desta feita, nas letras, apostaste no uso exclusivo do Português. Pareceu-te que a nossa língua seria mais acutilante?

Decidi isso por ser a minha celebração de 20 anos deste meu projeto e universo, para além de que a maioria de quem ouve Irae é português. Ao mesmo tempo, a vaga de Black Metal que mais me marcou foi a dos 90 quando o Black Metal nórdico se destacou e nesse tempo existiam muitas bandas a usar a sua língua materna.

O efeito “arcaico” é completado pela capa, que – embora

“ [...] este disco musicalmente é um regresso à minha adolescência e aos tempos em que comecei a ouvir Black Metal [...]”

seja a cores – faz pensar nas ilustrações de Gustave Doré para a “Divina Comédia” de Dante, nomeadamente as que dizem respeito ao inferno. [Sou fã incondicional desse ilustrador.]

Onde foste descobrir este quadro? Mandei fazer. E sim foi baseado na primeira parte da “Divina Comédia” de Dante Alighieri de uma maneira que podemos dizer desconstruída. Não queria algo completamente igual.

Também reparei na data de lançamento do álbum: 23 de dezembro. É intencional ou pura casualidade?

Acabou por ser para 21 de dezembro, mas sim foi pura casualidade.

É tua intenção (e da Signal Rex) fazer a promoção deste álbum com concertos?

Sim. Irei tocar alguns temas no dia 26/11 em Grosserlach, na Alemanha, no dia 2/12, no Invicta Requiem Mass, no Porto, e depois, no dia 18/12, no Cerco da noite no RCA Club em Lisboa.

Quem irá acompanhar-te (uma vez que, no palco, não podes fazer tudo)?

Os que me têm acompanhado até agora: J. Goat, no baixo e segundas vozes, e Ūr, na bateria.

Facebook
Youtube

Dodici Cilindri *(porque o barulho dos motores também é música)*

Por: Carlos Filipe

La “Effe” Quaranta



Para sempre, o ícone último do universo automóvel: O Ferrari F40 ou como se dirá em italiano, “la effe quaranta”, nome dado numa “conversa de café” entre um jornalista auto italiano, Gino Rancati, e o director de gestão da Ferrari Giovanni Razelli, em que o segundo pergunta ao primeiro como acha ele que se deveria chamar o novo modelo, ao que Gino retorquiu: “Ferrari Quaranta”. O que mais se pode acrescentar sobre este supercarro nascido oficialmente a 21 de Julho de 1987 em Maranello e que hoje é o expoente máximo de qualquer afortunado colecionador de automóveis, a máquina visceral e analógica criada no rescaldo de mudanças nas regras da competição do grupo B, onde era para evoluir antes de o ser, o F40, o último Ferrari aprovado e assinado pelo próprio “Commendatore”, título honorífico recebido em 1927 pelos méritos desportivos, o qual acrescentou que “criamos uma máquina que não se verga aos limites impostos pelos tempos modernos”.

Mas o que faz este desportivo ser um ícone dos automóveis? Primeiro, o que faz algo se tornar num ícone? Será que hoje há algum hiper-carro que o posso vir a ser? Um que atravesse gerações e continue a ser a máquina mais desejada décadas depois. Ao invés de hoje, em que os super e hiper carros nascem como cogumelos, e com a electrificação ainda é mais evidente, mas na década dos 80 era uma raridade. O F40 surgiu num tempo em que o único rival conhecido era o Porsche 959 e estava tecnologicamente bem acima de qualquer outro produto da casa de Maranello ou dos rivais da Lamborghini, onde o outro ícone da indústria automóvel, o Miura já contava com 20 anos de idade. A Aston Martin era um pequeno construtor inglês, a Bugatti inexistente

e praticamente era isto, pois todos os outros construtores estavam num outro qualquer campeonato automobilístico. A Mercedes por exemplo, estava ocupada com o “Baby-Bens”, o W201, i.e., o E190. Apesar de um estrutura tubular arcaica saída do Ferrari 288, que por seu turno derivava do 308 mas com uma construção moderna revestida de kevlar e fibra de carbono, foi assim desenvolvido o F40, que fez o delírio e sonho de muitos jovens de então, que penduraram o poster na parede do quarto tal ídolo musical, sendo por outro lado, alvo de atenção por muitos e longos anos, o que não acontece hoje, em que tudo é mais ou menos efêmero. O F40 só foi verdadeiramente suplantado com a chegada do McLaren F1 em 1993! Nem o F50 conseguiu suplantá-lo em popularidade/performance apenas na tecnologia derivada directamente da F1 a começar pelo seu motor V12. São esses jovens dos 80 e 90 que hoje fazem do F40 o ícone que é e lhe



proporcionam o valor de mercado que um carro deste atinge hoje que já vai na casa dos 2 M€. Eu inda me lembro de ver no autoscud24, há 12 anos atrás, os F40 a 400k€, os F50 a 650k€ e o Enzo a 1M€. Hoje, os F40 estão na casa dos milhões, os F50 a chegar aos 5M€ e o Enzo à volta dos 3M€ sempre a subir a caminho da estratosfera.

Originalmente pensado e discutido com Enzo Ferrari para serem apenas 400 carros a produzir, no dia seguinte ao lançamento do carro, a Ferrari tinha 900 encomendas! Devido ao insucesso do 348 e o facto de terem de manter a linha de produção a funcionar, junto com a especulação que começou a insurgir com carros vendidos bem acima do preço de retalho, levaram a produção ir até aos 1311 carros de 1987 a 1992. Há a história do Nigel Mansell que vendeu o seu F40 na altura especulativa por um valor, o proprietário seguinte vendeu por ainda muito mais dinheiro e Mansell sentiu-se prejudicado pelo lucro do outro e ainda foi tirar esforço a quem lhe comprou o carro para ser ressarcido de 70 mil £!

Todos os carros saíram de fábrica pintados em Rosso Corsa - colour code FER 300/12 - e o interior espartano que conhecemos. Não é conhecida nenhuma razão em particular, apenas seguiram o que fizeram com o 288 GTO, que igualmente só teve uma cor à escolha, a mesma do F40. Enzo Ferrari não proferiu a icónica frase de Henry Ford sobre o Model T "O cliente pode escolher a cor que quiser desde que seja preto", mas é quase como se a tivesse dito mas agora para o vermelho. Isto significa que qualquer F40 pintado de outra cor ou com outras modificações, como os F40 do Sultão de Bornei, foi obra posterior à saída do carro da fábrica.

Era prática na altura, o carro sair standard de fábrica e ir para os atelier Pininfarina para ser sujeito a pequenas modificações como a pintura, o que aconteceu com as encomendas do Sultão de Bornei (7 no total). Alias, são poucos os F40 saídos de fábrica com modificações. O F40 mais modificado foi o do Sr. Gianni Agnelli, na altura patrão da FIAT, e por consequente, da Ferrari, pois a Ferrari estava inserida no grupo FIAT, que pediu para ter uma caixa manual tipo F1 da Valeo com comando automático das mudanças, eliminando pelo caminho o terceiro pedal da embraiagem, um verdadeiro protótipo desenvolvido para o F40 do Sr. Agnelli, que posteriormente foi comercializado no Ferrari Mondial T e, dando posteriormente origem ao conhecido sistema de caixa F1 que marcou os Ferrari desde o F355 F1 até ao 599. O Sr. Agnelli ficou com a perna afectada depois de um violento acidente numa corrida em 1952 e custava-lhe assim trabalhar com o pedal da embraiagem. Além da "embraguem" electrónica, este F40 também veio com a bola das mudanças em alumínio, bancos específicos em preto (os originais são num tecido vermelho alaranjado), de um acendedor de cigarros mas não se deram ao trabalho de colocarem um cinzeiro no carro(!), e a pasta dos manuais com as iniciais G.A.. A outra modificação conhecida foi pedido por Nick Mason, baterista dos Pink Floyd, que quis melhorar a visibilidade para trás e foi-lhe concedido um plexiglas que cobre o motor com 3 colunas de saídas de ar (o normal são apenas duas colunas). Um outro F40



Produção do F40

- GTO Evoluzione → 5
- F40 Protótipos Michelotto → 7
- F40 Total → 1311 dos quais 213 para o mercado Americano com catalisador, Depósito em alumínio e pequenas alterações estáticas para cumprir as regulamentações dos EUA.
- F40 LM Michelotto → 19
- F40 CSAI-GT Michelotto → 6
- F40 CSAI-GT Nicodemi → 3
- F40 GTE Michelotto → 6

interessante, é o de Clay Regazzoni, antigo corredor Suiço dos anos 70 da Ferrari, que fez equipa com Niki Lauda, e que ficou paralisado num violento acidente igualmente numa corrida e tem o seu F40 adaptado à sua deficiência motora, com todos os comandos de controlo do carro, no volante. Esta modificação foi posterior à fábrica.

O nascimento do F40 começa bastante antes do seu lançamento. Alias, a génese está toda na Fórmula 1, que nos anos 80 abraçou a tecnologia turbo, tornando-se um mantra para tudo o que fosse competição. O F40 é o sucessor directo do 288 GTO de 1984, do qual foi desenvolvido um protótipo para a competição que faz a ligação directa entre os dois modelos, o 288 GTO Evoluzione. Todos estes carros são obra de uma figura incontornável deste período na Ferrari, o engenheiro chefe Nicola Materazzi, o único capaz de contradizer il Commendatore. Ele é considerado o pai do F40 tal como do 288 nas suas duas versões e ainda do Lancia Stratos dos rallies.

O 288 GTO nasceu da necessidade de produzir 200 carros de estrada para cumprir o regulamento oficial da FISA (Fédération Internationale du Sport Automobile) para o grupo B, acabando por a Ferrari produzir 272 carros e o 288 GTO Evoluzione o mesmo para a Ferrari poder competir em pista, tendo Michelotto construído 5 carros no total para a Ferrari. O grupo B chegou ao fim de um dia para o outro com os trágicos acidentes de Henri Toivonen e Sergio Cresta em Lancia Delta S4 no rally da Córsega em 1986. Isto deixou o GTO Evoluzione redundante sem qualquer local para competir. O sucesso comercial do 288 GTO e o facto de terem sido produzidos 5 protótipos, dos quais um foi retido pela fábrica, levou Enzo Ferrari a decidir fazer um carro de estrada ainda mais radical que o 288, colocando o seu desenvolvimento nas mãos mais do que outro do Eng. Materazzi. O desenho final do F40 tem a mão de Leonardo Fioravanti da casa Pininfarina, que foi convidado por Enzo Ferrari para ver e testar o GTO Evoluzione, tendo Enzo no final pedido a Fioravanti para “fazer um verdadeiro Ferrari homologado para a estrada”.

Com o seu interior minimalista, poderoso V8 biturbo e um acutilante chassis – não fosse o carro de competição para a estrada, o F40 estava mesmo a pedir por competição. E foi exactamente o que aconteceu. Os primeiros a pedir tal coisa foi o importador oficial Ferrari francês, Pozzi Ferrari France, e apesar de alguma inércia inicial da casa mãe, o bicho da competição pegou e a Ferrari deixou seguir o ímpeto. O especialista Michelotto, que teve em mãos a construção e desenvolvimento dos GTO Evoluzione, ficou com a tarefa de construir os diferentes modelos que pautaram as diferentes competições entre 1989 e 1996, tendo depois continuado a competir em diferentes eventos até 2006. Penso que este pedigree competitivo é um dos ingredientes que também ajudam o F40 a ser um ícone. Os diferentes modelos de competição desenvolvidos são o F40 LM (Michelotto, 19 produzidos) – LM de LeMans - F40 CSAI-GT (Michelotto, 6) – CSAI de Commissione Sportiva Automobilistica Italiana, F40 CSAI-GT (Nicodemi, 3) e F40 GTE (Michelotto, 6) – GTE de GT Evoluzione, a última encarnação do F40 para a competição automobilística.





Q U I N T A - F E I R A - 3 D E A G O S T O

SEPULTURA ALESTORM

BE'LAKOR - BESTA - CORPUS CHRISTII
DAGARA - DIETH - DRAGON'S KISS
SACRED SIN - VENDETTA FM

S E X T A - F E I R A - 4 D E A G O S T O

UGLY KID TOE



ALL AGAINST - GATECREEPER - GLASYA
LECKS INC. - MEGARA - NERVOSA
SEVENTH STORM - VICIOUSLY HATEFUL

S Á B A D O - 5 D E A G O S T O

triplykon
PERFORMING
celtic
frost



HEIDEVOLK - IMPERIAL TRIUMPHANT - MIDNIGHT
MONUMENTS - PRAETOR - PROCESS OF GUILT
PULL THE TRIGGER - SERRABULHO - URNE

@TOPLINKMUSIC

APRESENTA

ANGRA

THE BEST OF 30 YEARS EUROPE

CONVIDADOS ESPECIAIS

FANTASY

SPEED DEMON

BILHETES EM: UNKIND.PT

11 JUNHO **RCA CLUB** LISBOA

ABERTURA 19:00 - INÍCIO 20:00

V\$63

Downfall of Gaia



Foto: <https://downfallofgaia.bandcamp.com/> - Crédito ao autor